

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Caio de Souza Tedesco

**“NÓS SOMOS COMPLEXOS”: HISTORIOGRAFIA *QUEER* NA
CONTEMPORANEIDADE - UMA ANÁLISE DA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA
NO *NATIONAL MUSEUM: LGBT HISTORY AND CULTURE***

Porto Alegre

2018

Caio de Souza Tedesco

**“NÓS SOMOS COMPLEXOS”: HISTORIOGRAFIA *QUEER* NA
CONTEMPORANEIDADE - UMA ANÁLISE DA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA
NO *NATIONAL MUSEUM: LGBT HISTORY AND CULTURE***

Monografia apresentada ao Departamento de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Porto Alegre

2018

Caio de Souza Tedesco

**“NÓS SOMOS COMPLEXOS”: HISTORIOGRAFIA *QUEER* NA
CONTEMPORANEIDADE - UMA ANÁLISE DA OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA
NO *NATIONAL MUSEUM: LGBT HISTORY AND CULTURE***

Monografia apresentada ao Departamento de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt

Dra. Letícia Brandt Bauer

Profa. Dra. Natalia Pietra Mendez

Porto Alegre

2018

À memória de João Walter Nery, psicólogo, escritor, ativista e **transhomem pioneiro**. Sua viagem solitária possibilita que hoje caminhemos em conjunto. Obrigado.

AGRADECIMENTOS

“Eu não sou um corpo dócil”. Esta é uma das minhas frases preferidas e mais recorrentes. Me apego à tentativa de não me docilizar por demais, afinal, em uma sociedade que me ensinou que eu não poderia existir, não me docilizar é questão de sobrevivência. A cisheteronormatividade busca nos matar, mas reexistimos a ela.

Esta é uma frase que diz muito das minhas relações, também, não é à toa que inicio meus agradecimentos com ela. Agradeço a todas, todos e todes que alimentam a doçura deste corpo errante que busca transgredir e se indocilizar.

O caminho percorrido até que eu, Caio, caísse em mim, me aceitasse e me assumisse para viver enquanto o transmasculino que sou, foi permeado de inúmeros desafios, e ainda o é. Porém, neste mesmo caminho encontrei alicerces, laços que me ajudam a me manter, em um reduto de afeto me encontro privilegiado por estar rodeado de pessoas que me respeitam, me amam, me querem bem e me apoiam.

À minha mãe, Dilva, à minha irmã, Renata e à minha madrastra, Karine: meu amor e agradecimento, vocês são meu porto-seguro. Obrigado por sempre acreditarem em mim, por todo cuidado, afeto e incentivo. Ainda, em específico para a minha mãe: obrigado por nos apresentar a importância da Educação e sempre fomentar nossa sede por leitura, escrita, escuta, diálogo, aprendizado e alteridade. Tu és o meu maior exemplo profissional, espero um dia me tornar pelo menos metade da docente que tu és. Em específico, para minha irmã: muito obrigado pelos conselhos, pela escuta, por ser uma irmã mais velha paciente e amorosa que continuamente me inspira a me tornar uma pessoa melhor.

Para todas as minhas amigas e todos os meus amigos: obrigado pelas trocas, pela jornada compartilhada, pela confiança e pelos nossos laços profundos de respeito e afeto. Agradeço em especial: ao Rafael e à Cristine por dividirem a experiência do curso de História comigo e, ao longo desses anos, se tornarem pilares; à Luísa pelos desparafusamentos e à Gabrielle pelo desassossego em conjunto, fundamentais na constituição do eu-Caio. Agradeço, também em especial, aos meus dois amigos-irmãos de infância: João Vitor e Tiago, pelo refúgio, pelas experiências de ser e vivenciar, entre nós, a infância de uma criança que se permite e é permitida ser quem é, independente de “regras” ou “padrões” de gênero.

Agradeço também à Júlia, pela escuta, pela análise, pelo vínculo de respeito, pela confiança e cuidado. Obrigado por me ajudar a me encontrar dentro de mim.

“Corpo dócil” também é um conceito que aprendi durante estes anos de graduação, pelos quais gostaria de agradecer os preciosos aprendizados. Primeiro, agradeço à professora

Natalia, minha primeira orientadora, com quem aprendi que não somente é possível, mas é preciso fazer história e ensinar história sob uma perspectiva crítica, feminista, *queer*, anticolonialista, antirracista e anticapitalista. Segundo, agradeço ao meu querido orientador, Benito, que vem fazendo reexistência LGBT na Universidade há anos e se dedicou a orientar essa pesquisa com minúcia e empenho. Terceiro, agradeço à professora Carla, com a qual eu aprendi inestimáveis lições acerca do ensino de história, da *do-discência*, da descolonização dos saberes, da docência crítica, responsável e empática. Inspiro-me em vocês três na minha jornada em me tornar professor de história e historiador.

Agradeço, por fim, às companheiras, aos companheiros e es companheires de luta do TransENEM. Obrigado por todos os aprendizados no nosso enfrentamento aos desafios da educação popular, da horizontalidade, do ativismo LGBTQ+. Graças a vocês, eu-Caio tinha abrigo sem mesmo ter nome.

corpo-poesia

*das tuas linhas,
corpo em traços,
que traçam de si,
transformação.*

*corpo,
que transfigura
por fora
o que por dentro
revela
da alma.*

*poesia,
que dos versos
alinham
de mil potências
teu corpo ato.*

*corpo poesia
que dos pelos
revelam
no belo,
teu sôfrego
ensejo
em ser aquilo
que se é.*

*ao resistir
é corpo que
por dentro grita.*

*nega o murmúrio
da notícia,
e escancara
na negação
do espanto,
seu ser.*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as potencialidades de uma historiografia *queer* no *tensionamento* da cisheteronormatividade e da LGBTfobia. Para isso, foi realizado um estudo de caso tendo o *National Museum: LGBT History and Culture* como objeto de análise e, ao considerar o museu um produtor de narrativas históricas, investigamos a *operação historiográfica* (CERTEAU, 1982) realizada pela instituição. Sob uma perspectiva *queer* e feminista, este trabalho foi dividido em três partes: primeiro, o lugar social do Museu, enquanto *saber localizado* (HARAWAY, 1995) e *projeto* (VELHO, 1999); segundo, a prática historiográfica e, terceiro, a escrita da História no Museu. Nos dois últimos capítulos encontra-se a apreensão das concepções de gênero, sexo e sexualidade presentes na operação historiográfica da instituição, que possibilitou a problematização e reflexão sobre determinismo e fundacionalismo biológicos (NICHOLSON, 2000) na historiografia e os perigos da naturalização e essencialização das identidades e expressões de gênero e sexuais. Interseccionalidade e marcadores sociais da diferença (BRAH, 2006) são dois conceitos igualmente importantes nessa análise, pois permitem entender a complexidade e heterogeneidade da comunidade LGBTQ+, compreendendo que raça e classe também são marcadores constitutivos de sujeitos *queer*. Por fim, nas considerações finais encontram-se reflexões sobre o *National Museum LGBT* enquanto (re)produtor de uma história, memória e identidade *queer* estadunidense. Encerramos com uma reflexão sobre a necessidade de produzir história *queer* de maneira complexa, tendo em vista a formação das identidades *queer* enquanto constructos sociohistóricos que se baseiam na memória e na diferença para a sua consolidação. (BRAH, 2006; POLLAK, 1992).

Palavras-chave: História; Historiografia *Queer*; Museu LGBT; Gênero; Sexualidade;

ABSTRACT

This work aims to reflect on the potentialities of a queer historiography on tensioning cisheteronormativity and LGBTfobia. To do so, it conducts a case study of the “National Museum: LGBT History and Culture” as an object of analysis and, considering the Museum as a producer of historical narratives, it also investigates the *historiographic operation* (CERTEAU, 1982) carried out by the institution. From a feminist and queer perspective, this work was divided in three parts: first, the social place of the Museum, as a *situated knowledge* (HARAWAY, 1995) and as a *project* (VELHO, 1999); second, the historiographical practice and, third, the writing of history in the Museum. The last two chapters also are an apprehension of the conceptions of gender, sex and sexuality present in the historiographical operation of the institution, which enabled the problematization and reflection on biological determinism and biological foundationalism (NICHOLSON, 2000) in historiography and the dangers of naturalization and essentialization of gender and sexual identities and expressions. Intersectionality and social markers of difference (BRAH, 2006) are important concepts to this analysis, because they allow us to understand the complexity and heterogeneity of the LGBTQ+ community, understanding that race and class are also constitutive markers of queer people. Finally, in the conclusion it sustains an argument locating the National Museum LGBT as (re)producer of an American history, memory and queer identity. We end with a reflection on the need to produce queer history in a complex way, taking into account the formation of queer identities as sociohistorical constructs based on memory and difference to its consolidation. (BRAH, 2006; POLLAK, 1992).

Keywords: History; Queer Historiography; LGBT Museum; Gender; Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. “Nós sempre estivemos aqui”? O <i>National Museum LGBT</i> e(m) seu(s) contexto(s) sociohistórico(s).....	17
1.1. Movimento LGBT nos Estados Unidos da América (1950s - contemporaneidade)	18
1.2. A efervescência de espaços físicos e virtuais sobre memória, história e identidade LGBT na segunda década do século XXI.....	31
1.3. O <i>National Museum LGBT</i> em contexto: lugar social, localização e projeto	37
2. “Nós somos naturais”? A prática historiográfica no <i>National Museum LGBT</i>	45
2.1. Do naturalizado ao histórico: quais/como artefatos se constituem em história <i>queer</i> no <i>National Museum LGBT</i>	46
2.2. A prática no <i>Here I Am</i> – estratégias de planejamento para a complexificação da coleção e narrativas históricas (re)produzidas pelo museu	53
2.3. Nós somos naturais? O <i>National Museum LGBT</i> e a desnaturalização da cisheteronormatividade.....	57
3. “Nossa História é a História Americana”? A escrita da história no <i>National Museum LGBT</i>	59
3.1 Mensagens-chave: concepções de gênero, sexualidade e história nas premissas do <i>Here I Am</i>	62
3.2. “Sendo Família”, “Sendo Nós”, “Sendo Eu na América”: a história <i>queer</i> americana produzida no (e produtora do) “Aqui Estou”	65
Considerações Finais – “Nós somos plurais”: identidades, potencialidades e tensionamentos na/da operação historiográfica no <i>National Museum LGBT</i>	71
REFERÊNCIAS	76
GLOSSÁRIO.....	83

INTRODUÇÃO

Há grande valor em definir a possibilidade de ver a partir da periferia e dos abismos (HARAWAY, 1995, p. 22).

Ao elaborar a concepção de *saberes localizados* e articular uma reflexão crítica sobre essa ser uma maneira possível, responsável, honesta, delimitada e política de produzir saber científico e atingir objetividade, Donna Haraway utiliza a metáfora da visão, da ótica, das tecnologias de semiótica e possibilidades de visualizar, ser visionário, enxergar e produzir conhecimento a partir do(s) seu(s) próprio(s) olhar(es). Assim, sendo a localização do saber um dos conceitos principais que embasam este trabalho, bem como uma perspectiva feminista e *queer* crítica, penso que seja coerente introduzir-me enquanto o introduzo.

Caio: homem, branco, *transgênero*. De certa maneira nasci enquanto tal no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul quando, pela primeira vez, procurei escrever este Trabalho de Conclusão de Curso. Lembro-me das crises de ansiedade ao pensar: como posso falar de saberes localizados e *operação historiográfica* (CERTEAU, 1982) sem um lugar efetivo e honesto para mim, em mim?

Bem, a resposta é evidente já que não o fiz naquele período: não era possível. Por isso, procurei-me e me encontrei às margens da cisheteronormatividade, no ífero espaço que com mãos calejadas nós transgêneros cravamos para mantermo-nos resistentes existindo neste tempo e espaço do aqui e agora. Dessa maneira, ao perceber-me localizado em um abismo, tomo como máxima a possibilidade de valorização de tal posição, exposta por Haraway no início desta página.

A partir disto, afirmo que meu interesse pela(s) história(s) do movimento LGBTQ+ detém caráter pessoal e político entrelaçados. Afinal, mesmo que a identidade por si só não faça ciência, elucidar qual lugar você ocupa dentro das hierarquias que estruturam as relações de poder em nossa sociedade faz parte da elaboração de um saber parcial, localizado e responsável (HARAWAY, 1995), conforme aqui me comprometo a realizar dentro das minhas limitações.

Ao compartilhar de uma concepção de história *queer* e feminista, considero, a partir de Anne Fausto-Sterling (2001), Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2012), Genny Beemyn (2014), Joan Scott (1995), Judith Butler (2015), Linda Nicholson (2000), Michel de Certeau (1982), Michel Foucault (2013), entre outras(os), que a historiografia é produzida de forma localizada e que é um discurso potente tanto para manutenção da ordem social vigente

(cisheteronormativa, machista, racista, colonialista, patriarcal e capitalista) quanto para a sua subversão e transformação. Ou seja, partilho da convicção de que é preciso e possível, pela via da historiografia, desconstruir a ideia enraizada na contemporaneidade de que a heterossexualidade e a cisgeneridade são as únicas performances de desejo e gênero naturais e normais, ao invés de concebê-las como produtos de um tempo e espaço.

Seguindo esta lógica, compreendo que o corpo, por excelência, é onde o individual e subjetivo se encontram com o social e estruturante. Para tanto, é importante apreender de que maneira se dá a articulação entre corpo-indivíduo-político e corpo-social-político. Sobre isso, Fausto-Sterling elucidada:

Levo a sério as idéias de Foucault, Haraway, Scott e outros, segundo as quais nossas experiências corporais devem sua existência ao nosso desenvolvimento em culturas e períodos históricos particulares. Mas especialmente enquanto bióloga quero tornar mais específico o argumento. À medida que crescemos e nos desenvolvemos, nós, literalmente e não só “discursivamente” (isto é, através da linguagem e das práticas culturais), construímos nossos corpos, incorporando a experiência em nossa carne mesma. Para entender essa proposição, precisamos desgastar as distinções entre o corpo físico e o corpo social (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 59).

Assim, concebo o processo de “corporificação” des sujeitos¹, ou de materialização (FAUSTO-STERLING, 2001), ou de subjetivação e performance de gênero (BUTLER, 2015) como um processo político, social, cultural e, principalmente, histórico. É por tal motivo que percebo como responsabilidade do ofício de historiador/a/e historicizar gênero, sexo e sexualidade.

Nesse sentido, Certeau ainda elucidada que a história age na fronteira temporal no qual o passado encontra seu futuro, criado no presente, tendo potência discursiva para transformação de uma sociedade. Logo, o passado representando uma diferença é a história como agente de transformação. É a partir da junção destas concepções de História, Gênero, Sexo e Sexualidades que surgiu esta pesquisa.

Em uma conjuntura sociopolítica na qual, em âmbito nacional e internacional, eleições foram vencidas com base em *fakenews*, no proclamado tempo da pós-verdade em que a denominada *autoverdade*² gera mais efeito que os fatos, que a história e que a verdade, é

¹ Utilizarei sempre que possível, em coerência com a perspectiva crítica *queer*, pronomes neutros. Tenho como base o quarto sistema elencado no Guia para Linguagem Oral Não-Binária ou Neutra, disponível em: <<https://feliciagamingdiary.wordpress.com/2016/01/30/guia-para-a-linguagem-oral-nao-binaria-ou-neutra/>>. Último acesso em: 26/11/2018.

² Em texto elaborado para o El País, Eliane Brum escreveu: “O valor da autoverdade está muito menos no que é dito e muito mais no fato de dizer. ‘Dizer tudo’ é o único fato que importa. Ou, pelo menos, é o fato que mais importa. É esse deslocamento de onde está o valor, do conteúdo do que é dito para o ato de dizer, que também

imprescindível que historiadores, historiadoras e historiadoras combatam as falácias disseminadas no imaginário social de países como o Brasil e os Estados Unidos da América. Dentre essas mentiras, no Brasil foi inventada a “ideologia de gênero”, que nada mais é do que um discurso que provém do fundamentalismo religioso e do conservadorismo, alegando que o campo dos Estudos de Gênero na academia e, sobretudo, trabalhar com tal perspectiva nas escolas, seja

[...] um plano da “esquerda”, uma conspiração, para destruir a família (a base da sociedade) e assim destruir o capitalismo e o Estado e implantar o comunismo. O mais engraçado é que eles apontam os EUA e a ONU como líderes dessa conspiração pelo fato dos acordos internacionais prescreverem o combate às desigualdades de gênero e uma educação não sexista e promotora da igualdade (MOURA, 2018).

A invenção desta ideologia impulsionou o fechamento da exposição *Queermuseu* em Porto Alegre, em setembro de 2017 (BARROS et al., 2017) e fomenta a perseguição de professoras/es/ies (principalmente os de ensino fundamental e médio) em sala de aula, a fim de acabar com a educação sexual e com trabalhos que tenham por eixo gênero, diversidade e sexualidade. Além disso, contribui como um discurso ideológico que legitima a manutenção e, pior, o crescimento dos crimes movidos por ódio à população LGBTQ+ no Brasil. Nos relatórios *Quem a Homofobia Matou Hoje?*, realizados pelo Grupo Gay da Bahia³ anualmente, há a estimativa de que os assassinatos de LGBTQ+ cresceram 30% de 2016 para 2017 (MOTT et al., 2018). Em 2018, até o início de novembro 347 mortes foram contabilizadas (MICHELS; OLIVEIRA, 2018).

Com a iminência do aumento de crimes gerados pela LGBTfobia⁴, com a tentativa de silenciamento das vozes LGBTQ+, com a tentativa de liquidação das existências LGBTQ+,

pode nos ajudar a compreender a ressonância de personagens como Jair Bolsonaro e, claro, (sempre), Donald Trump. E como não são eles e outros assemelhados o problema, mas sim o fenômeno que vai muito além deles e do qual são apenas os exemplos mais mal acabados.” (BRUM, Eliane. *Bolsonaro e a autoverdade*. jul. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/16/politica/1531751001_113905.html>. Último acesso em: 26/11/2018).

³ “O Grupo Gay da Bahia é a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Fundado em 1980, registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987. É membro da ILGA, LLEGO, e da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT). Em 1988 foi nomeado membro da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde do Brasil e desde 1995 faz parte do comitê da Comissão Internacional de Direitos Humanos de Gays e Lésbicas (IGLHRC). Ocupa desde 1995 a Secretaria de Direitos Humanos da ABGLT, e desde 1998 a Secretaria de Saúde da mesma.

O GGB é uma entidade guarda-chuva que oferece espaço para outras entidades da sociedade civil que trabalham em áreas similares especialmente no combate à homofobia e prevenção do HIV e aids entre a comunidade e a população geral. O Centro Baiano Anti-Aids (CBAA), Grupo Gay Negro da Bahia Quimbanda Dudu, Associação de Travestis de Salvador (ATRAS), entidades que estão relacionadas à entidade com base em seu estatuto social, independentes, mas ligadas na luta da prevenção e combate ao preconceito” (MOTT, L. CERQUEIRA, M., 2003, disponível em: <<http://www.ggb.org.br/ggb.html>>, último acesso em: 06/11/2018).

⁴ Ato ou manifestação de ódio e/ou violência contra a população LGBTQ+.

seja pela via da violência física, seja pela via do apagamento de suas histórias e memórias, retomo a ideia de História como agente de transformação. Percebo, assim, como anseio do presente ao voltar o olhar para o passado, e responsabilidade do ofício de historiador(a/e) (CERTEAU, 1982), o dismantelamento e subversão do sistema que promove as hierarquias sociais que desumanizam pessoas LGBTQ+.

Todavia, primeiro se faz necessário entender estes conflitos que estamos enfrentando atualmente como divergências político-ideológicas. Indivíduos e grupos, apegados a conceitos retrógrados e “tradicionais” de família, do que é ser homem e do que é ser mulher (relacionando-os às práticas de desejo e de sexualidade), transparecem medo e raiva dos discursos feministas e *queer*. Perguntamo-nos: por que discursos e práticas políticas, pedagógicas e ideológicas que se propõem a construir uma realidade sociocultural com maior equidade de gênero incomodam e preocupam tanto esses sujeitos?

O problema é que o sistema gênero/sexo e desejo (BUTLER, 2015) é frágil pois, trata-se de um constructo sociohistórico que demanda que haja instituições, discursos, tecnologias, autoridades e uma cultura que o reproduza. Ao compreender gênero como “[...] uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86) que dá base para tal sistema, é a fragilidade de uma forma de estruturar hierarquicamente as relações sociais que está em jogo.

Esta hierarquia e os discursos que a propagam criam binarismos e desigualdades interligados: homem (superior) x mulher (inferior); cisgênero (normal, saudável) x transgênero (anormal, doente); heterossexual (normal, saudável) x homossexual (anormal, doente); monossexual - somente heterossexual (normal, saudável) x não-monossexual - bissexual, pansexual (anormal, doente). Percebe-se que, sobretudo, os discursos médico-biológicos têm um papel fundamental na patologização das identidades LGBTQ+s, mas esta é uma perspectiva sobre as relações de gênero que é amplamente (re)produzida pelos dispositivos discursivos em geral e, inclusive, pelos próprios corpos e sujeitos ao performar suas expressões e identidades de gênero e seus desejos sexuais. Assim, é a construção sociohistórica da normatividade cisgênera e heterossexual, da cisheteronormatividade, interligada ao constructo do binarismo de gênero, que alimentam o sistema gênero/sexo e desejo no que condiz a identidades e expressões de gênero e orientações sexuais.

Dessa forma, o contexto atual soma-se à possibilidade e ao dever historiográfico de historicizar o sistema gênero/sexo e desejo vigente a fim de combater as desigualdades e violências cometidas pela histórica desumanização⁵ da população LGBTQ+. Torna-se, sem dúvidas, imprescindível que se produza e que se estude historiografia *queer*.

Assim, pretendo realizar nesta monografia um estudo de caso sobre o *National Museum - LGBT History and Culture* [Museu Nacional - História e Cultura LGBT⁶]. Este museu, cujo projeto foi elaborado em 2007 por Tim Gold, propõe-se a “[...] identificar, estudar, e apresentar as contribuições sociais, históricas e culturais da comunidade LGBT para a sociedade estadunidense [...]” (VELVET FOUNDATION, 2016a)⁷ e, segundo Jean Baptista e Tony Boita “anuncia [...] se tornar uma das maiores referências mundiais sobre o tema” (BAPTISTA & BOITA, 2014, p. 180).

Atualmente, o *National Museum LGBT* constitui-se de uma coleção de mais de 5.000 artigos (VELVET FOUNDATION, 2016b) e de um *site* oficial⁸. Seu espaço físico está previsto para ser inaugurado em junho de 2019, no quinquagésimo aniversário da Rebelião de Stonewall⁹, em Nova York (VELVET FOUNDATION, 2016a). Por tal motivo, as principais fontes desta pesquisa provêm de seu *site* oficial, dividido entre: *About, Outreach, Strategic Planning, Collections* (subdividido entre *Collections Policy* e *Preview Our Collections*) e *Exhibitions* [Sobre, Divulgação, Planejamento Estratégico, Coleções (subdividido entre Política de Coleções e Visualize Previamente Nossas Coleções) e Exibições]. Além destes documentos, foram selecionadas dez matérias jornalísticas, datadas de 2012 a 2016, sobre o museu e a *Velvet Foundation* [Fundação Velvet] — criada em 2007, por Tim Gold, a fim de arrecadar fundos e coleções para arquitetar o *National Museum LGBT*.

Ao considerar o museu um produtor de narrativas históricas, buscarei analisar a operação historiográfica realizada pela referida instituição. Para tanto, esta monografia segmenta-se em três capítulos, conforme a divisão tripartite do próprio conceito orientador da

⁵ A desumanização é um problema sociocultural sofrido pela comunidade LGBTQ+ internacionalmente (OLIVEIRA; PORTO, 2014). Funciona de maneira similar à desumanização promovida pelo colonialismo (WALSH, 2009), pois parte do processo de caráter ontológico da negação da humanidade deste contingente populacional, elaborado por discursos médico-patologizantes, religiosos, midiáticos, jurídicos, escolares etc. Em alguns discursos a elaboração se dá pela presença e pela negatização das existências divergentes do sistema gênero, sexo e desejo. Noutros, como o historiográfico, se verifica sobretudo pela ausência: a pretensa falta de história, a pretensa falta de identidade, a pretensa falta de existência humana.

⁶ Todas as traduções deste trabalho são de inteira responsabilidade minha.

⁷ “[...] to identify, study, and showcase the social, historical, and cultural contributions of the lesbian, gay, bisexual, and transgender community to US society [...]”.

⁸ Endereço virtual: <<http://www.nationalmuseum.nyc/>>. Último acesso em: 26/11/2018.

⁹ Sobre a qual discorrerei no primeiro subcapítulo desta monografia.

análise, segundo Certeau (1982): primeiro, “*Nós sempre estivemos aqui*”¹⁰? *O National Museum LGBT e(m) seu(s) contexto(s) sociohistórico(s)*, sobre o lugar social desta história; segundo, “*Nós somos naturais*”¹¹? *A prática historiográfica no National Museum LGBT*, sobre a prática historiográfica desta operação; e o terceiro, “*Nossa História é a História Americana*”¹²? *A escrita histórica no National Museum LGBT*, sobre a escrita historiográfica efetivada pela instituição, sua produção final e sua função social.

Assim, o capítulo primeiro trata do lugar social do *National Museum LGBT*, do contexto sociohistórico que possibilitou tal produção historiadora. Logo, abarca a história do movimento LGBT estadunidense (1950 - contemporaneidade); a inserção do museu em uma conjuntura ampla de efervescência de espaços de memória e história LGBT no século XXI; e, por fim, o contexto com o qual o *National Museum LGBT* dialoga: como tem sido “recebido” pela sociedade estadunidense, pelos movimentos¹³ *queer* atuais e pelos seus pares — fundadores/as de outros museus *queer*, historiadoras(es), arquivistas, enfim, profissionais da área dos Estudos de Gênero e da Memória e História LGBTQ+ estadunidense. Neste capítulo, também procurarei compreender a trajetória do museu como um *projeto* (VELHO, 1999) que visa (re)produzir uma identidade LGBTQ+ nacional estadunidense, a partir de um espaço museológico que dá visibilidade à memória(s) e história(s)¹⁴ desse grupo. No segundo capítulo, buscarei apreender a História produzida pela instituição como prática científica. Ou seja, analisar as fontes, objetos de pesquisa e os referenciais teórico-metodológicos utilizados pelo *National Museum LGBT* será o objetivo. O terceiro capítulo, por sua vez, é no qual a escrita da história realizada pelo Museu será examinada, sobretudo sua função social.

Em concordância com uma perspectiva crítica, *queer* e feminista, compreender as concepções de gênero, sexo e sexualidade presentes na operação historiográfica elaborada pelo Museu e as implicações políticas e historiográficas desses usos também é uma meta desta pesquisa. Assim tendo em mente o tensionamento entre a essencialização e a desconstrução dos conceitos e categorias de análise gênero, sexo e sexualidade dentro dos Estudos de

¹⁰ *Key Message* [Mensagem-chave] “We’ve always been here”. O Museu elaborou sete mensagens-chave que são concepções orientadoras do seu trabalho (VELVET FOUNDATION, 2016e). Nessas mensagens inspirei-me para elaborar todos os títulos desta monografia.

¹¹ Mensagem-chave “We are natural” (VELVET FOUNDATION, 2016e).

¹² Mensagem-chave “Our Story is America’s Story” (VELVET FOUNDATION, 2016e).

¹³ O plural assinala a heterogeneidade dos movimentos *queer*, que não se resumem em um conjunto único e coeso.

¹⁴ Os plurais em parênteses esboçam meu questionamento quanto ao espaço para a pluralidade e diversidade de memórias e histórias.

Gênero e dos movimentos feministas e LGBTQ+'s, buscarei apreender os referenciais teórico-metodológicos e a função social do Museu amalgamada em tal tensão.

Portanto, o conceito de operação historiográfica será utilizado sob uma perspectiva feminista e *queer*, como já sinalizado anteriormente. Dessa forma, parto do supracitado conceito de saberes localizados (HARAWAY, 1995), para emprestar à ideia de operação historiográfica uma orientação feminista, tendo em vista que, apesar de Certeau elaborar tal noção pensando na relação da História com a sociedade na qual ela é produzida, não considerou as questões de gênero e subjetividade relacionada a marcadores sociais em sua elaboração.

Os saberes localizados dizem respeito à relação entre objetividade e subjetividade na produção de conhecimentos científicos. Haraway atenta para a percepção de que nenhum(a) pesquisador(a) parte de um lugar de neutralidade para efetuar seu trabalho, mesmo que haja uma suposta neutralidade no chamado “sujeito do iluminismo”, devido à não marcação da diferença no que condiz ao gênero masculino, à branquitude e à cisheterossexualidade, por exemplo.

Portanto Haraway propõe, assim como Certeau, pensar no lugar social da produção do conhecimento científico. Contudo, detém-se e aprofunda-se na proposta da produção de saberes parciais e localizados, relacionados com a subjetividade de quem os produz, mas elaborados com uma objetividade científica. A autora afirma que os saberes, quando localizados, evitam o simplismo e a falácia da produção de verdades universais e absolutas. Dessa maneira, neste trabalho, buscarei articular estes conceitos a fim de considerar a operação historiográfica no *National Museum LGBT* como um saber localizado.

Na conclusão, encontrar-se-ão considerações sobre as potencialidades do museu: primeiro, em tornar-se um espaço de (re)produção de uma identidade LGBTQ+ nacional estadunidense; segundo, em tensionar a cisheteronormatividade e a LGBTfobia. Sobretudo, pretendo problematizar a função social do museu diante da interseccionalidade (DAVIS, 2016)¹⁵, da pluralidade e da heterogeneidade inerentes à comunidade *queer* estadunidense. Com base em Avtar Brah (2006) e Michael Pollak (1992) buscarei refletir sobre memória coletiva, historiografia e diferença.

¹⁵ Inspiro-me em “Mulheres, Raça e Classe” de Angela Davis (2016) ao utilizar este conceito. Conforme Djamila Ribeiro afirmou, tal trabalho é “[...] a tradução do conceito de interseccionalidade” (RIBEIRO, 2016, p. 13. Apud. DAVIS, 2016).

1. “Nós sempre estivemos aqui”? O *National Museum LGBT* e(m) seu(s) contexto(s) sociohistórico(s)

Apreender o lugar social é o primeiro passo para compreender a operação historiográfica realizada no *National Museum LGBT: History and Culture*. Portanto, analisar e refletir sobre os contextos sociohistóricos que o possibilitam é o foco deste capítulo. Assim surge a primeira questão, inserida no título acima: nós sempre estivemos aqui? Qual o contexto sócio histórico que abre espaço para a produção histórica e historiográfica *queer* em questão?

Certeau, ao elucidar do que se trata o lugar social da operação historiográfica, explica que “toda interpretação histórica depende de um sistema de referência” (CERTEAU, 1982, p. 67). Dito isto, volto ao questionamento introdutório desta análise de outra maneira: qual sistema de referências possibilita a elaboração historiográfica do *National Museum LGBT: History and Culture*? Onde ele se encontra e como ele se forma/ou? Penso que o sistema de referência relacionado ao projeto da referida instituição provém justamente do que Wakimoto (2012) explica abaixo:

As histórias das comunidades *queer* nos Estados Unidos [...] incluem as reações das comunidades *queer* à discriminação e marginalização, a criação de organizações das comunidades para apoio e ação conjunta, e o compromisso de preservar as histórias destas comunidades. Enquanto as comunidades *queer* são incrivelmente diversas, tais temas as uniram, não de maneira a criar um todo homogêneo, mas em forma de rede, interconectando as organizações e movimentos que obtiveram ganhos significativos nos direitos civis e têm o registro de suas ações e membros preservado nos arquivos da comunidade *queer* (WAKIMOTO, 2012, p. 13).¹⁶

Ou seja, a produção historiográfica LGBT provém do seio desta comunidade: suas histórias que estão intrinsecamente relacionadas à história de sua historiografia.

Para tanto, ao propor uma análise que reivindica uma perspectiva crítica, feminista e *queer* sobre uma produção historiográfica LGBT, torna-se imprescindível articular o conceito de lugar social com reflexões teórico-metodológicas da área de Estudos de Gênero. Dessa maneira, buscarei entrelaçar a tal exercício o supracitado conceito de *saberes localizados* de Donna Haraway (1995).

¹⁶ “The histories of the queer communities in the United States [...] include the queer communities reactions to discrimination and marginalization, their creation of community organizations for support and concerted action, and their commitment to preserving the communities’ histories. While the queer communities are incredibly diverse, these themes united them, not into a homogenous whole, but into an interconnected web of organizations and movements that have made significant gains in civil rights and have the record of their actions and members preserved in queer community archives”.

Para localizar um saber, por sua vez, não basta explicitar os marcadores sociais de suas autoras e/ou autores, sejam tais marcadores da diferença, sejam eles privilégios. É necessário enunciar de que maneira esses marcadores possibilitam olhares entrecruzados em sua ótica, junto às tecnologias, posicionamentos e ideologias que compõem uma determinada perspectiva e compreendem o mundo visualizado por esse olhar.

Ademais, buscarei refletir sobre a trajetória do museu como um *projeto* (VELHO, 1999) — individual e coletivo. Procurarei investigar, nesse sentido, as intenções e potencialidades deste projeto no contexto da formação e consolidação de uma identidade LGBT nacional estadunidense, da desconstrução da cisheteronormatividade e do combate à LGBTfobia, a partir de um espaço museológico que dá visibilidade a memórias e histórias desse grupo.

Assim, a partir do entrelaçamento da localização deste saber, da apreensão de seu lugar social e da compreensão da trajetória do museu como um projeto, tais problematizações serão colocadas em questão: qual campo de possibilidades torna possível um projeto de museu LGBT? De qual ou quais olhar(es) surge este projeto? Como esse olhar dialoga com outros de historiadores, arquivistas, museólogos e/ou ativistas LGBT's? Há reconhecimento do projeto pelos pares? Quais implicações sociopolíticas possibilitaram seu surgimento? É possível, a partir da apreensão da história do movimento LGBT estadunidense, compreender de qual contexto surge a urgência em elaborar histórias e espaços de memória LGBT naquele país? O referido museu está relacionado a algum projeto mais amplo da comunidade LGBT dos EUA?

Dessa maneira, pretendo nas páginas abaixo tecer uma narrativa histórica sobre o movimento social LGBT estadunidense; localizar o museu em um amplo espectro da efervescência de espaços físicos e virtuais sobre memória, história e identidade LGBT; e, por fim, demonstrar como o projeto do museu foi recebido nos Estados Unidos, com base nas notícias selecionadas como fontes desta pesquisa, que datam de 2012 a 2016.

1.1. Movimento LGBT nos Estados Unidos da América (1950s - contemporaneidade)

Discorrerei agora sobre o surgimento e transformações do movimento LGBT estadunidense tendo como base as seguintes autorias¹⁷: Diana Kiyoko Wakimoto (2012) e

¹⁷ Como já explicado anteriormente, em coerência com a perspectiva crítica queer, utilizarei, sempre que possível, os pronomes neutros. Ressalto que neste caso em específico, torna-se mais relevante ainda, pois é o único pronome que reconhece a identidade não-binária de Genny Beemyn.

Gemmy Beemyn (2014): a primeira elaborou uma narrativa da história desse movimento desde seu princípio, na década de 1950, a partir da historiografia já produzida; já Beemyn traça uma análise mais extensa em seu estudo *Transgender History in the United States* [História Transgênera nos Estados Unidos] que lança uma perspectiva crítica à cisheteronormatividade presente na historiografia em geral. Andrew Matzner (2015), Laurie Collier Hillstrom (2016) e Ruth M. Pettis (2015) são outras autorias politicamente engajadas e *queer* que auxiliam a elaborar esta pesquisa.

Segundo Wakimoto, a década de 1950 marca o princípio do movimento LGBT nos Estados Unidos devido a seus antecedentes. A autora elucida que a Segunda Guerra Mundial deixou uma profunda marca na cultura norte-americana, pois

A realidade de uma economia de guerra não só proporcionou às mulheres, mesmo que por um tempo limitado, independência através do trabalho remunerado, ela também moveu e concentrou pessoas geograficamente dando a elas oportunidades de crescer como indivíduos, incluindo a exploração de suas sexualidades (WAKIMOTO, 2012, p. 15).¹⁸

Ou seja, quanto às relações de gênero, a década de 1940 abriu espaço para performances não-heteronormativas no que condiz a desejo, expressões e papéis de gênero.

Pettis vai ao encontro de Wakimoto e afirma que a realocação de milhares de jovens adultos, concentrados em centros urbanos e/ou industriais, nos quais muitos permaneceram após a guerra, abriu espaço para expressarem suas liberdades individuais. Além disso, Wakimoto afirma que tal redistribuição geográfica gerou a possibilidade de criar um senso de pertencimento a um grupo, datando desta década o princípio da comunidade *queer* estadunidense.

Todavia, no pós-guerra houve um retrocesso cultural, político e social nas relações de gênero. A década de 1950 trouxe consigo o retorno à manutenção do sistema gênero/sexo e desejo cisheteronormativo, machista e patriarcal. A chamada *Era McCarthy* foi marcada por intensa homofobia. Em 1952, a homossexualidade entrou no primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) da Associação Psiquiátrica Americana como um distúrbio de personalidade sociopático e, logo em seguida, em 1953, o presidente Eisenhower emitiu o decreto 10450 que proibia cidadãos que cometessem “perversão sexual” de trabalhar no serviço federal. Ou seja, os discursos médico-patologizante e jurídico legitimaram, autorizaram e (re)produziram a discriminação; enquanto proibiram que mulheres e homens

¹⁸ “The realities of a wartime economy not only gave women, if only for a limited time, independence through outside employment, they also moved and concentrated people geographically giving them opportunities to grow as individuals, including in the exploration of their sexuality”.

homossexuais levassem sua vida com direitos iguais, tranquilidade e plenitude. Pettis considera, inclusive, que os e as homossexuais tornaram-se bodes expiatórios na Guerra Fria, tamanha a perseguição. A autora resume a década como

[...] um período de perseguição policial, caça às bruxas, suspeitas de deslealdade e demissão de empregos, principalmente no setor público. Nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, durante a década de 1950, milhares de indivíduos foram presos e encarcerados por serem acusados de serem homossexuais (PETTIS, 2015, p. 2).¹⁹

Dessa maneira, segundo a narrativa de Pettis e Wakimoto, os movimentos lésbico e gay nos Estados Unidos surgiram como uma resposta diante de tal conjuntura adversa.

Assim, as duas primeiras organizações voltadas a lutar por equidade e direitos civis para os homossexuais se formaram: *Mattachine Society* [Sociedade Mattachine], em 1951, criada por e para homens gays²⁰; e *Daughters of Bilitis* [Filhas de Bilitis], em 1955, fundada por um casal de mulheres lésbicas e também para mulheres lésbicas. Estes grupos originaram o *movimento homófilo*, considerado como assimilatório (WAKIMOTO, 2012) por sua intenção de integrar homens e mulheres homossexuais na sociedade, fomentando uma normalização da homossexualidade em conformação com os padrões de gênero cisheteronormativos do período (PETTIS, 2015).

Em termos gerais, o movimento homófilo impulsionou o processo de formação de uma comunidade LGBT, sobretudo a partir de periódicos, como, por exemplo, *The Ladder* [A Escada], criado pela *Daughters of Bilitis*; *Mattachine Review* [Revista Mattachine], da *Mattachine Society*; e *ONE Magazine*, uma revista elaborada por membros da *Mattachine Society*, porém desvinculada do grupo. Ainda, é importante ressaltar que a gênese do movimento social LGBT estadunidense se deu basicamente por pessoas brancas de classe média (MATZNER, 2015), sem a inclusão daqueles e daquelas que Beemyn caracteriza como *gender nonconforming people* [pessoas de gênero inconformes²¹].

Evidentemente, isso não significa que não houvesse pessoas que divergiam da cisheteronormatividade. Nesse sentido, Beemyn nos apresenta pontos importantes referentes à história das pessoas trans nos Estados Unidos deste período. E autore elucida que na década de 1950 a classe médica passou a discutir sobre o que forma o gênero (genitália ou mente) e a considerar que poderia haver um “sexo psicológico”, a partir dos estudos do endocrinologista

¹⁹ “For gay men and lesbians, the 1950s was a time of police harassment, witch hunts, suspicions of disloyalty, and dismissals from jobs, especially in the public sector. In the United States and Great Britain, throughout the 1950s, thousands of individuals were arrested and imprisoned on homosexual charges”.

²⁰ Acredito que seja interessante pontuar que três dos membros fundadores provinham do Partido Comunista, ou seja de uma trajetória no movimento social e político contra as desigualdades sociais.

²¹ Termo que utilizarei para me referir a pessoas que divergiam dos papéis de gênero que eram impostos nos períodos contemporâneos a elas, quando anterior à formação de uma identidade transgênera.

Harry Benjamin. Assim surgiu o termo *transsexual* na medicina, na época para se referir ao que os médicos compreendiam como “pessoas que sentem que pertencem ao sexo oposto”. Benjamin defendia que transexuais precisavam de tratamento hormonal e cirurgias para estar de acordo com seu “sexo psicológico” e, dessa maneira, ele e Christine Jorgesen ficaram famosos a partir da publicidade feita sobre a transição dessa última²². Christine, como Beemyn explica,

[...] trouxe o conceito de “mudança de sexo” para as conversas diárias nos Estados Unidos, serviu como um modelo para muitos outros indivíduos transsexuais para se compreenderem e procurarem tratamento médico, e transformou o debate sobre a eficácia de prover hormônios e cirurgias de afirmação de gênero para indivíduos que se identificavam com o gênero diferente daquele que lhes foi assignado quando nasceram. De acordo com o frenezí midiático em torno de Jorgesen, a maioria do público estadunidense passou a reconhecer que a “mudança de sexo” era uma possibilidade válida (BEEMYN, 2014, p. 13).²³

Assim, a publicação do livro *The Transsexual Phenomenon* [O Fenômeno Transexual], de Benjamin em 1966, a própria autobiografia de Christine Jorgesen lançada em 1967 e todo o processo em torno do caso geraram ruídos que balançaram para os norte-americanos a concepção ocidental hegemônica de que o gênero provém estritamente, intrinsecamente e naturalmente do sexo, isto é, das genitálias (LAQUEUR, 2001; FOUCAULT, 2013).

A década de 1960, em geral, foi um período de intensas transformações sociais e culturais, que motivaram grandes mudanças no desenrolar da história dos movimentos lésbico e gay, e promoveram o início do movimento de pessoas transexuais. Em meados dos 60’s o movimento homófilo passou a se radicalizar, inspirado no movimento por direitos civis, no movimento *Black Power*, no movimento de mulheres etc (MATZNER, 2015). Por conseguinte, as táticas de muitas organizações deixaram de ser assimilatórias para defender a ideia de orgulho *queer*²⁴ e protestar por direitos iguais e respeito à diversidade. Isso gerou uma fragmentação no movimento, na qual diferenças geracionais falaram mais alto, pois a maior parte desses grupos — considerados radicais no período — era formada por estudantes

²² Jorgesen nasceu em 1926 e, convicta na sua identidade autopercebida e no seu desejo em realizar modificações corporais, passou a estudar hormonizações. Isto a levou para a Dinamarca, a fim de encontrar um médico que atendesse seu desejo de harmonizar-se. Assim, entre 1950 e 1952 fez um intenso tratamento de hormonização e cirurgias, com Chritian Hamburger. Benjamin, por sua vez, estudou o caso de Jorgesen para a publicação de seu livro (BEEMYN, 2014).

²³ “[...] brought the concept of “sex change” into everyday conversations in the United States, served as a role model for many other transsexual individuals to understand themselves and pursue medical treatment, and transformed the debate about the efficacy of providing hormones and gender-affirming surgeries to individuals who identified as a gender different from the one assigned to them as birth. Following the media frenzy over Jorgesen, much of the US public began to recognize that “sex change” was indeed possible”.

²⁴ Um grande exemplo disto foi o slogan “Gay is Good” (“Gay é Bom”) da Conferência Norte-Americana de Organizações Homófilas em 1968 (WAKIMOTO, 2012).

universitários. Inclusive organizações estudantis gays começaram a se formar, sendo a *Columbia's Student Homophile League* [Liga Homófila Estudantil da Columbia], a primeira de muitas, fundada em 1967, na *Columbia University* [Universidade de Columbia] em Nova York.

Os protestos promovidos na década de 1960 marcam a visibilidade da comunidade *queer* como um grupo social, afirma Wakimoto. Um dos relevantes exemplos mencionados pela autora foi o protesto que ocorreu na frente da Casa Branca, em 23 de outubro de 1965, contra a discriminação promovida pelo governo federal estadunidense para com os “cidadãos homossexuais americanos” (WAKIMOTO, 2012, p. 17). Foi justamente nesta atmosfera que, de acordo com Beemyn,

[...] o paradigma médico estadunidense relacionado à transexualidade começou a mudar, assim as cirurgias de afirmação de gênero se tornaram mais acessíveis. [...] os profissionais da área de saúde mental não conseguiram apontar para uma pessoa transexual que tivesse sido “curada” do seu desejo de mudar de sexo [...]. Ao mesmo tempo, a primeira publicação sobre os efeitos da cirurgia de afirmação de gênero demonstrou os benefícios da intervenção médica (BEEMYN, 2014, p. 16).²⁵

Diante disto, foi criada a primeira clínica de identidade de gênero nos Estados Unidos, na *Johns Hopkins University* [Universidade de John Hopkins], em 1966 — após essa, surgiram muitas outras, estima-se que em dez anos chegaram a ter mais de quarenta clínicas por todo o país (BEEMYN, 2014).

Junto das clínicas, estabeleceu-se um modelo de quem seria “realmente transexual”: alguém que estivesse de acordo com as normas binárias de gênero e que fosse “heterossexual após a transição”. Beemyn conta que, nos seus primeiros dois anos e meio, a clínica na *Johns Hopkins University* recebeu mais de 2000 solicitações de transgêneros ávidos por tratamento, mas atendeu apenas 24 delas.

Ademais, a visibilidade que a transexualidade passou a ter a partir da criação das clínicas em conjunto da repercussão midiática em torno de Jorgesen fomentou a fundação das primeiras organizações de pessoas transgêneras. Em 1967, foi criada em São Francisco a *Conversion Our Goal* [Conversão Nosso Objetivo], o primeiro grupo de apoio feito por e para pessoas trans. Em 1968, por sua vez, foi fundado o *National Transsexual Counseling Unit* [Unidade Nacional de Aconselhamento Transexual], também em São Francisco, e o *Labyrinth*

²⁵ “[...] the dominant US medical paradigm related to transsexuality began to shift, did gender-affirming surgery become more available. [...] mental health professionals could not point to even one transsexual person who had been “cured” of a desire to change sex [...]. At the same time, the first published studies of the effects of gender-affirming surgery demonstrated the benefits of medical intervention.” (BEEMYN, 2014, p. 16).

[Labirinto], em Nova York, sendo a última organização criada especificamente para auxiliar homens trans.

Outro ganho do final da década de 1960 foi a liberação, por via judicial, de bares na cidade de Nova York para atenderem pessoas LGBT, o que contribuiu para uma despreocupação dessas em serem presas em seus momentos de sociabilidade noturna. Porém, como explica Laurie Collier Hillstrom (2016), 1969 foi um ano de eleição e, a fim de demonstrar empenho em “limpar as ruas da cidade”, o prefeito de Nova York incentivou que a polícia aprisionasse prostitutas, traficantes de drogas, moradores de rua e pessoas LGBT. Por esse motivo, os bares que atendiam tal população voltaram rapidamente a serem alvos das batidas policiais. Em função disso, o *Stonewall Inn*, um bar feito para atender o público LGBT, em seus primeiros anos (1967-1969) obteve o disfarce de clube privado, uma das maneiras que seu dono²⁶ encontrou de evitar os referidos ataques. Todavia, a popularidade do local chamou muita atenção das autoridades nova-iorquinas.

À vista disso ocorreu a consagrada Rebelião de Stonewall. Um dos marcos mais profundos da história LGBT resultou da resposta contra a truculência policial que assolava as LGBTQ+’s sistematicamente, sobretudo trabalhadores/as/ies, negros/as/es, pessoas transgêneras e outras pessoas de expressão de gênero divergente das normas. A questão, como coloca Hillstrom, é que “Normalmente, as pessoas que frequentavam bares gays não estavam interessadas em causar problemas. Eles tendiam a cooperar com a polícia para evitar serem presas e expulsas” (2016, p. 3)²⁷. Porém, naquela noite, houve reação contrária ao ataque policial e, “[...] em vez de fugir silenciosamente como a polícia esperava, muitas pessoas esperavam do lado de fora na calçada ou no parque do outro lado da rua” (HILLSTROM, 2016, p. n/a²⁸)²⁹. Dessa maneira, uma multidão revoltada com a discriminação que sofria se reuniu na rua em frente ao bar, encurralou a polícia dentro do estabelecimento e, durante seis dias, o entorno do *Stonewall Inn* tornou-se violento, permeado por confrontos entre policiais e LGBTQ+’s.

É interessante ressaltar três elementos que impulsionaram o acontecimento da Rebelião de Stonewall: primeiro, aqueles e aquelas que iniciaram a rebelião, e que seriam aprisionados/as/es, eram transgêneros/as/es, *butchs*, *dragqueens*, *crossdressers*; segundo, o

²⁶ Hillstrom também explica que o bar era administrado por mafiosos que pagavam propina a alguns policiais, e que essa era uma situação comum para estabelecimentos de sociabilidade LGBT.

²⁷ “Ordinarily, people who frequented gay bars were not interested in causing trouble. They tended to cooperate with the police in order to avoid being arrested and outed”

²⁸ Cópia sem referência de páginas.

²⁹ “[...] rather than slipping away quietly as the police expected, many people waited around outside on the sidewalk or in the park across the street”.

Stonewall era um bar sobretudo de trabalhadores/as/ies, latinos/as/es, negros/as/es; terceiro, ao redor do bar se encontravam duas praças, nas quais jovens LGBTs moradores de rua viviam. Isso torna a intersecção entre raça, gênero e classe nas relações de poder extremamente perceptível, pois, aos olhos da repressão, Stonewall não era “apenas” um “antro” de lésbicas, gays, transgêneros/as/es, *crossdresses* etc; era também um “antro” de LGBTQ+’s latinos/as/es, negros/as/es, trabalhadores/as/ies e moradores/as/ies de rua. Era, pois, um “antro” de pessoas nas quais os *marcadores sociais de diferença* (BRAH, 2006) eram múltiplos e faziam com que se tornassem, muitas vezes, dupla ou triplamente alvos da truculência policial.

A Rebelião de Stonewall teve suma importância na história: os seis dias de confronto ganharam grande visibilidade e impulsionaram o crescimento em número e força do Movimento LGBT. Se, anteriormente à Stonewall, havia movimentos assimilatórios, após a revolta a radicalização foi generalizada e a igualdade se tornou o grande objetivo, como é possível perceber na citação abaixo:

[...] ela se tornou um ponto de encontro de memória coletiva para as comunidades *queer* (Armstrong & Crage, 2006). Como D’Emilio explicou, “Igualdade ao invés de ‘compreensão’ passou a ser o objetivo” (p. 199). (WAKIMOTO, 2012, p. 19).³⁰

Este excerto também nos apresenta a Rebelião de Stonewall como um marco na História LGBT e na memória coletiva da comunidade *queer* estadunidense. Wakimoto, assim como Beemyn, argumentam que a Rebelião de Stonewall foi um divisor de águas entre uma história de ativismo e militância que estava se tecendo há mais de uma década e a história que fomentou, marcada pelo engrandecimento, visibilidade e radicalização do movimento LGBT.

Por conseguinte, na década de 1970, houve uma efervescência de organizações de militância LGBT. Essa era formada sobretudo por jovens LGBTQ+’s e, reitero, detinha um caráter mais radical — que acabou por vez com o movimento homófilo, o qual já vinha se enfraquecendo desde meados dos anos 1960. Outra característica relevante é que essas organizações não foram formadas apenas por mulheres e homens cisgêneros homossexuais, mas também por transgêneros/as/es, *dragqueens* e *crossdressers*, ou seja, a elas aderiram aquelas e aqueles que divergiam do sistema gênero/sexo e desejo em primeiro lugar pela via da expressão e identidade de gênero:

Os jovens LGBT, em particular, sentiram uma sensação de poder e estavam dispostos a permanecer no armário. Na época dos motins de Stonewall,

³⁰ “[...] it has become an important rallying point and collective memory for the queer communities (Armstrong & Crage, 2006). As D’Emilio (1998) explained, ‘Equality rather than ‘understanding’ became the goal’ (p. 199)”.

grupos de direitos gays - muitas vezes seções da Liga Estudantil de Homófilos - existiam em apenas seis faculdades nos Estados Unidos, quase todas grandes universidades do nordeste. Em 1971, grupos foram formados em centenas de faculdades e universidades em todo o país (BEEMYN, 2003). [...] muitos dos novos grupos nomearam-se inspirados na Frente de Libertação Gay (GLF) que foi formada na cidade de Nova York um mês depois dos tumultos, e normalmente tinha uma agenda política mais radical do que as organizações estudantis anteriores. Muitos desses grupos também foram inicialmente mais receptivos a *crossdressers*, *dragqueens* e transexuais do que os grupos pré-Stonewall, e várias pessoas transexuais ajudaram a formar as Frentes de Libertação Gay (BEEMYN, 2014, p. 22)³¹.

O principal modo de embate contra a discriminação de gênero e sexualidade no pós-Stonewall, em conformidade com uma perspectiva mais combativa, ainda inspirada nos movimentos pelos direitos civis, *Black Power*, feministas e contra a guerra do Vietnã, foram as manifestações públicas. Wakimoto refere que a cultura de protestar na rua culminou “[...] em 1979 com 75.000 pessoas participando da Marcha Nacional sobre Washington pelo Direito Lésbico e Gay (Marcus, 2002)” (2012, p. 19)³².

Outras organizações que se formaram após Stonewall na década de 1970 e são importantes de serem lembradas foram os grupos constituídos por transgêneros/as/es. Se, na década de 1960, surgiram grupos para orientar transições e estabelecer uma rede de afetos e apoio, focando na relação das pessoas transgêneras com uma sociedade cisnormativa já instituída, na década de 1970, a luta por direitos para pessoas transgêneras também passou a fazer parte de uma agenda mais combativa e revolucionária. Beemyn cita três organizações notáveis do período: a STAR (*Street Transvestite Action Revolutionaries*), STAR House e a *Queens Liberation Front* [Ação de Travestis de Rua Revolucionárias, Casa STAR e Frente de Libertação das Rainhas³³].

A STAR e a STAR House foram criadas por Sylvia Rivera e Marsha P. Johnson, duas mulheres transgêneras que foram liderança na Rebelião de Stonewall, uma latina e outra negra, respectivamente. Envolvidas na efervescência de movimentos sociais do período, tanto Rivera quanto Johnson constituíram a STAR para lutar pelos direitos das pessoas transgêneras em situação de rua, em sua maioria latinas e/ou negras (BEEMYN, 2014, p. 23); a STAR

³¹ “LGBT youth, in particular, felt a sense of empowerment and were unwilling to remain in the closet. At the time of the Stonewall Riots, gay rights groups – often chapters of the Student Homophile League – existed at just six colleges in the United States, almost all of which were large universities in the Northeast. By 1971, groups had been formed at hundreds of colleges and universities throughout the country (BEEMYN, 2003). [...] many of the new groups named themselves after the Gay Liberation Front (GLF) that was formed in New York City a month after the riots, and typically had a more radical political agenda than the earlier student organizations. Many of these groups were also initially more welcoming to crossdressers, drag queens, and transsexuals than the pre-Stonewall groups, and a number of transgender people helped form Gay Liberation Fronts”.

³² “[...] in 1979 with 75.000 people participating in the National March on Washington for Lesbian and Gay Right (Marcus, 2002)”.

³³ “Rainhas”, no caso, refere-se às *dragqueens*.

House, por sua vez, tratou-se de uma casa que abrigava, alimentava e vestia essas jovens. Já a *Queens Liberation Front* se efetivou como uma campanha para descriminalizar a prática de *crossdresser*³⁴.

Beemyn também traz à tona a dificuldade ainda encontrada naquele contexto para formar um movimento LGBTQ+ mais coeso, mesmo diante do ocorrido no *Stonewall Inn*, do papel central que pessoas com expressão e/ou identidade de gênero inconformes tiveram (principalmente as mulheres transgêneras latinas e negras) e as transformações que a rebelião suscitou. Conforme o autor explica,

Seis meses após os tumultos, um grupo composto principalmente por gays brancos de classe média formou a *Gay Activists Alliance* (GAA) em Nova York para trabalhar “completamente e unicamente” por seus próprios direitos iguais (Duberman, 1993: 232). O grupo não considerou pessoas transgêneras relevantes para sua missão; a GAA nem sequer forneceria um empréstimo para pagar o aluguel para manter a STAR House aberta [...]. As pessoas transexuais também não se sentiram bem-vindas no grupo. Marsha P. Johnson lembrou que ela e Rivera foram observadas quando participaram das reuniões da GAA, sendo as únicas em *drag* e às vezes as únicas pessoas de cor (Jay & Young, 1972). Grupos gays semelhantes que excluíram pessoas transgêneras posteriormente foram formados em outras cidades (BEEMYN, 2014, p. 24).³⁵

Isso demonstra de que maneira raça, classe e gênero entrelaçavam-se no próprio movimento. Naquele período, o racismo, a transfobia, o machismo e o elitismo também formavam bases para que algumas organizações, como a *Gay Activists Alliance* [GAA - Aliança de Ativistas Gays], fosse um movimento estritamente gay, masculino, cisgênero, branco e de classe média. Também é enganoso pensar que dentro do movimento de lésbicas não houvesse retaliações às pessoas trans. Ainda conforme Beemyn, podemos apreender que tanto o movimento gay quanto o movimento lésbico, na década de 1970, buscavam se desvincular e excluir *dragqueens*, *crossdressers* e transexuais:

Muitas lésbicas deixaram organizações ativistas como GLF e GAA no início e meados da década de 1970 por causa do sexismo de homens gays, mas uma área de acordo entre os dois grupos foi sua rejeição às pessoas trans. Em 1973, separatistas lésbicas e homens gays mais conservadores em San Francisco organizaram uma parada do orgulho alternativa que baniou pessoas transgêneras e indivíduos *drag*; nos anos seguintes, esse evento se tornou a principal Celebração do Orgulho da cidade. Na manifestação do Orgulho da cidade de Nova Iorque, em 1973, Jean O'Leary da Libertação Feminista Lésbica leu uma declaração que denunciava as drag queens como um insulto

³⁴ Elucidada no glossário, junto de outras questões relevantes para compreender o “universo LGBTQ+”.

³⁵ “Six months after the riots, a group comprised mostly of White middle-class gay men formed the Gay Activists Alliance (GAA) in New York City to work ‘completely and solely’ for their own equal rights (Duberman, 1993: 232). The group did not consider transgender people to be relevant to its mission; GAA would not even provide a loan to pay the rent to keep STAR House open [...]. Transgender people also did not feel welcomed in the group. Marsha P. Johnson remembered that she and Rivera were stared at when they attended GAA meetings, being the only people in drag and sometimes the only people of color there (Jay & Young, 1972). Similar gay groups that excluded transgender people subsequently formed in other cities”-

às mulheres, o que quase provocou uma revolta e ainda marcou a exclusão de pessoas transexuais do movimento por direitos humanos “lésbico e gay” (Clendinen & Nagourney, 1999; Stryker, 2008). (BEEMYN, 2014, p. 24)³⁶.

Com base nestas reflexões, é possível compreender as dificuldades encontradas na trajetória do Movimento LGBTQ+ para a formulação de uma comunidade e militância mais coesas, pois, diante da complexidade das relações sociais desiguais e hierárquicas também em âmbito interno, a tendência é que haja fragmentações e conflitos. Em função dessa realidade, constituíram-se ainda mais organizações que buscavam abranger grupos específicos dentro da comunidade *queer*, sobretudo aqueles que não estavam sendo representados anteriormente. Alguns exemplos citados por Wakimoto são *Asian/Pacific Lesbians and Gays* [A/PLG – Lésbicas e Gays Asiáticos/Pacíficos], de 1980; o *Transsexual Rights Committee* [Comitê de Direitos Transexuais], parte do *American Civil Liberties Union* [União Americana das Liberdades Cívicas], de 1980 até 1983; o *Female-To-Male International* [Fêmea-Para-Macho Internacional], de 1986; o *BiNet USA*, de 1990; o *Transgender Nation* [Nação Transgênera], de 1992; e o *Intersex Society of North America* [Sociedade Norte-Americana Intersexo], de 1993.

Hillstrom elucida que a efervescência de organizações diversas e a militância combativa geraram frutos para a comunidade *queer*, muitas pessoas se assumiram e grupos LGBT’s se formaram em diversas cidades estadunidenses — o tempo de temer a polícia e frequentar bares de mafiosos em segredo havia terminado. Todavia, esses avanços encontraram sérios opositores: parte dos cidadãos e cidadãs norte-americanos, especialmente cristãos evangélicos, continuavam destilando homofobia e transfobia e impuseram grandes percalços para comunidade *queer*.

Beemyn explica que, para a comunidade trans, a discriminação culminou no fechamento de grande parte das clínicas e na inserção da transgeneridade como uma doença no DSM, em 1980, que denominou e caracterizou “transsexualismo” enquanto “um ‘distúrbio’ caracterizado por ‘um persistente sentimento de desconforto e inadequação em relação ao

³⁶ “Many lesbians had left activist organizations like GLF and GAA in the early and mid 1970s because of the sexism of gay men, but one area of agreement between the two groups was their rejection of transgender people. In 1973, lesbian separatists and more conservative gay men in San Francisco organized an alternative Pride parade that banned transgender people and individuals in drag; in subsequent years, this event became the city’s main Pride celebration. At the New York City Pride rally in 1973, Jean O’Leary of Lesbian Feminist Liberation read a statement that denounced drag queens as an insult to women, which nearly provoked a riot and further marked the exclusion of transgender people from the ‘lesbian and gay’ rights movement (Clendinen & Nagourney, 1999; Stryker, 2008)”.

próprio sexo anatômico e um desejo persistente de se livrar dos seus órgãos genitais e viver como membro do outro sexo” (261-62)” (2014, p. 25)³⁷.

Em junho de 1981, em meio a um contexto de embate entre um forte conservadorismo e múltiplas organizações do movimento por direitos LGBTQ+’s combativas, irrompeu o que foi considerado o primeiro caso de falecimento por AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) nos Estados Unidos. Noticiado pelo jornal *San Francisco Chronicle* [Diário de São Francisco], a manchete foi *A Pneumonia That Strikes Gay Males* [“Uma Pneumonia que Atinge Homens Gays”]. Um mês depois a doença chegou à cidade de Nova York e a morte de sua primeira vítima local conhecida foi atribuída a um tipo de câncer que afligia homens gays (HILLSTROM, 2016). Na continuidade, os cristãos conservadores agregaram à sua causa contra a comunidade *queer* o problema da AIDS, colocando a doença como um castigo divino que homossexuais receberam por ir “contra a natureza” e terem “comportamento imoral e promíscuo”. Os homens gays também foram culpabilizados pela eclosão de uma ameaça à saúde pública estadunidense.

Evidentemente, a crise da AIDS agravou a discriminação contra LGBTQ+’s nos Estados Unidos, o que abriu espaço para que houvesse um grande descaso diante da crise. Segundo Hillstrom, apenas em 1985 o presidente republicano conservador Ronald Reagan (1981-1989) fez uma menção pública sobre a AIDS, respondendo a uma pergunta em uma entrevista jornalística e, somente em 1987, realizou um discurso oficial sobre a crise da AIDS, seis anos depois que a primeira pessoa morreu com a doença, quando esse número já chegava a 21.000. Enquanto isso, elucida a autora, o *U.S. Centers of Disease Control* [Centro de Controle de Enfermidades estadunidense – CDC] começou a utilizar o termo AIDS em 1982 e, no ano seguinte, pesquisadores na França e nos EUA descobriram que a síndrome é gerada pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e como a transmissão funciona.

A homofobia perceptível durante a crise da AIDS fez com que a doença fosse denominada “câncer gay” e “praga gay”, gerando medo e raiva de boa parte da população norte-americana contra a comunidade *queer*. O Departamento de Justiça norte-americano inclusive tornou legal a demissão de empregados portadores de HIV, além de ter ocorrido a proibição da admissão destas pessoas em trabalhos de determinadas áreas, como Educação e Saúde, em vários estados.

³⁷ “[...] defined ‘transsexualism’ as a ‘disorder’ characterized by ‘a persistent sense of discomfort and inappropriateness about one’s anatomic sex and a persistent wish to be rid of one’s genitals and to live as a member of the other sex (261-62)”.

Imersa em tal crise, a comunidade LGBT estadunidense passou a se mobilizar nos seguintes eixos: mudar a concepção da AIDS como uma doença que afeta só gays; pressionar o governo federal estadunidense a investir nas pesquisas sobre cura, prevenção e controle da AIDS; auxiliar as pessoas enfermas nos hospitais, seus familiares e aqueles que perderam entes queridos para a epidemia. Segundo Hillstrom,

Em 1987, ativistas organizaram uma segunda Marcha Nacional em Washington pelos Direitos de Lésbicas e Gays, que atraiu mais de 500.000 pessoas. Além da pesquisa sobre a AIDS, os manifestantes também pediram o fim da discriminação contra os homossexuais, a revogação das leis de sodomia e o reconhecimento legal das relações entre pessoas do mesmo sexo (HILLSTROM, 2016)³⁸.

Em 1987 também foi criada a *AIDS Coalition to Unleash Power's* [Coalizão da AIDS para Desencadear o Poder - ACT-UP], uma organização mais politizada e confrontadora do que as anteriores, que realizou ações de rua, promoveu assistência médica e também ações em locais com grande visibilidade, como os jogos da Liga Principal de Baseball (WAKIMOTO, 2012). Wakimoto também ressalta que a crise da AIDS foi outro divisor de águas no movimento LGBT, unindo as organizações gays e lésbicas³⁹ e marcando o final do movimento de Libertação Gay para iniciar o Movimento por Direitos LGBTQ+'s.

Neste período (de meados dos anos 1980 ao início da década de 1990) também houve grande preocupação sobre a representação das pessoas LGBTQ+'s na mídia e na cultura popular. A pauta da imagem que pessoas *queer* tinham na cultura *mainstream* estadunidense esteve presente desde o movimento homófilo. Todavia, o maior espaço para a militância e transformações sociais mais profundas levaram à fundação da *The Gay and Lesbian Alliance Against Defamation* [Aliança de Gays e Lésbicas contra a Difamação – GLAAD] “[...] para promover representações justas de pessoas LGBT e eliminar estereótipos nocivos” (HILLSTROM, 2016)⁴⁰.

Além disso, Beemyn considera que a década de 1990 foi marcada por uma mudança radical no transativismo e em sua visibilidade. O uso do termo “transgênero” para abranger toda pessoa de gênero inconforme, segundo e autore, possibilitou que o movimento crescesse

³⁸ “LGBT activists began working to change the public perception of AIDS as only a gay disease. They also demanded that the government increase funding for AIDS treatment and prevention efforts. In 1987 activists organized a second National March on Washington for Lesbian and Gay Rights, which attracted more than 500,000 people. In addition to AIDS research, the marchers also called for an end to anti-gay discrimination, the repeal of sodomy laws, and legal recognition for same-sex relationships”.

³⁹ É interessante pontuar que as lésbicas tiveram papel fundamental neste período. Conforme Hillstrom explica, elas estiveram presentes nos protestos, engajaram-se na educação sobre a transmissão do HIV, trabalharam nas organizações dedicadas à pesquisa e tratamento da AIDS e cuidaram pessoalmente de muitos homens gays infectados que desenvolveram a doença.

⁴⁰ “[...] to promote fair portrayals of LGBT people and eliminate harmful stereotypes”.

significativamente. Somado a isso, outro evento que mobilizou inúmeros a lutarem pelos direitos das pessoas transgêneras foi o assassinato de Brandon Teena, um homem transgênero de apenas 21 anos, no estado de Nebraska em 1994. Conforme Beemyn explica,

O assassinato de Teena desencadeou uma série de importantes protestos. Em resposta à reportagem particularmente insensível a transgêneros do *Village Voice*, os membros da Transexual Menace, um grupo de ação direta que Riki Wilchins e Denise Norris tinham acabado de criar em Nova York, foram detidos fora dos escritórios do jornal. O grupo e outros ativistas transgêneros também realizaram uma vigília fora do tribunal de Nebraska onde Lotter [o assassino] estava sendo julgado em 1995. Wilchins chamou o evento de "um ponto de virada para o ativismo trans", porque foi a primeira manifestação nacional altamente visível organizada por pessoas transgêneras e auxiliou a elaborar uma atenção sem precedentes da mídia para crimes de ódio contra transgêneros (Califia, 1997: 232). (BEEMYN, 2014, p. 29-30).⁴¹

E o autor também explica que o advento da internet em meados dos anos 1990s foi outro fator propulsor de uma comunidade e militâncias trans, considerando-o o mais importante. Isto porque a internet viabilizou que inúmeras pessoas transgêneras entrassem em contato com outras, reconhecessem-se e criassem um senso de comunidade independente de fronteiras geográficas.

Nos anos 1990's e 2000's todo o movimento LGBT nos Estados Unidos obteve muitos ganhos, resultados destes anos de enfrentamentos múltiplos do sistema cisheteronormativo, perceptíveis no que foi exposto acima. A primeira mudança política significativa na sociedade estadunidense, de acordo com Hillstrom, foi a eleição do presidente Bill Clinton, em 1993, o primeiro democrata em vinte anos a ocupar a presidência daquele país. No que tange às pessoas LGBTQ+'s, ele criou uma política nacional sobre a AIDS, por exemplo.

Segundo Hillstrom, ainda no início dos anos 2000, empresas e corporações passaram a adotar políticas de proibição da discriminação contra LGBTQ+'s e várias cidades e estados criaram estatutos para proteger os direitos dessas pessoas. Apesar da indignação dos setores mais conservadores, que caracterizaram essas medidas como "direitos especiais" à comunidade *queer*, muitos triunfos foram conquistados. Por exemplo: a supressão das leis estaduais contra a sodomia em 2003, pela Suprema Corte estadunidense, que tornou as relações homoafetivas legais em todo o país; leis condenatórias à discriminação por orientação sexual, identidade e expressão de gênero que, em 2013, abrangiam já 17 estados

⁴¹ "Teena's murder touched off a series of important protests. In response to the particularly transgender-insensitive reporting of the *Village Voice*, members of Transexual Menace, a direct action group that Riki Wilchins and Denise Norris had just started in New York City, picketed outside of the newspaper's offices. The group and other transgender activists also held a vigil outside of the Nebraska courthouse where Lotter was standing trial in 1995. Wilchins called the event 'a turning point for trans activism,' because it was the first highly visible national demonstration organized by transgender people and helped draw unprecedented media attention to an anti-transgender hate crime" (Califia, 1997: 232).".

(BEEMYN, 2014); e a legalização do casamento homoafetivo em todo o país em 2015 (HILLSTROM, 2016).

Infelizmente, atualmente passamos por um retrocesso. A eleição de Donald Trump em 2016 representa recuos em direção a tempos sombrios, nos quais a intolerância é legitimada pelos discursos preconceituosos do governo. Em seu mandato: o mês do Orgulho LGBTQ+ tem sido ignorado pelo governo federal; Trump assinou um documento para proibir (novamente) que transexuais fizessem parte do exército (banimento que Barack Obama havia anulado em março de 2016), em março deste ano, o que será definido pela Suprema Corte; e anunciou que pretende revogar os direitos das pessoas transgêneras de serem reconhecidas pelas suas identidades de gênero autopercebidas. Esse último pronunciamento gerou imensa revolta e no mesmo dia protestos começaram a ser organizados, tendo as *hashtags* *#WontBeErased* e *#TransRightsAreHumanRights* [“Não serei apagado” e “Direitos trans são direitos humanos”] como mobilizadoras nas redes sociais (ABDALLA, 2018).

No campo de possibilidades (VELHO, 1994) do início dos anos 2000 que surgiu o projeto do *National Museum LGBT*. Ou seja, em um momento no qual o contexto social era promissor a empreendimentos que detivessem como missão lutar por igualdade e justiça para a população LGBTQ+. Todavia, como é perceptível nessa narrativa, o(s) movimento(s) *queer* compartilham de uma história que é marcada por muitas ‘batalhas’, permeada de avanços e retrocessos no jogo de disputas que é a história.

1.2. A efervescência de espaços físicos e virtuais sobre memória, história e identidade LGBT na segunda década do século XXI

Ao passo que questões sobre o casamento, adoção, cirurgias de redesignação sexual, pena de morte/criminalização e violência aos LGBT lideram pautas e movimentações da comunidade, a busca pelo direito à memória também está presente no cenário global (BAPTISTA; BOITA, 2014, p. 178).

Jean Baptista e Tony Boita (2014) trazem na citação acima parte importante da luta dos movimentos LGBTs: a conquista do direito à memória e à história *queer*, o empreendimento de estabelecer espaços que retirem do *subterrâneo* (POLLAK, 1989) essas memórias e as coloquem em disputa com as memórias oficiais.

Michael Pollak, ao discorrer sobre o papel da memória na reescrita da história dos estados pós-soviéticos, afirma que o processo de destanilização permitiu com que as

memórias proibidas sobre o passado soviético stalinista, relegadas ao silêncio e à repressão, saíssem do subterrâneo. Ou seja, mesmo que uma memória seja censurada e não apareça em discursos oficiais, ela permanece viva e, assim que se abre um campo possível para a disputa de memórias, ela emerge do subterrâneo. Conforme Pollak elucida:

Essa memória "proibida" e, portanto "clandestina" ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória [...] (POLLAK, M. 1989, p. 5).

Dessa maneira, considero que o fenômeno destacado neste subcapítulo pode ser caracterizado como uma disputa de memórias, pois está situado em um contexto sociopolítico vigente nos últimos anos no qual as lembranças subterrâneas dos movimentos gays, lésbicos, transgêneros e bissexuais encontraram locais não mais clandestinos para efetuar tal combate, utilizando-se das mais variadas estratégias tecnológicas que a contemporaneidade pode oferecer, como a Internet, por exemplo, para colocar-se em luta contra a invisibilidade.

Contudo, o surgimento de instituições de produção⁴² do enquadramento de memórias *queer* não é tão recente. Gerard Koskovich (2014), membro fundador da *GLBT Historical Society* [Sociedade Histórica GLBT]⁴³, elucida que no ano de 1919 em Berlim, Magnus Hirschfeld (1868-1935) fundou o *Institute for Sexual Science* [Instituto para Ciência Sexual], instituição que buscava abordar a diversidade sexual sob uma perspectiva biológica e inseri-la no âmbito do natural. Este instituto foi destruído pelo regime nazista por volta de 1933, mas Koskovich afirma que seu acervo foi preservado por arquivos em vários países, inclusive na própria Sociedade Histórica GLBT. O autor continua sua genealogia localizando, ainda em Berlim, o segundo museu mais antigo a ser fundado, em conjunto com um arquivo, sobre os desviantes da heteronormatividade: o *Schwules Museum* [Museu Gay], criado em 1985 e com evidente foco na identidade gay⁴⁴. Entretanto, tal foco durou vinte anos e, no início dos anos 2000, abriu espaço para as outras identidades LGBTQ+.

Em contraponto a Koskovich, Baptista e Boita localizam nos anos 1960 o segundo museu de caráter *queer*: o *Gründerzeit Museum*, também em Berlim, elaborado pela

⁴² Optei pelo uso do termo "(re)produção" pela percepção de que a memória coletiva é dinâmica, (re)produzindo-se a partir dos encontros entre instituições de memória e coletividade (POLLAK, 1989; 1992).

⁴³ Importante organização estadunidense da área de Memória e História LGBT, fundada em 1985 em São Francisco, Califórnia, EUA.

⁴⁴ Nesse caso, termo restrito a homens cisgêneros homossexuais.

transexual Charlotte von Mahlsdorf a partir de uma exposição de objetos cotidianos. Apesar das diferentes genealogias, os autores elucidam que o *Gründerzeit Museum* tratou-se de um espaço clandestino por longo período e, assim como Koskovich, consideram o Schwules Museum o “[...] primeiro museu destinado à história e memória dos homossexuais [...]” (BAPTISTA & BOITA, 2014, p. 179).

É possível mensurar a dimensão dos esforços de emersão — de retirada do subterrâneo — da memória *queer* com base no levantamento sobre museus e exposições de caráter identitário *queer* e/ou LGBT realizado pelos supracitados Baptista e Boita. A pesquisa empreendida pelos autores aponta inúmeros espaços de memória e história LGBTQ+ a serem conhecidos e reconhecidos, em âmbito brasileiro e internacional. Dentre tais espaços, os autores elencam: o Museu Travesti no Peru, fundado por Giuseppe Campuzano em 2003, considerado ainda o único com tal recorte específico; o comentado *Gründerzeit Museum*; o *Leslie-Lohman Museum of Gay and Lesbian Art*, estabelecido em 1969 em Nova York; o *GLBT History Museum*, constituído em 2011, em São Francisco; e, por fim, citam o próprio *National Museum LGBT*. Além de museus inteiramente constituídos para tal propósito, Baptista e Boita relatam que, em 2006, o Museu de Cera Madame Tussauds, localizado em Londres, abriu uma ala gay; e, em Tel Aviv, foi instituído um monumento para as vítimas LGBT do Holocausto, em 2013.

Quanto à museologia brasileira, os autores apontam que o primeiro museu com esse caráter a ser instaurado no país foi o Museu da Sexualidade, criado pelo Grupo Gay da Bahia em 1998, na cidade de Salvador. Porém, é importante ressaltar que somente em 2012 houve outros empreendimentos similares, como: a formação Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil; a criação do Ponto de Memória LGBT de Maceió; e a inauguração do Museu da Diversidade, em São Paulo. Posteriormente, foi lançada a Revista Memória LGBT (2013), o Museu Joaquim Felizardo de Porto Alegre abrigou a exposição Uma Cidade pelas Margens em 2016 (GOLIN, 2017) e ocorreu a *polêmica*⁴⁵ Exposição *Queer* (2017 em Porto Alegre e 2018 no Rio de Janeiro) (CARNEIRO, 2018).

Outros exemplos relevantes da luta pelo direito à memória *queer* encontram-se no trabalho de Patrik Steorn (2010). O pesquisador conta que Estocolmo foi sede da *Euro Pride*⁴⁶ em 2008 e, naquele ano, “[...] o termo ‘*queer*’ e o acrônimo ‘HBT’ (sueco para LGBT)

⁴⁵ Polêmica porque foi atacada por conservadores com acusações falaciosas e preconceituosas, logo que abriu em Porto Alegre. Conforme comentado na introdução deste trabalho.

⁴⁶ Evento promovido pela *European Pride Organisers Association* [Associação Europeia do Orgulho Gay] desde 1992, de caráter internacional, que busca promover visibilidade para as questões da comunidade LGBTQ+ em termos globais, conforme elucidado no seu site oficial. Endereço: <<http://epoa.eu/europride/about-europride/>>. Último acesso: 06/11/2018.

apareceram por todo o mundo dos museus de Estocolmo” (STEORN, 2010, p. 119)⁴⁷. Dentre tais museus, encontravam-se: *Dance Museum* [Museu da Dança], *Hallwyl Museum* [Museu Hallwyl], *Museum of National Antiquities* [Museu de Antiguidades Nacionais], *Museum of Modern Art* [Museu de Arte Moderna] e *National Museum of Fine Arts* [Museu Nacional de Belas Artes], *Army Museum* [Museu do Exército], *Police Museum* [Museu da Polícia] e *Nordic Museum* [Museu Nórdico], alguns com “*queer tours*” e outros com exposições temporárias sobre a temática. Ademais, a *Swedish Exhibition Agency/Riksställningar* [Agência Sueca de Exposições] publicou, em 2015, um extenso relatório, a fim de incentivar e/ou aprimorar exposições de perspectiva *queer* nos espaços museais do país. Este relatório inicia-se com um interessantíssimo prefácio do qual retiramos o seguinte trecho:

A INICIATIVA PARA ESTE ESTUDO de perspectivas LGBTQ em exposições e museus foi realizada no âmbito de uma Estratégia nacional para a igualdade de direitos e oportunidades, independentemente da orientação sexual, identidade de gênero ou expressão de gênero. Esta estratégia marca uma posição importante do governo: a Suécia deve ser um bom país para as pessoas LGBT - para não dizer, o melhor país do mundo, como o então ministro da Integração, Erik Ullenhag, colocou na conferência inicial para a Estratégia. Uma estratégia nacional é crucial; pesquisas mostram que os problemas de saúde são mais comuns entre as pessoas LGBT do que na população em geral. Além disso, as pessoas LGBT ainda estão sujeitas à violência, discriminação e outros abusos na Suécia (Riksställningar (SWE), 2016, p. 5).⁴⁸

Tal excerto reitera a reflexão que estamos empreendendo aqui: na segunda década do século XXI o movimento LGBTQ+ tomou proporções globais em termos de visibilidade e conquistas, dentre elas o direito a seu próprio passado transformado em memória e história. O trecho selecionado demonstra a importância que este grupo adquiriu na Suécia e aponta para uma preocupação que diz respeito a todo e qualquer trabalho histórico-museológico com perspectiva *queer*: “Então, como os museus podem contribuir para uma sociedade melhor para as pessoas LGBTQ?” (Riksställningar (SWE), 2016, p. 5)⁴⁹.

Seguindo a provocação acima, podemos voltar a um dos problemas que introduziram este capítulo: o *National Museum LGBT* faz parte de um projeto amplo da comunidade *queer*

⁴⁷ “[...] the term “queer” and the acronym ‘HBT’ (Swedish for LGBT) appeared all over the Stockholm museum world”.

⁴⁸ “THE INITIATIVE FOR THIS STUDY of LGBTQ perspectives in exhibitions and museums was carried out within the framework of a national Strategy for equal rights and opportunities regardless of Sexual orientation, gender identity or gender expression. This strategy marks an important stand made by the government: Sweden should be a good country to live in for LGBT persons – not to say, the best country in the world, as the then Minister of Integration, Erik Ullenhag, put it at the kick-off conference for the Strategy. A national strategy is crucial; research shows that health problems are more common among LGBT persons than in the overall population. Moreover, LGBT persons are still subjected to violence, discrimination and other abuse in Sweden”.

⁴⁹ “So how can museums contribute to a better society for LGBTQ people?”.

dos EUA? A fim de realizar tal reflexão, pretendo, abaixo, buscar compreender de que maneira este museu se encontra imerso na efervescência de instituições *queer* especificamente dentro da sociedade estadunidense.

Wakimoto demonstra que os primeiros trabalhos concernentes à memória e história *queer* emergiram nos Estados Unidos no período do Movimento por Direitos Civis e Libertação Gay. Foi, portanto, dentro do próprio movimento LGBTQ+ que as iniciativas historiográficas, arquivísticas e museológicas precursoras sobre a história *queer* surgiram. Independentes do universo universitário e das instituições formais de pesquisa, nas quais não havia espaço para tais estudos, intelectuais e ativistas passaram a trabalhar com história oral, coletar documentação e escrever sobre o passado LGBTQ+. Com o tempo, consoante à explicação da autora, “[...] em termos históricos, escrever sobre raça e gênero tornou-se não apenas aceitável, mas importante, e o estudo da história *queer* passou para a academia” (WAKIMOTO, 2012, p. 32)⁵⁰ e, desde os anos 1980, constituiu-se como um campo de estudos nas universidades estadunidenses.

Nesta atmosfera foi constituída a *GLBT Historical Society*, conforme Koskovich, membro fundador da agremiação. O autor explica que a organização foi criada no mesmo ano que o Museu Gay em Berlim⁵¹, em 1985, “[...] para documentar as comunidades LGBT da área da Baía de São Francisco e educar o público sobre a história LGBT”⁵² (KOSKOVICH, 2014, p. 63), por um grupo de lésbicas e gays, os quais se reuniram a fim de construir um arquivo que preservasse e coletasse memórias *queer* da região. É interessante ressaltar que, no período em que a Sociedade foi formada, a atuação em conjunto entre lésbicas e gays já estava se desenvolvendo, sobretudo devido à crise da AIDS. Outro elemento a se destacar é que o arquivo abrangia documentação de transgêneros/as/es e bissexuais, o que diferia do vínculo da militância lésbica e gay com a população trans e bissexual em âmbito nacional. Isto porque, conforme já comentado no subcapítulo anterior, até o final da década de 1990, havia grande fragmentação no movimento *queer*, e transgêneros/as/es e bissexuais não eram aceitos em boa parte das organizações de pessoas cisgêneras homossexuais.

A importância da memória para a comunidade *queer* estadunidense tomou grandes proporções especialmente em 1987, quando

⁵⁰ “[...] in historical terms, writing about race and gender became not only acceptable but important and the study of queer history moved into the academy”.

⁵¹ Koskovich também comenta que as duas organizações atuaram em conjunto em 1996 e 1997 durante o desenvolvimento da exposição “Adeus Berlim?” (“Goodbye to Berlin?”) pelo Museu Gay de Berlim (p. 63).

⁵² “[...] to document LGBT communities in the San Francisco Bay Area and to educate the public about LGBT history”.

Um ativista de São Francisco chamado Cleve Jones lançou um projeto criado para memorizar pessoas que morreram de AIDS, além de criar um poderoso símbolo visual do impacto devastador da epidemia na nação. Ele convidou pessoas que perderam seus entes queridos para a AIDS a criar painéis de colcha de três por seis pés em sua memória, e milhares de americanos responderam com entusiasmo. [...] Em 11 de outubro de 1987, o NAMES Project AIDS Memorial Quilt foi exibido no National Mall em Washington, D.C. (HILLSTROM, 2016).

Segundo Hillstrom, 500 mil pessoas passaram por este memorial em outubro de 1987, gerando grande visibilidade para a devastação que foi a epidemia da AIDS. O memorial teve grande impacto, o que gerou mais edições. Cada uma delas fez com que o memorial expandisse sua área, que iniciou com 1920 painéis (que cobriram uma área maior que um campo de futebol) e, em 1988, cresceu para 8.288 painéis. O memorial chegou a 48.000 painéis, percorreu todo o país e tornou-se a maior obra de arte comunitária do mundo, nominada para o Prêmio Nobel. Apesar da grande visibilidade do memorial e sua importância, o número de painéis também demonstra a quantidade massiva de mortos pela epidemia, gerada em boa parte pela falta de agilidade e de interesse do governo federal norte-americano, na época extremamente conservador, em encontrar formas efetivas de estancar e administrar o problema.

Quanto a museus LGBT especificamente, Baptista e Boita assinalam 1969 como o ano que o primeiro museu *queer* foi formado nos Estados Unidos. Trata-se do *Leslie-Lohman Museum of Gay and Lesbian Art*, que se propõe a colecionar e exibir obras de artistas LGBTQ+’s de todo o mundo, estabelecido em Nova York. Os autores frisam que no período da crise da AIDS a coleção sofreu larga ampliação, devido à morte de muitos artistas gays cujas obras foram desvalorizadas e acabaram encontrando abrigo na instituição.

Somente no final dos anos 2000 e início da década de 2010 foram constituídos museus históricos do gênero nos Estados Unidos: o *Stonewall National Museum & Archives*⁵³ [Museu e Arquivo Nacional Stonewall], em 2009, na Flórida; o *Pop-Up Museum of Queer History*⁵⁴ [Museu *Pop-Up* de História *Queer*], que se trata de um museu itinerante que realiza exposições sobre história *queer* desde 2011; e o *GLBT History Museum* [Museu Histórico GLBT] de 2011, localizado em São Francisco, já descrito acima. Don Romesburg (2014) apresenta o último como:

⁵³ Apesar de não ter encontrado bibliografia sobre o museu, após uma breve pesquisa pela Internet localizei seu site com informações sobre sua formação. Link: <<https://www.stonewall-museum.org/about-us/>>. Último acesso: 02/11/2018.

⁵⁴ Assim como o *Stonewall National Museum & Archives*, não encontrei textos acadêmicos sobre o *Pop-Up Museum of Queer History*, mas localizei seu site com informações sobre sua história e funcionamento. Link: <<http://www.queermuseum.com>>. Último acesso: 30/11/2018.

[...] o abrigo de um dos maiores e mais acessíveis arquivos *queer* baseados em comunidade do mundo. Os organizadores conceberam o museu como um veículo através do qual os materiais de arquivo poderiam ser apresentados ao público de maneira convincente, com um olhar voltado para a diversidade e a justiça social. O museu foi para mostrar a profundidade e abrangência do arquivo, atrair novas coleções, envolver o público com a importância da história *queer* e produzir exposições poderosas ligando passado e presente (ROMESBURG, 2014, p. 131).⁵⁵

Com o ímpeto de fomentar a consciência da importância das histórias *queer* e justiça social para essa comunidade, o referido museu adotou uma perspectiva interseccional, tendo passado pelo espaço exposições que articulam raça, classe, gênero, entre outros marcadores sociais da diferença (KOSKOVICH, 2014; ROMESBURG, 2014). Isso torna-se muito significativo ao compreendermos tal local como pertencente a uma comunidade LGBT com largo reconhecimento mundial, que recebe vasto público e proporciona a ampliação do conhecimento de histórias complexas e críticas dos desviantes da cisheteronormatividade.

Portanto, o projeto do *National Museum LGBT* encontra-se em um contexto amplo de constituição de museus, arquivos, exposições e produções historiográficas LGBTQ+. Iniciativas voltadas para inserção de memórias e histórias *queer* na disputa social e discursiva referente a historicidade e/ou naturalização de gênero, sexo e sexualidade. Isto é, projetos que tensionam a LGBTfobia e que (re)produzem tanto o senso de comunidade LGBTQ+ quanto identidade(s) *queer* coletiva(s).

1.3. O *National Museum LGBT* em contexto: lugar social, localização e projeto

Como expus previamente, neste subcapítulo discorrerei sobre a recepção social do museu a partir da análise de notícias online datadas de 2012 a 2016, em que a instituição aparece como assunto principal ou secundário. Ademais, retomarei os subcapítulos primeiro e segundo — referentes à história do movimento LGBTQ+ estadunidense e ao amplo espectro de espaços de memória *queer* no qual o *National Museum LGBT* se insere, respectivamente — a fim de empreender as reflexões orientadoras desta análise, voltada para a compreensão

⁵⁵ “[...] home to one of the world’s largest and most accessible community-based queer archives. Organizers conceived the museum as a vehicle through which archival materials could be presented to the public in compelling ways, with an eye toward diversity and social justice. The museum was to showcase the archive’s depth and breadth, attract new collections, engage the public with the importance of queer history, and produce powerful exhibitions linking past and present”.

da referida instituição museal enquanto um projeto historiográfico, sua localização e lugar social.

A primeira matéria selecionada feita estritamente sobre o *National Museum LGBT* foi realizada por Jonathan O’Connell em janeiro de 2013, para o *Washington Post*. Em seu título — *Gay couple Tim and Mitchell Gold behind effort to open LGBT museum in D.C.* [Casal gay Tim e Mitchell Gold estão por trás do esforço para abrir um museu LGBT em D.C.] — já se encontra a indicação dos responsáveis pela elaboração do Museu e onde ele *inicialmente* foi planejado para se concretizar: Tim e Mitchell Gold e Washington, D.C., capital do país.

Talvez a primeira grande dificuldade encontrada pelos seus idealizadores foi encontrar um local para edificar o Museu. Em 2016, Tim Gold explicou que lhes foi negada isenção de impostos pelo governo para a realização do projeto, além de não terem conseguido nenhum lugar próximo ao *National Mall*⁵⁶ — o que demonstra de maneira contundente as dificuldades encontradas em inserir a memória *queer* na memória oficial da nação. Devido a estes obstáculos, foi decidido que o *National Museum LGBT* localizar-se-á na cidade de Nova York, tanto pela visibilidade que ganhará, quanto pela relação da cidade com o movimento LGBT, sobretudo pela Rebelião de Stonewall cuja significância é tamanha que pretendem inaugurar o museu 50 anos após sua decorrência.

Ainda em entrevista para o *Washington Post*, Tim Gold conta que a ideia da instituição surgiu enquanto trabalhava como especialista em museus na *Smithsonian Institution* [Instituição Smithsonian], instituição voltada para pesquisa e educação que abriga o maior complexo de museus do mundo (SMITHSONIAN INSTITUTION, s/d.). Gold conta que, ao pesquisar sobre o criador da instituição, James Smithson, descobriu que o mesmo era provavelmente gay e, devido à falta de pesquisa e visibilidade desse fato, passou a refletir sobre o papel fundamental de LGBTQ+’s na história estadunidense cujas identidades e sexualidades foram ignoradas pela historiografia.

Para a revista online *Slate*, elaborada pelo diretor do *Pop-Up Museum of Queer History* Hugh Ryan em outubro de 2013, Gold ainda elucidou que gostaria de ter feito uma exibição sobre James Smithson, mas a ideia não foi bem recebida pelo Smithsonian Institution por causa da sexualidade e da nacionalidade de seu fundador, que era britânico. De acordo com a matéria, em tal instituição conservadores ameaçaram cortar os fundos e destruir a exposição do artista *queer* David Wojnarowicz em 2011⁵⁷. Estas duas informações indicam as dificuldades de trabalhar com história *queer* naquele ambiente, o que pode ter impulsionado

⁵⁶ Local que abriga monumentos, museus e memoriais nacionais nos Estados Unidos.

⁵⁷ Acontecimento que motivou a criação do *Pop-Up Museum of Queer History*.

Gold a partir para sua própria jornada na constituição de um espaço museológico LGBT específico.

Assim, tanto no site oficial do museu⁵⁸ quanto nas entrevistas localizadas na rede mundial de computadores, fica evidente a indicação de Tim Gold enquanto idealizador do *National Museum LGBT*, da falta de um local que insira a comunidade *queer* na história estadunidense — no caso, Gold reconhece a importância dos museus existentes, mas considera-os locais e sua pretensão é elaborar algo de cunho nacional — e de seu reconhecimento como um grupo nacionalmente relevante em termos históricos, culturais e sociais. Ao supracitado *Washington Post*, Gold afirmou que

[...] a ideia era um lugar que ensinasse os papéis frequentemente ignorados que os LGBT's americanos desempenharam na história do país de uma forma que repercutisse em todos os tipos de visitantes.

"Este não é um museu apenas para gays ou apenas para pessoas lésbicas ou apenas para pessoas transexuais", disse ele. "Quero que qualquer pessoa que passe por essa porta possa tirar alguma coisa da experiência" (O'CONNEL, 2013).

Para tanto, como elucidado da introdução desta monografia, o idealizador do projeto criou a *Velvet Foundation* em 2007, fundação que tem o intuito de "coletar, preservar e interpretar artefatos pertencentes ou associados à história e à cultura de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros nos Estados Unidos" (VELVET FOUNDATION, 2016a)⁵⁹, conforme expõe a aba "Sobre" do site do próprio museu. Ainda no site é possível apreender o que é caracterizado como as suas "missões":

[...] criar e sustentar um Museu Nacional LGBT para identificar, estudar e mostrar as contribuições sociais, históricas e culturais da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros para a sociedade estadunidense - através de coleções, exposições, pesquisa, publicações e outros programas públicos (VELVET FOUNDATION, 2016a).⁶⁰

Ademais, no *Washington Post* é evidenciado que a *Velvet Foundation* se trata, também, de uma espécie de organização de caridade voltada a arrecadar doações para a construção do museu.

Pela repercussão da recepção do *National Museum LGBT* disponível online, torna-se perceptível duas posturas: primeiro, a compreensão da importância de um museu nacional

⁵⁸ Endereço: <<http://www.nationalmuseum.nyc/>>. Último acesso em: 30/11/2018.

⁵⁹ "[...] to collect, preserve, and interpret artifacts pertaining to and associated with the history and culture of lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) people in the United States".

⁶⁰ "[...] to create and sustain a National LGBT Museum to identify, study, and showcase the social, historical, and cultural contributions of the lesbian, gay, bisexual, and transgender community to US society – through collections, exhibitions, research, publications, and other public programs".

como um espaço de visibilidade da história de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros; segundo, as preocupações em relação à forma como esta história será contada e quais histórias e memórias terão lugar no museu.

Em janeiro de 2013, na referida matéria do *Washington Post*, Tim e Mitchell Gold anunciaram o apoio recebido da *Arcus Foundation*⁶¹ e de doadores individuais. Todas as outras matérias analisadas também demonstraram grande apoio à constituição do museu, porém, como dito anteriormente, algumas preocupações foram expressas. Na matéria já mencionada da *Slate*, Hugh Ryan ressalta:

Algum dia em algum lugar de Washington, D.C.— talvez no National Mall [...] pode haver um Museu Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. Isso pode soar surpreendente, considerando que a sodomia era ilegal no Distrito até 1993, mas Tim Gold, CEO da Velvet Foundation, está convencido de que é a hora certa (RYAN, 2013).

Este excerto expressa a certeza de Tim Gold de que o empreendimento do museu estava sendo alicerçado em um momento no qual se abria um campo de possibilidades (VELHO, 1994) para investir na criação de uma instituição voltada à memória LGBT que, como a citação indica, parecia ambiciosa aos olhares da sociedade estadunidense, tendo em vista o histórico de perseguição aos desviantes da heteronormatividade naquele país.

Deve-se levar em conta que, no período da publicação da notícia, o casamento homoafetivo ainda não havia sido legalizado. Todavia, como visto no primeiro subcapítulo, leis condenatórias à discriminação baseada em identidade de gênero e/ou orientação sexual já abrangiam 17 dos 50 estados e o movimento LGBT estava mais unido e amplo que em qualquer outro momento anterior. Ademais, no segundo subcapítulo também apontamos que tal campo de possibilidades vinha se formando há algum tempo e foi justamente na segunda década do século XXI que a preocupação em constituir museus e outros lugares de memória *queer* se instituiu.

Anna Conlan (pesquisadora na área de museologia *queer*), em entrevista para Ryan, corrobora com tal percepção, ao afirmar que

De muitas maneiras, a ideia de um museu LGBT nacional é nitidamente divergente da tendência geral das organizações de história LGBT. "Dos anos 70 até agora, trata-se de coletar, preservar e investir" [...]. Indivíduos e organizações de base como o *Lesbian Herstory Archives* de Nova York, fundado em 1974, preservaram os legados de pessoas e comunidades LGBT muito antes de ser possível considerar uma instituição na mesma escala do que a *Velvet Foundation* está propondo. Com o passar do tempo, esses grupos “começam a ter funções museológicas”, diz Conlan - exibições de curadoria de suas coleções, hospedagem de palestrantes etc. Alguns até desenvolveram museus, ou criaram ramificações de museus,

⁶¹ Fundação internacional (com sede nos Estados Unidos e no Reino Unido) que tem como missão apoiar e fazer parcerias com projetos por equidade e justiça para LGBTQ+’s (ARCUS FOUNDATION, 2014).

como é o caso de *Leslie + Lohman Museum of Gay and Lesbian Art*, de Nova York, que começou como uma coleção particular de Charles Leslie e Fritz Lohman, e o *GLBT History Museum* de São Francisco, que foi criado a partir da coleção da *GLBT Historical Society* de São Francisco (RYAN, 2013).⁶²

Ela, em conjunto com Amy Sueyoshi (co-curadora do *GLBT History Museum*), expressaram suas preocupações e considerações concernentes ao *National Museum LGBT* na já citada reportagem da *Slate*. Por exemplo, pelo fato de se propor nacional e para um público vasto, o Museu não se adequaria ao conservadorismo, deixando de lado recortes como raça e classe, e dando maior enfoque para homens cisgêneros, brancos, ricos e gays?

Entretanto, através da mesma notícia, ficamos sabendo que a *Velvet Foundation* tomou algumas precauções para evitar um olhar único sobre a museografia e historiografia da instituição, observáveis no excerto abaixo:

Para esse fim, a Velvet Foundation iniciou um longo processo de planejamento, que incluiu grupos de foco com um número de subcomunidades dentro da comunidade LGBT. A própria Conlan participou de um para mulheres que se identificam como lésbicas e bissexuais, e duas preocupações principais foram capturadas no relatório da reunião: primeiro, que os principais organizadores eram todos homens brancos ricos, e que outros membros da comunidade LGBT precisam ser profundamente envolvidos no processo de planejamento, não incluídos no final. E segundo, que o museu deve abraçar uma visão ampla de justiça social (RYAN, 2013)⁶³

Em tal trecho, Conlan reforça as suas pontuações, que são muito similares àquelas manifestadas por Amy Sueyoshi:

[...] a história é uma parte importante da armadura psíquica que permite que pessoas marginalizadas sobrevivam em um mundo difícil e muitas vezes hostil. [...]

Ela espera que um museu nacional LGBT abrace um amplo espectro de experiências e identidades LGBT. "Eu quero que seja muito vigilante em sua missão, de modo que não apenas produza histórias sobre homens brancos gays", diz ela, e para que todas as histórias contadas sejam em camadas e complexas, não apenas "histórias de heroísmo".

⁶² "In many ways, the idea of a national LGBT museum is sharply divergent from the general trend of LGBT history organizations. 'From the '70s to now-ish, it's been about collecting, preserving, and investing,' [...]. Private individuals and grass-roots organizations such as New York's Lesbian Herstory Archives, which was founded in 1974, preserved the legacies of LGBT people and communities long before it was possible to even consider an institution on the scale of what the Velvet Foundation is proposing. Over time, these groups 'start having museological functions,' Conlan says—curating displays from their collections, hosting speakers, etc. Some even develop into museums of their own, or create museum offshoots, as is the case with New York's Leslie + Lohman Museum of Gay and Lesbian Art, which started as a private collection by Charles Leslie and Fritz Lohman, and the San Francisco GLBT History Museum, which was created from the collection of the San Francisco GLBT Historical Society".

⁶³ "To that end, the Velvet Foundation has embarked upon a long planning process, which included focus groups with a number of sub-communities within the larger LGBT community. Conlan herself participated in one for lesbian- and bisexual-identified women, and two main concerns were captured in the report from the meeting: First, that the primary organizers were all wealthy white men, and that other members of the LGBT community need to be deeply involved in the planning process, not tacked on at the end. And second, that the museum must embrace a broad vision of social justice".

Como a maioria das coisas na vida, o fato de o museu ser capaz de fazer isso tem a ver, em parte, com a origem do dinheiro. Ao criar uma instituição nacional, Sueyoshi salienta: “há essa tensão de ‘quanto poderemos realmente falar sobre as coisas’ que pode ofender as pessoas que têm poder na América. ... Eu quero que o museu nacional nem sempre monte exposições que trarão o público com maior poder financeiro” (RYAN, 2013).⁶⁴

Os pronunciamentos de Conlan e Sueyoshi, e a própria elaboração de uma matéria deste teor por Ryan mostram a apreensão de como o *National Museum LGBT* seria recebido por seus pares. Em um misto de estranhamento e preocupação, torna-se evidente que um empreendimento desta dimensão detém grande pertinência sociopolítica.

Certeau elucida que a história enquanto disciplina científica ocupa um espaço de autoridade sobre o passado e sua elaboração, que é um espaço também específico na sociedade, pois não é qualquer história que vai ocupar tal lugar, mas sim aquela aceita pela academia, pelos pares, pela comunidade científica e intelectual. Logo, a produção de poder-saber histórico-científico parte, primeiramente, do lugar social privilegiado da academia, que é a instituição social à qual esta história oficial pertence.

Contudo, no caso desta produção historiográfica em específico, o lugar da história ultrapassa as barreiras universitárias e o reconhecimento dos pares, tendo em vista que a historiografia e a museologia *queer* provém do seio do movimento LGBTQ+. Ademais, parece-me que as preocupações expressas por Conlan, Sueyoshi e Ryan partem de uma compreensão da história como um componente pertinente para a transformação social, cultural e política de uma sociedade LGBTfóbica.

Por tal motivo, o *National Museum LGBT* torna-se um empreendimento que gera preocupações e é considerado tão importante. Neste sentido, o próprio Tim Gold afirmou que “É como construir uma catedral. Uma vez que está pronta, você não pode derrubá-la e dizer, vamos começar de novo”⁶⁵ (RYAN, 2013).

Em tal contexto, surgem os questionamentos de quem será incluído nesta produção historiográfica e a pertinência de se posicionar contra a elaboração de uma história de homens

⁶⁴ “These concerns were echoed by Amy Sueyoshi, the associate dean of the College of Ethnic Studies at San Francisco State University and co-curator of the GLBT History Museum. In her view, history is an important part of the psychic armor that allows marginalized people to survive in a difficult and often hostile world. [...]

She hopes that a national LGBT museum will embrace a wide spectrum of LGBT experiences and identities. ‘I want it to be very vigilant in its mission so it doesn’t just produce stories about gay white men,’ she says, and so that all the stories they tell are layered and complex, not just ‘histories of heroism.’

As with most things in life, whether the museum is able to pull this off has to do, in part, with where the money comes from. In creating a national institution, Sueyoshi points out, ‘there’s this tension of ‘how much are we really going to be able to talk about things’ that might offend folks who have power in America. ... I want the national museum to not always mount exhibits that will bring in the largest financial audience.’.

⁶⁵ “It’s like building a cathedral. Once it’s done, you can’t tear it down and say, let’s start over”.

brancos e ricos. Conlan explica que o motivador desta preocupação é o fato dos elaboradores do museu serem homens, brancos e ricos. Assim, mesmo que pertencentes à comunidade *queer* por serem gays, eles detêm quase estritamente marcadores sociais de privilégios.

De fato, Tim e Mitchell Gold detêm muitos privilégios enquanto dois homens brancos, ricos e cisgêneros. Em entrevista para o *Tablet United States*, em 2012, Mitchell contou sobre a sua vida: possui uma das fábricas de móveis e estofados mais famosas dos Estados Unidos, é formado em história e ativista LGBT. Elucida que iniciou em 2004 uma campanha contra a intolerância LGBTfóbica baseada na religião e, durante o período da reportagem (setembro de 2012), a campanha continuava. Nessa sua jornada, ele buscou conversar com sujeitos relevantes em comunidades religiosas, sobretudo cristãs, e abordar como a intolerância leva ao suicídio ou assassinato de jovens LGBTQ+ por todo país, a fim de mostrar que essa intolerância é uma violência e deve acabar. Inclusive iniciou sua própria organização em 2005: *Faith in America* [Fé na América], com foco exclusivo nesta campanha. Mitchell Gold também financia organizações e candidatos políticos que tenham como pauta os direitos LGBTQ+, participou do conselho do *Human Rights Campaign* [HRC - Campanha dos Direitos Humanos]⁶⁶, foi representante político do partido Democratas e, durante o mandato de Barack Obama, foi convidado para eventos na Casa Branca. Ou seja, Tim e Mitchell Gold indiscutivelmente formam um casal com privilégios e poderes.

Isto torna as preocupações das pesquisadoras significativas, levando em conta a localização dos saberes, a parcialidade nos olhares (HARAWAY, 1995). Não é à toa que foi necessário ampliar as perspectivas do museu a partir de olhares de outros grupos que formam a comunidade *queer*, pois uma instituição deste tipo que se propõe LGBT e nacional necessita incluir óticas diversas desta comunidade ligada pelas divergências ao sistema gênero/sexo e desejo, mas que é extremamente heterogênea.

Considerando que a história é formada a partir de um sistema de saber e poder, que ela detém uma fabricação localizada — ou seja, que a história é produzida pelo que é incentivado a ser dito e pelo que é interdito aos dizeres, que esse conhecimento se modifica quando o não-dito torna-se dito e o dito torna-se obsoleto devido às transformações políticas, sociais e culturais que modificam as temáticas e metodologias mais relevantes para o momento presente, alterando a mediação historiográfica entre passado e presente (CERTEAU, 1982) — cabe afirmar que o *National Museum LGBT: History and Culture* provém de um campo de

⁶⁶ Maior organização nacional por direitos civis para LGBTQ+ estadunidense (HUMAN RIGHTS CAMPAIGN, 2018).

possibilidades que surgiu a partir da história do movimento LGBTQ+ estadunidense como um projeto potente para atingir equidade e justiça social à comunidade *queer*. Koskovich assim disserta sobre essa potência:

O GLBT History Museum em São Francisco e instituições semelhantes em outros lugares têm um papel fundamentalmente crítico a desempenhar no fazer-se de mundos *queer*. Ao tornar o até então invisível passado *queer* em grande parte mais familiar e mais complexo [...]. O Museu e outras iniciativas *queer* de história pública sugerem que os regimes sociais, culturais, econômicos, políticos e sexuais que estruturam a vida LGBT são contingentes históricos - e podem, portanto, ser suscetíveis a mudanças, mesmo à transformação, diretamente através de nossas próprias ações. Ao representar criticamente as histórias da história LGBT no cenário de um museu, não apenas criamos uma base para uma maior aceitação social hoje; também ajudamos a abrir o caminho para pessoas LGBT e não-LGBT imaginarem um futuro de maior dignidade e igualdade (KOSKOVICH, 2014, p. 71).⁶⁷

A partir deste ponto de vista, podemos apreender quais “imposições sociais” levaram à criação do museu estudado na presente monografia: a necessidade de tensionar e disputar a memória (POLLAK, 1989) contra a cisheteronormatividade e a LGBTfobia; a imprescindibilidade de posicionar-se diante de tais injustiças e discriminações sociais; a importância de se utilizar a historiografia e a museologia como mediadores entre o passado e o presente no que condiz às relações de gênero, de maneira que não haja normativas e violências sociais que busquem reduzir a pluralidade de corpos, identidades e desejos em binarismos falaciosos e nocivos.

⁶⁷ “The GLBT History Museum in San Francisco and similar institutions elsewhere ultimately have a critical role to play in queer worldmaking. By rendering a heretofore largely invisible queer past both more familiar and more complex [...]. In doing so, the Museum and other queer public history initiatives suggest that the social, cultural, economic, political, and sexual regimes that structure LGBT life are historically contingent - and may therefore be susceptible to change, even to transformation directly through our own actions. By critically representing the stories of LGBT history in the setting of a museum, we not only create a foundation for greater social acceptance today; we also help open the way for LGBT and non-LGBT people alike to imagine a future of greater dignity and equality”.

2. “Nós somos naturais”? A prática historiográfica no *National Museum LGBT*

O lugar que se dá a técnica coloca a história do lado da literatura ou da ciência.

Se é verdade que a organização da história é relativa a um lugar e a um tempo, isto ocorre, inicialmente, por causa de suas técnicas de produção. Falando em geral, cada sociedade se pensa “historicamente” com os instrumentos que lhe são próprios. [...] a história é mediatizada pela técnica (CERTEAU, 1982, p. 78).

Com base em Certeau, entendo que fazer História é uma prática que começa com a interpretação. A técnica, o método e os referenciais teóricos separam a história da literatura e a identificam como ciência. Dessa maneira, se coloca o questionamento: o que faz o *National Museum LGBT* constituir uma narrativa histórica e não narrativas literárias? Isso significa que a segunda etapa para compreender a operação historiográfica no *National Museum LGBT* será analisar as fontes, objetos de pesquisa e os referenciais teórico-metodológicos da pesquisa que o constitui.

Assim, neste capítulo deter-me-ei em investigar como, na referida instituição, os dados se ressignificaram a partir do olhar e técnica historiográficos e transformaram-se de objetos do âmbito do *natural*⁶⁸ para documentos historicizados. Essa ação de ressignificação é considerada uma ruptura que ultrapassa um simples olhar, pois se faz a partir de uma operação técnica. Conseqüentemente, é possível perguntar: quais objetos e quais relatos estão sendo coletados para elaborar as narrativas históricas que o museu abrigará? Como essa materialidade transforma-se e ressignifica-se do natural para o histórico?

No que condiz especificamente ao olhar, inspiro-me novamente em Haraway (1995) para elucidar que a perspectiva na prática de interpretação e transmutação de um material de elemento natural para elemento histórico detém o poder sociopolítico da interpretação na produção do *poder-saber* (FOUCAULT, 2013). As tecnologias, posicionamentos e ideologias que compõem uma perspectiva e compreendem o mundo visualizado por esse olhar estarão presentes em qualquer produção de saber. Volto a afirmar, assim, que é necessário ter ciência de que a pretensa neutralidade só corrobora para a manutenção dos sistemas de (re)produção das desigualdades sociais — ou seja, do racismo, do colonialismo, do capitalismo, do machismo, do patriarcado e da LGBTfobia, entre outras opressões, como a autora evidencia no trecho abaixo:

⁶⁸ No caso, “natureza” aqui quer dizer materialidade, tendo em vista que o autor categoriza como natural elementos produzidos por homens e mulheres, como um livro, por exemplo. Refere-se, portanto, ao que é naturalizado.

Os olhos têm sido usados para significar uma habilidade perversa - esmerilhada à perfeição na história da ciência vinculada ao militarismo, ao capitalismo, ao colonialismo e à supremacia masculina - de distanciar o sujeito cognoscente de todos e de tudo no interesse do poder desmesurado. (HARAWAY, 1995, p. 19)

Portanto, buscarei analisar as potencialidades de tensionamento à cisheteronormatividade e LGBTfobia presentes na prática da operação historiográfica do *National Museum LGBT*. Ademais, procurarei complexificar tal foco tendo em vista a heterogeneidade da comunidade LGBTQ+ e a interseccionalidade⁶⁹ necessariamente implicada aos indivíduos que a formam.

A análise desta parte da pesquisa se dará em duas etapas. Primeiro, com base na seção *Collections*⁷⁰ [Coleções] do site oficial do museu, publicado em 2016 — abrangendo *Collections Policy* [Política de Coleções]⁷¹ e *Preview Our Collection* [Pré-visualize Nossa Coleção]⁷² — e em duas matérias jornalísticas de 2013, pretendo elucidar de que maneira ocorreu a coleta dos objetos, desde a execução das buscas até critérios de seleção e formação da coleção. Após, chegarei finalmente à fonte principal deste trabalho: o planejamento estratégico *Here I Am* [Aqui Eu Estou/Sou]⁷³, no qual se encontram as estratégias de recolhimento de dados dos próprios visitantes do museu para serem inseridos nas coleções. Nos dois momentos estará presente o objetivo de entender as perspectivas, intenções e técnicas deste processo.

2.1. Do naturalizado ao histórico: quais/como artefatos se constituem em história *queer* no *National Museum LGBT*

Há uma abundância de artefatos que representam a história e a cultura das comunidades LGBT. [...]

Muitos desses artefatos já foram descartados, perdidos ou destruídos. Mas o *National LGBT Museum* [...] está dando passos largos rumo à aquisição de um prédio para abrigar a primeira instituição histórica

⁶⁹ Entre raça, gênero e classe (considerando sexualidade parte das questões de gênero, conforme o sistema gênero/sexo e desejo). Analisarei apenas estes três marcadores sociais da diferença pois, como já referido, tomo como base Angela Davis (2016) ao utilizar o conceito de interseccionalidade. Infelizmente, neste trabalho não será possível analisar com mais minúcia questões como a deficiência enquanto marcador social da diferença, por exemplo.

⁷⁰ Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/collections>>. Último acesso em: 16/11/2018.

⁷¹ Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/collections-policy>>. Último acesso em: 16/11/2018.

⁷² Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/preview-our-collections>>. Último acesso em: 16/11/2018.

⁷³ Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/strategic-planning>>. Último acesso em: 16/11/2018.

nacional para a comunidade, criada para **corrigir esse problema** [...] (KANE, 2013, grifo meu).⁷⁴

Conforme Chris Kane afirmou em outubro de 2013 no *Washington Blade*, o *National Museum LGBT* nasceu com a intenção de corrigir o problema da invisibilização e apagamento da história e da cultura LGBT estadunidense a nível nacional. Tendo um objetivo desta dimensão, foi necessário elaborar um plano de ação que abrangesse as expectativas de um projeto tão grandioso. O discurso oficial da *Velvet Foundation* demonstra a pretensão de que o museu seja representativo de toda a comunidade LGBTQ+ e, com essa motivação, foi composta uma equipe formada por profissionais de instituições museais de âmbito nacional, como a *Smithsonian Institution* até o *United States Holocaust Memorial Museum* [Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos] que criaram a Política de Coleções (VELVET FOUNDATION, 2016b). Documento importante, essa Política orienta tanto a gestão dos acervos quanto o processo de coleta de artefatos para compor a coleção permanente do Museu. No que condiz aos métodos historiográficos, alguns pontos desta política são relevantes para a presente análise.

Para começar, na sua Declaração de Propósito o objetivo de abranger a diversidade da comunidade LGBT fica evidente, pois tal “[...] política é dirigida por um respeito pelo passado e pela história que o Museu retrata, uma consciência ativa da grande diversidade das atuais atividades LGBT que detém importância para as histórias que o Museu contará [...]” (VELVET FOUNDATION, 2016c)⁷⁵. Ademais, considerando que o objeto está sempre no limite do pensável e que não há compreensão histórica fora dos moldes dos pensamentos contemporâneos nos quais a prática historiográfica se encontra (CERTEAU, 1982), percebe-se a compreensão da implicação de anseios, questionamentos e pautas da atualidade relevantes para a elaboração desta produção historiográfica.

Outro segmento interessante deste documento que corrobora com tal entendimento é a Declaração de Visão do Museu (VELVET FOUNDATION, 2016c), que elenca seus princípios e direciona suas ações. Nela, sete atribuições são incumbidas ao museu: preservação, pesquisa acadêmica, unificação cultural, educação, responsabilidade social, extensão nacional e colaboração, e inovação. Percebe-se que a abrangência extrapola a diversidade, ela também se refere às ações do museu diante da sociedade estadunidense, pois

⁷⁴ “There is an abundance of artifacts that represent the history and culture of the LGBT communities. [...]”

Many of these artifacts have already been discarded, lost or destroyed. But the National LGBT Museum [...] is making strides toward acquiring a building to house the first national historical institution for the community, was created to redress this problem [...]”.

⁷⁵ “[...] policy is directed by a respect for the past and the history that the Museum portrays, an active awareness of the great diversity of current LGBT activities of importance to the stories the Museum will tell [...]”.

a intenção é de promover um espaço educacional, de promoção de cultura, de saber e de justiça social.

Os tópicos Unificação Cultural e Responsabilidade Social têm pretensões interessantes de serem assinaladas no que condiz à justiça social. O primeiro é caracterizado da seguinte maneira: “Oferecer um lugar e meios para que as pessoas LGBT busquem objetivos mútuos e **promovam uma identidade compartilhada**” (VELVET FOUNDATION, 2016c, grifos meus)⁷⁶; o segundo diz: “**Melhorar o bem-estar de todas as comunidades humanas**, proporcionando um fórum público seguro para indivíduos e grupos confrontarem, debaterem e trocarem ideias” (VELVET FOUNDATION, 2016c, grifos meus)⁷⁷. Isto significa que duas premissas relevantes orientam o olhar desta técnica historiadora: a relação entre história, memória e identidade coletiva LGBT; e a democratização desta memória e o diálogo, a fim de promover a desconstrução da cisheteronormatividade e LGBTfobia — fundamental para a “harmonia entre todas as comunidades humanas”.

Tendo tais propósitos direcionadores, em cerca de oito anos (de 2008 a 2016) foram adquiridos mais de 5.000 artefatos (VELVET FOUNDATION, 2016c). Tim Gold contou para a referida matéria do *Washington Post* que o processo de aquisição e seleção dos artefatos se dá de maneira variada e trabalhosa. Explicou que viajou pelo país para visitar ativistas dos direitos LGBT e suas famílias, e contou sobre seu projeto “[...] em suas salas de estar, depois seguindo-os para vasculhar caixas em seus sótãos” (O’CONNELL, 2013)⁷⁸. A instituição também recebeu doações, como, por exemplo, do Museu do Sexo, na qual Tim encontrou acidentalmente um rolo de um filme sobre a Parada do Orgulho Gay de 1970 de Nova York. Ele afirma que “Há sinais de protesto de manifestações [*queer*] por todo o país” (O’CONNELL, 2013)⁷⁹, todavia,

Ele disse que haveria muitos mais se ser gay não fosse considerado tabu pelas famílias dos primeiros ativistas; uma vez que eles falecem, muitas de suas famílias jogam fora seus artefatos. Ele acha que até mesmo o sinal original do *Stonewall Inn* foi descartado. “Muito da nossa história infelizmente foi descartada”, disse ele (O’CONNELL, 2013).⁸⁰

Por causa dos descartes, a criatividade e a amplitude dos tipos de documentos que seriam, são e serão selecionados precisam ser altas. Dentre o que foi listado na Política de Coleções, há

⁷⁶ “Offer a place—and means—for LGBT people to pursue mutual goals and to foster a shared identity”.

⁷⁷ “Enhance the well being of all human communities by providing a secure public forum for individuals and groups to confront, debate, and exchange ideas”.

⁷⁸ “[...] in their living rooms, then following them to pick through boxes in their attics”.

⁷⁹ “There are protest signs from demonstrations nationwide”.

⁸⁰ “He said there would be many more if being gay weren’t considered taboo by the families of early activists; once they passed away, many of their families tossed the artifacts. He thinks that even the original sign from the Stonewall Inn has been discarded. ‘So much of our history is unfortunately thrown out,’ he said”.

grande variação, como produções artísticas, objetos pessoais de ativistas históricos do movimento LGBTQ+ estadunidense, relatos colhidos via história oral, roupas, diários, áudios etc. Parece que o objetivo do Museu é realmente coletar o maior número de artefatos a fim de transformá-los em história(s) LGBTQ+.

Em *Preview Our Collection* há 27 exemplos do que se encontra na coleção, 3 dos quais não foi possível captar exatamente do que se tratam⁸¹. Contudo, dentre aqueles que analisei, é possível afirmar: caso o museu continue formando seu acervo conforme tal amostra, sua missão de ser referência a todo espectro *queer* terá falhado. Digo isto pois, do conjunto dos 24 artefatos identificados, 21 referem-se a homens gays cisgêneros, sobretudo brancos e de classe média ou alta. Tal visibilidade foi compartilhada praticamente, e de modo muito minoritário, apenas com mulheres lésbicas: 9 objetos, sendo que apenas 2 deles contêm a palavra “lésbica”. Em relação a transgêneros/as/es, é possível considerar que um item faça alusão a este contingente LGBTQ+. Quanto a bissexuais, pansexuais, assexuais e pessoas intersexo, não há nada que conte suas histórias.

No que corresponde a protagonismo o quadro é similar. O pouco que não alude a homens gays cisgêneros faz menção à história lésbica: são dois objetos exclusivos para tal parcela da comunidade *queer*. Ademais, a respeito de raça e protagonismo, também apenas dois itens se referem à história de pessoas *queer* negras. Não há indícios de pessoas divergentes das normas de gênero e sexualidade em comunidades indígenas, nem latinos.

Os materiais presentes na prévia da seleção também sinalizam a dimensão do projeto,

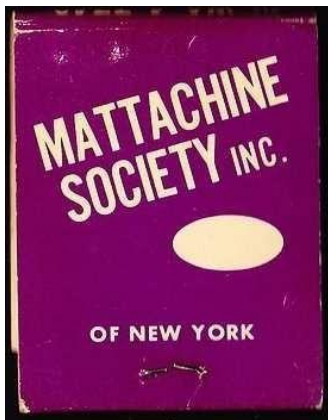


Figura 1 - documento fundacional da *Mattachine Society*. (VELVET FOUNDATION, 2016d)

bem como os períodos do movimento LGBTQ+ e da história *queer* estadunidenses que serão narrados. Há entre eles um dos documentos fundadores da *Mattachine Society* (Figura 1) e a placa de uma manifestação da

Homophile League Columbia University (Figura 2). Os dois

itens versam sobre o início do movimento gay, quando ainda

era denominado movimento homófilo, nos anos 1950-1960.

Duas organizações pioneiras: a

primeira a ser fundada e a primeira liga universitária,



Figura 2 - fotografia da placa de uma manifestação da *Homophile League Columbia University*. (VELVET FOUNDATION, 2016d)

⁸¹ Devido à falta de legendas.

respectivamente.

A coleção também contém significativos itens que fazem alusão a indivíduos destacados da história *queer*. Do período anterior ao *Stonewall*, Franklin Kameny, um dos fundadores da *Mattachine Society*, e Bayard Rustin, importante líder do movimento pelos direitos civis estadunidense que era assumidamente gay. Os dois foram vozes protagonistas em movimentos pioneiros por igualdade de direitos, liberdade e justiça social da Era McCarthy, tendo sofrido punições por serem abertamente gays. Rustin foi preso por dois meses, em 1953, acusado de “sodomia”; Kameny era militar (conforme mostra seu uniforme, na figura 3) e foi demitido em 1957, por causa do decreto 10450⁸².

Destaco que a bengala de Rustin é o primeiro dos dois objetos que fazem alusão à história *queer* negra na prévia da coleção (figura 4). Além disso, a voz do personagem ecoa até hoje na constituição de organizações *queer* negras nos Estados Unidos, sendo que uma foi denominada em sua homenagem: a



Figura 3 - Uniforme de Franklin Kameny (VELVET FOUNDATION, 2016d).



Figura 4 - Bengala de Rustin Bayard (VELVET FOUNDATION, 2016d).

Bayard Rustin LGBT Coalition

[Coalizão LGBT Bayard Rustin]⁸³.

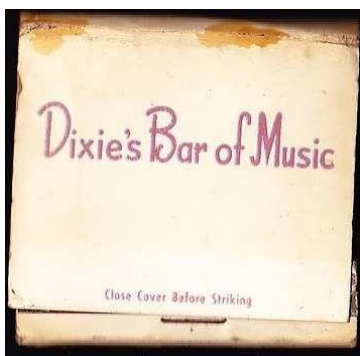


Figura 5 - caixa de fósforos do Dixie's Bar of Music (VELVET FOUNDATION, 2016d).

Na quinta figura, encontra-se um dos artefatos que versa especificamente sobre história lésbica. É uma das caixas de fósforos do *Dixie's Bar of Music* [Bar de Música da Dixie], importante espaço de sociabilidade lésbica, que funcionou entre 1939 a 1964 (ANDERSON-MINSHALL, 2011).

⁸² Elucidado no capítulo primeiro, p. 19.

⁸³ Organização formada em 2006 em homenagem a Bayard Rustin para lutar por equidade educacional, política e social para pessoas negras LGBT. (BAYARD RUSTIN LGBT COALITION, s/d.).

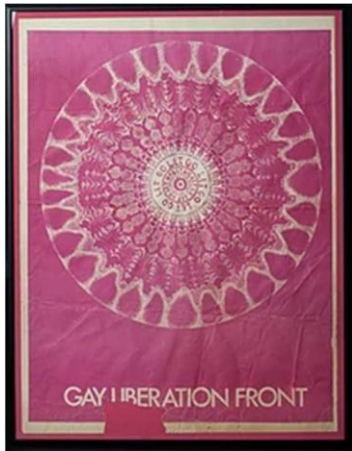


Figura 6 - Pôster da *Gay Liberation Front* (VELVET FOUNDATION, 2016d).

de raça, quanto dá visibilidade para a efervescência do surgimento de organizações *queer* com recortes de raça e classe no movimento LGBTQ+ dos anos 1980 e 1990.

Ademais, outro componente significativo da coleção são os objetos doados pelo mergulhador Greg Louganis, vencedor de títulos olímpicos. Chris Kane explica que

quando a cabeça de Greg Louganis colidiu com a plataforma de mergulho durante as Olimpíadas de Seul, em 1988, e a desinformação sobre o HIV levou à preocupação sobre se outros mergulhadores corriam o risco de se infectar pelo vírus. Esta história, contada através de artefatos doados pelo mergulhador, é parte integrante da história LGBT, e os dois mergulhos vencedores da medalha de ouro de Louganis foram uma importante vitória olímpica para os Estados Unidos (KANE, 2013)⁸⁵

Esta é uma das maneiras de articular uma história mais ampla dos Estados Unidos com questões que, apesar de não serem tangentes somente à comunidade *queer*, acabaram ganhando maior destaque para esse segmento, como a grave crise da AIDS nos anos 1980.

Sobre os anos 2000, há o violino “[...]” que era de Tyler Clementi, calouro da Universidade Rutgers que se suicidou em 2010 depois que um vídeo dele

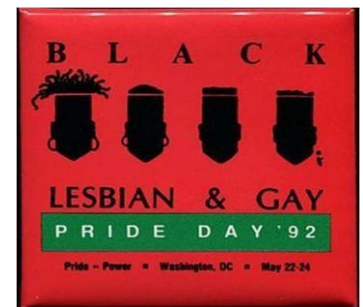


Figura 7 - Ímã/bottom do dia do orgulho lésbico e gay negro de 1992, em Washington (VELVET FOUNDATION, 2016d).



Figura 8 - Violino de Tyler Clementi (VELVET FOUNDATION, 2016d).

⁸⁴ Minha incerteza vem da falta de legenda na imagem.

⁸⁵ “For example, when Greg Louganis’ head collided with the diving platform during the 1988 Seoul Olympics, misinformation about HIV led to concern over whether other divers risked infection by the virus. This story, told through artifacts donated by the diver, is an integral part of LGBT history, and Louganis’ two gold medal-winning dives were a momentous Olympic victory for the United States”.

beijando outro homem foi publicado na Internet” (O’CONNELL, 2013) (figura 8). Tal artefato denuncia a gravidade da LGBTfobia que, ainda no século XXI, acaba fazendo com que a taxa de suicídios entre jovens LGBTQ+ seja estarrecedora. Katherine Schreiber elucida, no site *Psychology Today*⁸⁶, que, na sociedade norte-americana,

[...] o suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 24 anos e a terceira maior causa de morte entre jovens de 10 a 14 anos (CDC, 2010). Entre os jovens que se identificam como minorias sexuais, a probabilidade de morte por suicídio foi estimada em duas a sete vezes maior do que a probabilidade de morte por suicídio entre jovens heterossexuais (Haas et al., 2011). Haas et al. sugerem que tal faixa existe porque os registros de morte raramente incluem a orientação sexual de uma pessoa. Dados mais precisos existem sobre a prevalência de ideação suicida entre jovens de minorias sexuais, no entanto, com o dobro de relatos de um desejo ou intenção de morrer quando comparado a jovens heterossexuais (King et al., 2008). (SCHREIBER, 2017)⁸⁷.

Considerando os índices apresentados por Schreiber, podemos conceber a relevância deste violino. Ainda mais tendo em vista a proporção que a história de Tyler Clementi tomou, pois um ano após a sua morte foi criada uma fundação levando seu nome para deter o *bullying*⁸⁸.

Ao analisar os objetos coletados, três questões são perceptíveis: primeiro, torna-se questionável o quanto a cultura individualista estadunidense (de valorização do sucesso pessoal) influenciou na elaboração de sua coleção, tendo em vista uma grande quantia de objetos individuais. Segundo, há também o foco em vitórias e tragédias da história *queer* personalizadas nos artefatos. Terceiro, é impressionante a disparidade de representatividade entre homens, brancos, cisgêneros de classes média ou alta em detrimento de outros contingentes populacionais LGBTQ+, o que nos leva a questionar quem realmente será representado no Museu.

⁸⁶ Endereço virtual: <<https://www.psychologytoday.com/intl>>.

⁸⁷ “[...] suicide is the second leading cause of death among youth aged 15 to 24 and the third leading cause of death among youth aged 10 to 14 (CDC, 2010). Among youth who identify as sexual minorities, the likelihood of death by suicide has been estimated to be two to seven times greater than the likelihood of death by suicide among heterosexual youth (Haas et al., 2011). Haas et al. suggest that such a range exists because records of death rarely include a person’s sexual orientation. More precise data exist on the prevalence of suicidal ideation among sexual minority youth, however, with twice as many reporting a desire or intent to die when compared to heterosexual youth (King et al., 2008)”

⁸⁸ Site oficial da fundação: <<https://tylerclementi.org/>>. Último acesso em: 16/11/2018.

2.2. A prática no *Here I Am* – estratégias de planejamento para a complexificação da coleção e narrativas históricas (re)produzidas pelo museu

Além da Política de Coleções e da prévia da coleção presentes no site, outro documento no qual é possível apreender a prática da operação historiográfica no *National Museum LGBT* é o seu Planejamento Estratégico — *Here I Am*, apresentado no início desta monografia. Retomando sua introdução, o *Here I Am* trata-se de um documento de 44 páginas, elaborado em conjunto pela diretoria da *Velvet Foundation*, consultores acadêmicos, designers e membros da comunidade LGBTQ+ estadunidense, que contém ideais e ideias para o museu (VELVET FOUNDATION, 2016d). O Planejamento aborda os seguimentos abaixo:

Valores e princípios fundamentais que incorporam a missão do museu e direcionam seus planos e ações.

Mensagens-chave e temas que sustentam as exposições e programas do Museu.

Audiências que o Museu espera servir e como o Museu irá impactá-las.

Componentes do programa a serem alojados no complexo do Museu e como esses elementos se relacionam entre si.

Processo de planejamento que desenvolverá um plano mestre abrangente para implementar a visão do Museu (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 8)⁸⁹.

Isso significa que o Planejamento Estratégico é uma fonte que expõe perspectivas, interpretações, formas de historicização e também de coleta de dados, os quais serão transformados em história nas narrativas apresentadas pelo Museu.

Quatro são as temáticas condutoras do Museu: *Being Me*, *Being Family*, *Being Us* e *Being Me In America* [“Sendo Eu”, “Sendo Família”, “Sendo Nós” e “Sendo Eu na América”]. Em cada uma aparecem histórias que serão contadas e um *Exhibit Element* [Elemento de Exibição], que seria a parte mais interativa da exposição. Em *Being Me* o foco é o processo de autoaceitação e de se assumir LGBTQ+, experiência pela qual praticamente toda pessoa *queer* já passou ou passará, como elucidado no documento:

Histórias de “saída do armário” são contadas e registradas em todo o espectro de identidades sexuais e de gênero. Histórias vêm de todos os cantos da América, compartilhadas por pessoas de todas as religiões, classes e ocupações. Em qualquer idade podemos nos assumir: na infância, na meia-idade em meio a um divórcio, na velhice, depois que aqueles que poderiam se machucar morrerem. Algumas histórias são deixadas em cartas e diários descobertos somente depois da morte do escritor. Algumas “saídas de armário” são bem planejadas e bem ensaiadas; outros são espontâneas. Algumas pessoas foram forçadas a se assumirem depois de serem

⁸⁹ **Core values and principles** that embody the Museum’s mission and direct its plans and actions.

Key messages and themes that undergird the Museum’s exhibitions and programs.

Audiences that the Museum expects to serve and how the Museum will impact them.

Program components to be housed in the Museum complex, and how these elements relate to each other.

Planning process that will develop a comprehensive master plan for implementing the vision for the Museum.

“apanhadas em flagrante”, serem diagnosticadas com AIDS ou serem “expostas” em uma campanha política. Para muitos, o processo foi doloroso; para outros, foi um alívio. Para todos, foi um ato de coragem. (VELVET FOUNDATION, 2016d, p. 20).⁹⁰

Por tal motivo, o elemento de exibição trata-se de uma interface *touch-screen* na qual visitantes podem registrar as histórias de como se assumiram LGBTQ+ e os relatos, por sua vez, passarão por uma seleção em duas etapas: a primeira para serem inseridos no arquivo digital do museu, a segunda para fazerem parte da exibição — ou seja, “alguém” vai hierarquizar os relatos “dignos” de serem arquivados e/ou exibidos e não conhecemos os critérios.

Nesta seção do museu inserem-se três tópicos: *A Name for Me, Becoming Aware* e *The Subjectivity of “Normal”* [“Um Nome para Mim”, “Tornando-me Consciente” e “A Subjetividade do ‘Normal’”]. A primeira versa sobre a história das denominações LGBTQ+, que é uma maneira interessante de desnaturalizar e desconstruir o sistema gênero/sexo e desejo contemporâneo. Segundo Patrik Steorn, é de suma importância que museus atentem para isto, pois

A inclusão de interpretações *queer* e histórias LGBT dentro dos sistemas tradicionais de classificação de museus levanta alguns problemas de metodologia. Em primeiro lugar, é importante ter em mente que a terminologia de homo-hetero-bi e trans tem sua própria história. [...] Além do problema do neologismo, há um problema que o ato de categorizar também é uma forma de exercer poder. Michel Foucault mostrou que a introdução do termo homossexualidade no final do século XIX coincide com a criminalização e medicalização de atos homossexuais em vários países europeus (STEORN, 2010, p. 127).⁹¹

Dessa maneira, mostrando que as denominações lésbica, gay, heterossexual, homossexual, transgênero, cisgênero, entre outras, têm história, e considerando que essa história é a da patologização, da diferença e, principalmente, da produção de um poder-saber que busca hierarquizar pessoas através do gênero e da sexualidade, contá-la rompe com a essencialização dos desejos e das identidades. Rompe-se com a falácia da biologização que

⁹⁰ “Coming-out stories have been told by and recorded from the entire spectrum of gender and sexual identities. Stories come from every corner of America, shared by people of all religions, classes, and occupations. Coming out can occur at any age: in childhood, at mid-life in the midst of a divorce, in old age after those who might be hurt have passed on. Some stories are left in letters and diaries not discovered until after the writer’s death. Some coming outs were well planned and well rehearsed; others were spontaneous. Some people were forced out into the open after being ‘caught in the act’, being diagnosed with AIDS, or being ‘outed’ in a political campaign. For many, the process was painful; for others, it was a relief. For all it was an act of courage”.

⁹¹ “The inclusion of queer interpretations and LGBT histories within traditional museum classification systems raises some problems of methodology. First of all, it is important to keep in mind that the terminology of homo-hetero-bi and trans has its own history. [...] In addition to the problem of neologism, there is a problem that the act of labelling is also a form of exercising power. Michel Foucault showed that the introduction of the term homosexuality at the end of the nineteenth century concurs with the criminalisation and medicalisation of homosexual acts in several European countries”.

gera patologização e também com a naturalização de um sistema desigual e gerador de inúmeras violências.

Na realidade, em conjunto, os três tópicos cumprem esta função, pois os dois últimos tratam da subjetividade inerente à formação dos sujeitos — para construírem a si e o olhar ao outro; isto tendo em vista que os processos de subjetivação, apesar de individuais, se dão dentro de contextos sociohistóricos, geográficos e políticos. Assim, todo o *Being Me* é concernente ao olhar para si, para o individual, inclusive no que se refere a preconceitos.

O *Being Family*, por sua vez, busca desconstruir a ideia de que haja uma família tradicional estadunidense, tendo em vista que boa parcela dos lgbtfóbicos considera que pessoas *queer* irão destruir esta estrutura familiar. Por isso, afirmam que “[...] a única constante ao longo do tempo foi a mudança. A família americana sempre foi uma instituição dinâmica em termos de composição [...] não existe a tradicional família americana” (VELVET FOUNDATION, 2016d, p. 21)⁹². Este é um eixo que defende a pluralidade de famílias, a adoção por pessoas LGBTQ+, o casamento homoafetivo e, também, uma parentalidade segura, receptiva e acolhedora para crianças e adolescentes *queer*. Seus elementos de exibição são dois: o primeiro é similar ao do *Being Me*, uma interface *touch-screen* no qual experiências familiares podem ser relatadas — com o propósito de quebrar estereótipos sobre a “família tradicional americana e seus valores”, que igualmente passarão por uma seleção para integrar o arquivo digital compartilhado com outros visitantes. O segundo chama-se *Fighting for Family* [Lutando pela Família] e é um filme sobre a importância de se respeitar a orientação sexual e a identidade de gênero de cada membro da família.

Being Us versa sobre a comunidade *queer* e indivíduos LGBTQ+ em âmbito social, e aparece caracterizado da seguinte maneira:

Como seres sociais, queremos nos entrosar com pessoas que são como nós, outras que compartilham necessidades, experiências e valores comuns aos nossos. Ansiamos por criar um lugar para nós mesmos que afirme nossa identidade, onde podemos ser livres para ser quem somos. Para esse fim, as pessoas LGBT moldaram subculturas distintas de formas complexas e dinâmicas: mundos que variam amplamente de acordo com a geografia, o tempo e a identidade de seus participantes (VELVET FOUNDATION, 2016d, p. 23).⁹³

⁹² “[...] the only constant over time has been change. The American family has always been a dynamic institution in terms of its composition [...] there is no such thing as *the* traditional American family”.

⁹³ “As social beings we want to affiliate with people who are like us, others who share common needs, experiences, and values. We yearn to create a place for ourselves that affirms our identity, where we can be free to be who we are. To that end, LGBT people have shaped distinctive subcultures in complex and dynamic ways: worlds that vary widely by geography, time, and the identity of their participants”.

Assim como as outras temáticas, essa vem ao encontro da historicização das experiências *queer*, buscando uma maneira de apresentar pessoas divergentes das normas de gênero e sexualidade em tempos diferentes, com costumes, denominações e experiências de vida que dependiam de seus contextos sócio históricos para se formar. Tendo isto em vista, seu elemento de exibição é um conjunto de fotos de sujeitos *queer* de inúmeros períodos da história estadunidense, muitos desconhecidos do público mais amplo ou em contextos inusitados.

Essa dinâmica de imagens abre caminho para o tema final, *Being Me In America*, que se encarrega de narrativas de caráter nacionalista. Em coerência com a lógica do *Preview Our Collections*, na qual é perceptível a influência da cultura individualista estadunidense, esse eixo contém majoritariamente histórias de: indivíduos *queer* que “arquitetaram a nação estadunidense”; líderes dos movimentos LGBTQ+; e de figuras importantes da cultura nacional.

São quatro os seus elementos de exibição: o primeiro chama-se *The Science of Sex – Interactive* [A Ciência do Sexo – Interativo], no qual a ideia é criar um quiz ou uma linha do tempo tridimensional sobre as sexualidades humanas nos estudos científicos desde o século XIX. O segundo, intitulado *Places and Spaces* [Lugares e Espaços], tem o objetivo de estabelecer uma experiência na qual os visitantes sejam “colocados” em locais onde pessoas LGBTQ+ formaram comunidades em tempos e espaços diferentes da história dos Estados Unidos. O terceiro é similar ao de *Being Us*, apresentando pessoas desconhecidas e famosas da história *queer* estadunidense. Por fim, há o *Me In America! America In Me!* [Eu na América! A América Em Mim!], um filme sobre indivíduos *queer* e sua relação com o país, baseado no argumento de que

[...] pessoas LGBT estão moldando a América e a América está moldando pessoas LGBT. Apesar dos ataques físicos, emocionais e espirituais contra suas vidas, indivíduos LGBT tem perseverado na sua busca por descobrir, definir e defender suas verdadeiras identidades enquanto pessoas e enquanto americanas/es/os⁹⁴ (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 30).

Ao finalizar com esta inserção de indivíduos *queer* no contexto nacional, torna-se evidente o patriotismo e o nacionalismo do projeto — o que não é nenhuma surpresa, tendo em vista que se trata de um museu nacional, ainda mais em uma sociedade como a estadunidense, na qual tais valores são estruturadores da vida cultural e política.

⁹⁴ “[...] LGBT people are shaping America and America is shaping LGBT people. Despite attacks upon their physical, emotional, and spiritual lives, LGBT individuals have persevered in their quest to discover, define, and defend their true identities as people and as Americans”.

2.3. Nós somos naturais? O *National Museum LGBT* e a desnaturalização da cisheteronormatividade

Com o exposto, torna-se perceptível que o papel da prática da operação historiográfica no *National Museum LGBT* ultrapassa a diferenciação entre História e Literatura, bem como a historicização de dados “naturais”. Esta prática está de acordo com o que Certeau considerou ser a nova trajetória da historiografia, que já não constrói mais sínteses homogêneas do passado, mas procura reconstituir silêncios, diferenças e complexidades. Tal proposta é efetuada segundo o planejamento da instituição aqui examinada do micro para o macro — do *Being Me* para o *Being Me In America* — com o objetivo de ruir com a generalização e marcar a heterogeneidade.

Para Certeau, historicizar significa expor rachaduras em um passado aparentemente homogêneo e “correto”. Logo, a história se faz na fissura, na erroneidade, deixando de ser encarada como “A” Verdade e passando a ser uma disciplina de elaboração de narrativas sobre o passado que detém poder e dever sociopolítico. Ademais, o autor lembra que a veracidade histórica depende dos “limites de significabilidade” dos objetos de estudo, fontes, dados e da própria narrativa histórica. Estes limites de significabilidade encontram-se, no museu examinado, na dificuldade de encontrar artefatos, por exemplo. Pois, mesmo que tenham sido coletados mais de 5 mil objetos, isso dependeu de oito anos de buscas intensas e criativas a dados que pudessem ser transformados em histórias. Mesmo assim, como assinalamos, há muitas lacunas e silenciamentos.

A própria estratégia de coletar relatos dos visitantes vem ao encontro da complexificação desta história, na sua abrangência e também levando em conta a concepção de que se trata de uma história plural concernente não somente a ativistas, mas igualmente a cidadãos comuns. Afinal, se gênero é um dos marcadores que dá significação primária às relações de poder (SCOTT, 1995), ele atravessa todas as esferas sociais e o cotidiano dos indivíduos. Porém, tendo em vista o protagonismo branco, masculino, cisgênero e elitista, torna-se questionável se na seleção (repite: cujos critérios são desconhecidos a nós) haverá espaço para uma efetiva pluralidade.

Assim, o olhar voltado para a diferença presente no projeto do *National Museum LGBT* busca a historicização e o tensionamento da cisheteronormatividade e da LGBTfobia, abordando pautas fundamentais levantadas pelo movimento *queer* estadunidense ao longo do tempo. Ao conceber que “nós somos naturais”, na mensagem-chave que nomeou este capítulo e subcapítulo, contrapõe-se, pela via da historicidade, à patologização das identidades

LGBTQ+. A potência voltada para desnaturalizar a cisheteronormatividade no museu é o que lhe permite assumir o quanto a pluralidade e a diversidade são naturais — no caso, refiro-me à naturalidade de constituição de desejos sexuais e identidades e expressões de gênero plurais no processo biopsicossocial da materialização (FAUSTO-STERLING, 2001), dependente de sistemas de referências sociais, o que é diferente de naturalização das formas de subjetivação de gênero e desejo contemporâneas.

Contudo, no que diz respeito à interseccionalidade, percebe-se que as preocupações levantadas por Anna Conlan e Amy Sueyoshi quanto à história que será produzida no museu, devido aos marcadores sociais de seu idealizador e diretoria (homens gays brancos, cisgêneros e ricos), fazem-se muito pertinentes. Na amostra da coleção é estarrecedora a grande visibilidade deste contingente LGBTQ+ e a pouca ou nenhuma de outros; no Planejamento Estratégico, pode-se considerar que pessoas transgêneras, bissexuais, panssexuais, assexuais e intersexuais estão incluídas, porém, apenas visualizando os filmes e as interações finalizadas é que poderemos ter certeza disso. Quanto à raça e classe, talvez na escrita da história presente no Planejamento será possível apreender como e se essas problemáticas se farão presentes.

3. “Nossa História é a História Americana”? A escrita da história no *National Museum LGBT*

Para Certeau, a escrita é o produto final da operação historiográfica, que escreveu pensando neste saber dentro do campo acadêmico. Logo, o autor se referia às produções textuais, à elaboração de narrativas históricas baseadas em pesquisa historiográfica, a qual, por sua vez, surge a partir do lugar social da História. Portanto, é necessário, de início, conceber que tal escrita está intrinsecamente relacionada ao lugar social e às práticas desta operação.

Entretanto, acreditamos, o que o autor denominou como escrita da História não precisa necessariamente ser uma produção textual. No caso de uma sala de aula, este produto é a aula de história (PENNA, 2010) e, no caso de um museu, pode ser sua exposição permanente, outras exposições e materiais produzidos pela instituição que contenham uma narrativa histórica (ALVES, 2015; SILVA, 2018). Assim, no *National Museum LGBT*, como ainda não foi instituído o seu espaço físico⁹⁵, mas sim uma prévia virtual junto do *Here I Am*, serão analisadas as narrativas presentes no planejamento estratégico como a escrita da operação historiográfica efetivada pelo Museu.

Em certo sentido, o processo de escrita da história vai em sentido contrário ao da prática de pesquisa. Primeiro, porque estrutura-se a partir da finitude, afinal, todo texto (ou aula, ou exposição) deve ter um final, ao contrário da pesquisa que pode ser interminável. Além disso, a cronologia e o fechamento servem para elaborar uma narrativa histórica inteligível aos pares e à sociedade presente. Uma pesquisa não se fecha em si, é instigada pela falta, pela dúvida, pelo mistério. Todavia, para que a história seja lida, apreendida e difundida, Certeau alega que é necessário preencher lacunas. Enquanto a pesquisa não necessariamente é coesa, e se guia pelas particularidades, heterogeneidades e diferenças, a escrita parece buscar coesão e costurar pontos distribuídos no tempo e espaço a fim de conectar passado e presente. Além disso, outro ponto importante para compreender a escrita histórica é a de que ela própria é uma prática social. Afinal, a História como prática não fabrica uma história, o que a fabrica é seu elemento discursivo - escrito, museológico, pedagógico ou arquivístico - que detém funções sociais e que (re)produz por si só o lugar da história na sociedade. Assim, como prática social, tal saber elabora “[...] relatos do passado que são o equivalente dos cemitérios nas cidades; exorciza e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos.” (CERTEAU, 1982, p. 95) e, ao dar presença a este passado considerado morto, abre espaço para o

⁹⁵ Conforme elucidado na introdução deste trabalho.

reconhecimento de sua vivacidade, de como as marcas pretéritas intervêm no presente. Logo, a escrita historiográfica tensiona, desestabiliza e historiciza sistemas de manutenção das hierarquias e injustiças sociais, como a cisheteronormatividade.

Por esse motivo, nesta pesquisa, faz-se necessário compreender as funções sociais da escrita historiográfica do *National Museum LGBT*. Aprender, parafraseando Certeau, o que é que o *National Museum LGBT* fabrica quando escreve.

Portanto, neste capítulo, pretendo analisar qual a função historiográfica do *National Museum LGBT*. Sob o eixo da perspectiva *queer*, concebo que tal função está impreterivelmente relacionada aos Estudos de Gênero e ao movimento LGBTQ+ estadunidense. Por tais motivos, os problemas de pesquisa orientadores desta análise serão: como a escrita historiográfica no *Here I Am* dialoga (ou não) com os Estudos de Gênero e com diferentes segmentos do movimento LGBTQ+ estadunidense? Há essencializações e/ou biologizações relacionadas aos conceitos de gênero, sexo e sexualidade? E, por fim, retomo a questão do papel social, correspondente sobretudo às possibilidades de tensionamento do Museu à cisheteronormatividade.

Para tanto, baseio-me nas concepções de gênero e produção de saber *queer* e feministas de Donna Haraway (1995), Anne-Fausto Sterling (2001), Judith Butler (2015), Gemmy Beemyn (2014), entre outros⁹⁶. Compreendendo gênero, sexo⁹⁷ e desejo como constructos sociohistóricos, parto do pressuposto de que uma historiografia *queer* deve historicizar a generificação dos corpos e desestabilizar a naturalização e a essencialização das identidades de gênero e dos desejos sexuais.

Todavia, este não é um consenso dentro dos Estudos de Gênero. Linda Nicholson (2000), por exemplo, examina os usos e significados atribuídos aos conceitos de gênero e sexo nas produções de saber, sobretudo feministas. A autora elucida que uma das questões para o feminismo desde seu princípio era findar com o determinismo biológico⁹⁸, que é um dos mecanismos discursivos de manutenção do machismo, do patriarcado e da LGBTQfobia. Porém, o contra-discurso feminista inicial foi aquele que Nicholson denominou de *fundacionalismo biológico*, ou seja, que considera o gênero como um constructo social

⁹⁶ Conforme comentado nos capítulos anteriores e elucidado na introdução desta monografia.

⁹⁷ Produção de saber médico sobre as genitálias e a generificação do corpo.

⁹⁸ A ideia de que pessoas que nascem com vagina são naturalmente mulheres “padrão” e que pessoas que nascem com pênis são naturalmente homens “padrão”. Ou seja, de que as identidades autopercebidas e os comportamentos e papéis socialmente atribuídos e impostos a cada gênero/sexo são naturais.

elaborado a partir do sexo. Somente nos anos 1990s a teoria *queer* passou a contrapor tal ideia, problematizando o olhar e as significações criadas sobre as próprias genitálias⁹⁹.

Como transgênero, me vejo impelido a analisar as diferentes concepções de gênero, sexo e desejo, pois minha própria existência, meu próprio corpo (e de tantos/as/es outros/as/es) são atos performáticos e discursivos que transgridem e tensionam as concepções do determinismo e do fundacionalismo biológicos. Assim, compreendo que corpos não são materiais neutros, pois passam por processos de materialização e de significação, e também pela produção de significados dentro do sistema gênero/sexo e desejo (BUTLER, 2015; FAUSTO-STERLING, 2001). Tais processos estão intrinsecamente ligados às produções de saber que, por sua vez, têm um papel fundamental na manutenção ou na subversão deste sistema, como Fausto-Sterling explica no excerto abaixo:

Na maioria das discussões públicas e científicas, o sexo e a natureza são considerados reais, e o gênero e a cultura são vistos como construídos. Mas trata-se de falsas dicotomias. Começo com os marcadores mais visíveis e exteriores do gênero – os órgãos genitais – para mostrar como o sexo é, literalmente, construído. Os cirurgiões removem partes e usam plástico para criar órgãos genitais “apropriados” para pessoas nascidas com partes do corpo que não são facilmente identificáveis como masculinas ou femininas. Os médicos acreditam que seu saber lhes permite “ouvir” a verdade que a natureza lhes diz sobre o sexo a que tais pacientes devem pertencer. [...]

Nossos corpos, assim como o mundo em que vivemos, são certamente feitos de materiais. E frequentemente usamos a pesquisa científica para entender a natureza desses materiais. Mas essa pesquisa científica envolve um processo de construção do conhecimento. [...] A forma inteira do debate é limitada socialmente, e as específicas ferramentas escolhidas para a análise [...] têm suas próprias limitações históricas e técnicas. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 77-78).

Ou seja, assim como a operação historiográfica está delimitada por um sistema de referências, por um lugar social, as próprias concepções e saberes produzidos sobre gênero, sexo e desejo também estão. É sob tal perspectiva e posicionamento político que busco analisar a escrita historiográfica do *National Museum LGBT* no que condiz à gênero e sexualidade.

⁹⁹ Apesar destas três correntes de pensamento terem surgido em tempos diferentes, é preciso levar em conta que são discursos que se tensionam até hoje e, principalmente, que o determinismo biológico é uma concepção socialmente hegemônica, infelizmente.

3.1 Mensagens-chave: concepções de gênero, sexualidade e história nas premissas do *Here I Am*

Conforme explicado acima, é no supracitado *Here I Am* que se encontra a escrita historiadora do *National Museum LGBT*. Este planejamento estratégico, como já elucidado, apresenta os princípios, concepções e projetos do Museu. Sete mensagens-chave orientam o trabalho da instituição junto das quatro seções já comentadas anteriormente. Estas mensagens, expostas abaixo, serão analisadas junto das narrativas, pois corroboram para compreendermos a(s) perspectiva(s) sobre história, os diálogos (ou suas faltas) com os Estudos de Gênero e com o(s) movimento(s) *queer* estadunidense(s) e as conceituações de gênero, sexo e sexualidade (re)produzidas pelo Museu:

Nós somos naturais. Expressão de gênero e identidade sexual não são a mesma coisa. No entanto, ambos necessariamente nos constituem como humanos.

Nós somos complexos. Cada um de nós existe em múltiplos “mundos interativos”: eu, família, comunidade e sociedade.

Nós sempre estivemos aqui. As pessoas que não estão em conformidade com as normas da sociedade sempre existiram. O que mudou é como os outros os percebem, rotulam e tratam.

Nós somos sobreviventes. Dor, raiva, isolamento e abandono fazem parte da experiência LGBT, assim como perseverança e orgulho. Tragédias também nos uniram.

Nós somos plurais. Nossa história é uma entre histórias e culturas - um mosaico de comunidades moldadas por onde vivemos, quando vivemos, nossa classe, nossa herança e como expressamos nossa sexualidade e gênero. O pluralismo também criou conflito e disputa entre nós.

Nossa história é a história da América. As pessoas LGBT contribuíram em todas as facetas da sociedade americana - a maioria como cidadãos comuns, mas muitos como principais arquitetos de nossa história política, cultural e social nacional.

Nós somos como você. A maioria das nossas histórias são sobre pessoas que querem apenas a liberdade de serem elas mesmas. (VELVET FOUNDATION, 2016e, p.12).¹⁰⁰

¹⁰⁰ “**We are natural.** Gender expression and sexual identity are not the same things. However, both are inseparable from being human.

We are complex. Each of us exists in multiple, interacting worlds: self, family, community, and society.

We’ve always been here. People who do not conform to society’s norms have always existed. What has changed is how others perceive, label, and treat them.

We are survivors. Pain, rage, isolation, and abandonment are part of the LGBT experience, but so are perseverance and pride. Tragedies also have brought us together.

We are plural. Our story is one of histories and cultures - a mosaic of communities shaped by where we live, when we lived, our class, our heritage, and how we express our sexuality and gender. Pluralism also has created conflict and contention among us.

Our story is America’s story. LGBT people have contributed to every facet of American society - most as ordinary citizens but many as principal architects of our national political, cultural, and social history.

We are like you. Most of our stories are about people who only want the freedom to be themselves”.

As mensagens-chave estão dispostas no texto do Planejamento em dois momentos: primeiro, em conjunto, antes das narrativas fabricadas; depois, espalhadas pelo documento, junto a imagens carregadas de significado. Percebe-se, a partir delas, que o Museu compreende gênero, sexo e desejo como inerentes ao ser humano. Em “Nós somos naturais” (figura 9), a natureza parece estar conectada à pluralidade, à ideia de que a diversidade é natural.

A noção de pluralidade é reforçada pelas mensagens “Nós somos complexos” e “Nós somos plurais”. Porém, observei que somente nestas duas últimas mensagens pessoas asiáticas e negras aparecem nas imagens (figuras 10 e 11), ainda assim em pequeno número, enquanto brancos despontam como protagonistas nas fotografias. Isto expressa o quadro das relações étnico-raciais dentro da heterogênea comunidade *queer* estadunidense, ou seja, o fato de que as estruturas hierárquicas racistas e colonialistas são profundas e (re)produzidas entre LGBTQ+s.

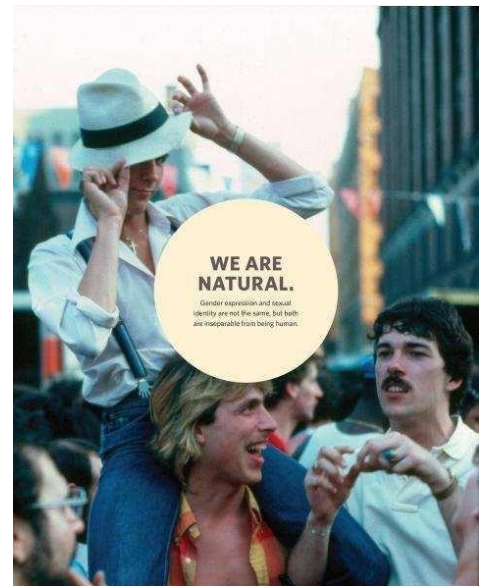


Figura 9 – ‘We are natural’: mensagem-chave do *Here I Am* (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 14).

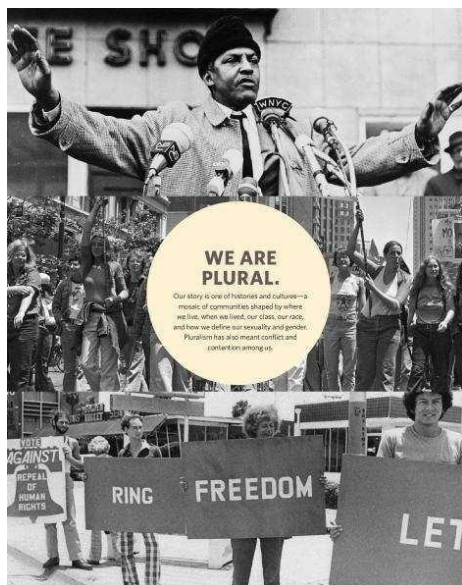


Figura 10 - ‘We are plural’: mensagem-chave do *Here I Am* (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 30).



Figura 11 - ‘We are complex’: mensagem-chave do *Here I Am* (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 35).

“Nós sempre estivemos aqui” indica essencialismo e naturalização das categorias e identidades sexuais e de gênero contemporâneas: “O que mudou é como os outros os percebem, rotulam e tratam” (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 12). Esta frase fomenta o questionamento: homossexuais, heterossexuais, cisgêneros, transgêneros sempre existiram? Se o sistema gênero/sexo e desejo é um constructo sociohistórico contemporâneo (BUTLER, 2015; FOUCAULT, 2013) e se gênero é um elemento constitutivo primário das relações de poder em todas as sociedades, tempos e espaços conhecidos até hoje, modificando-se de acordo com a cultura e as estruturas de cada sociedade (SCOTT, 1995),



Figura 12 - ‘We’ve always been here’: mensagem-chave do *Here I Am* (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 22).

será que o que mudou foi somente como

elementos externos enxergam, denominam e convivem com pessoas divergentes dos respectivos sistemas de gênero dos quais estão imbuídos?

Fausto-Sterling, ao articular seus conhecimentos como bióloga com o pensamento de Butler, afirma que essa última

[...] sugere que olhemos para o corpo como um sistema que, simultaneamente, produz significados sociais e é produzido por eles, exatamente como qualquer organismo biológico sempre resulta das ações simultâneas e combinadas de natureza e criação. (FAUSTO-STERLING, 2001, p. 64).

A partir do trecho acima, volto a problematizar desejo, sexo, gênero e corpo. Concordo que pessoas divergentes dos sistemas de gênero sempre existiram. Mas, se produzimo-nos — materializamo-nos — de acordo com as significações possibilitadas pelos discursos que nos são contemporâneos — além de, simultaneamente, produzirmos significados para este sistema, questiono: como é possível que sempre tenhamos existido e que a única questão capaz de diferenciar um tempo de outro seja aquela referente a como “os outros nos viram”? Se gênero, sexo, desejo e corpo são fabricados e fabricam, se o eu emerge na relação com o outro e vice-versa, essa, parece-nos, é uma colocação que não historiciza a formação das identidades LGBTQ+ e reforça os perigos da essencialização.

As duas últimas mensagens-chave também são interessantes para compreendermos a escrita historiográfica do Museu: “Nossa história é a história da América” traz consigo o cunho fortemente nacionalista do *National Museum LGBT* e demonstra a sua principal intenção historiadora: elaborar uma narrativa nacional. Enquanto tal, questiono-me se esta produção historiográfica não perderia potência desestabilizadora e crítica¹⁰¹ ao procurar dar uma coesão identitária ao seu “objeto”.

Por último, em “Nós somos como você”, observo que a frase está direcionada para o público cisgênero e heterossexual, e parece-me um intento de “normatizar o diferente”. Na figura 13, referente a essa mensagem, há um policial e um homem segurando um cartaz no qual ele afirma que é um ser-humano. Com base na fotografia, tendo a compreender que esta mensagem-chave expressa o propósito da instituição de promover a humanização da população LGBTQ+ nos Estados Unidos, direcionado a quem “já é humano”¹⁰² sob os olhos da cisheteronormatividade.



Figura 13 - ‘We are like you’: mensagem-chave do *Here I Am* (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 38).

3.2. “Sendo Família”, “Sendo Nós”, “Sendo Eu na América”: a história *queer* americana produzida no (e produtora do) “Aqui Estou”

No capítulo anterior vimos que, baseado no *Here I Am*, o *National Museum LGBT* dividir-se-á em quatro seções: *Being Me*, *Being Family*, *Being Us* e *Being Me in America*. É nos três últimos segmentos que se encontram as narrativas historiográficas elaboradas pelo Museu até o momento, enquanto o seu espaço físico não se constitui.

¹⁰¹ Potência, essa, promovida a partir do apontamento de ruídos, rupturas e incongruências na narrativa histórica (CERTEAU, 1982; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012).

¹⁰² Ou seja, da perspectiva do sujeito cisgênero e heterossexual.

Tais narrativas abarcam 36 textos curtos, separados em tópicos organizados pelos eixos temáticos. Assim como a prévia da coleção apresentada no site¹⁰³, analisada no capítulo anterior¹⁰⁴, e como é possível verificar na tabela abaixo¹⁰⁵, nestas narrativas o protagonismo é branco, homossexual, masculino, cisgênero e das elites — marcadores que em geral estão combinados, mas não necessariamente.

TABELA 01- REPRESENTATIVIDADES NA ESCRITA HISTORIOGRÁFICA DO *NATIONAL MUSEUM LGBT*

	Ser Família	Sermos Nós	Ser Eu na América	Total
Gênero e Sexualidade - LGBTQ+				
Lésbicas	5	9	2	16
Gays	3	10	12	25
Bissexuais	0	2	0	2
Transgêneros	1	0	1	2
Outres*	0	0	1	1
Raça				
Branços	?	?	10	10
Negros	?	3	3	6
Indígenas	1	?	?	1
Outres	0	0	0	0
Gênero				
Mulheres	5 ou 6**	10	2 ou 3**	19
Homens	3 ou 4**	11	12 ou 13**	27
Outres	1**	0	1	1

* Intersexuais, pansexuais e outras identidades pertencentes à comunidade LGBTQ+, e/ou pessoas de gênero inconforme não assinaladas como transgêneros nas narrativas analisadas.

** Números possíveis/incertos pois dependem da perspectiva historiográfica diante da inconformidade de gênero e/ou transgeneridade.

Fonte: elaborado pelo autor.

O Museu abrange um vasto período histórico, do século XVII até os anos 2000, mas também trata das relações de gênero nos grupos nativo-americanos, antes da colonização. Assim, as incertezas expostas na tabela se dão pelas dificuldades em realizar uma historiografia *queer* — falta de fontes e o olhar para a fonte sob o cuidado de não cair no

¹⁰³ Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/preview-our-collections>>. Último acesso em: 26/11/2018.

¹⁰⁴ Subcapítulo 2.1.: “Do naturalizado ao histórico: quais/como artefatos se constituem em história *queer* no National Museum LGBT”, páginas 42-29.

¹⁰⁵ Muitos textos abarcam mais de um marcador social ou mais de um subgrupo da comunidade LGBTQ+, como, por exemplo, “homens bissexuais e homossexuais” ou “gays e lésbicas”. Dessa maneira, algumas narrativas foram contabilizadas duas vezes na tabela. Ou seja, o que foi considerado para realizá-la foi somente em quantas narrativas tais sujeitos são representados ou não.

anacronismo¹⁰⁶. Outras duas questões me foram perceptíveis: a maneira como as pessoas de gênero inconforme estão caracterizadas e o que é ou não marcado — diferenças e (in)visibilidades. Desta maneira, destaco abaixo algumas narrativas para melhor compreensão da problemática exposta dos (não) protagonismos e (in)visibilidades.

A primeira história, além de ser a única sobre pessoas de gênero inconforme em “Ser Família”, também é a única que fala sobre indígenas. Seu texto discorre sobre as pessoas que eram denominadas “Dois Espíritos” pelos nativo-americanos. Nele, percebe-se o intento de mostrar como os papéis rígidos do sistema binário de gênero foram impostos no processo de colonização. Todavia há algumas incongruências nas descrições das pessoas de gênero inconforme, conforme podemos ver abaixo:

Dois espíritos: em cerca de 130 tribos nativas americanas, os homens que assumiram o vestuário e os papéis costumeiros das mulheres não eram apenas uma parte aceita de suas comunidades, mas muitas vezes reverenciados por suas qualidades espirituais especiais. Em algumas tribos, os homens transgêneros tinham liberdade para se casar com outros homens ou para formar parcerias de longo prazo com pessoas do mesmo sexo. Embora os missionários europeus tenham acabado por expulsar esses homens para a clandestinidade, a tradição, conhecida como “Dois Espíritos”, ainda está viva entre os povos nativos. (Mulheres também assumiram papéis masculinos, com algumas delas se tornando chefes tribais ou guerreiros.) (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 20).¹⁰⁷

Por causa da forma como a inconformidade nas expressões e identidades de gênero estão colocadas, voltamos à discussão da questão da biologização. Afinal, ao descrever a constituição dessas identidades e expressões divergentes da cisnormatividade, os autores as apresentaram de maneira anacrônica, cisnormativa e biologizante: o que seriam “homens que assumiram o vestuário e os papéis costumeiros das mulheres” e “mulheres” que “assumiram papéis masculinos”? O que são homens? O que são mulheres? Não seria mais apropriado descrevê-los(as) como “pessoas que hoje seriam designadas como homens/mulheres ao nascer e viviam de acordo com os papéis de gênero considerados femininos/masculinos para sua cultura”?

Isto repete-se em “Mulheres na luta [...]”, presente em “Ser Eu na América”:

Mulheres na luta: soldados da Guerra Civil, 1860s. Estima-se que mais de 400 mulheres se passaram como homens para lutar como soldados na Guerra Civil. Durante séculos mulheres passaram-se por homens para viver a vida

¹⁰⁶ Tendo em vista que o binarismo de gênero e a cisheteronormatividade são produtos da modernidade.

¹⁰⁷ “**Two spirits:** is as many as 130 Native American tribes, men who took on the dress and customary roles of women were not only an accepted part of their communities but often revered for their special spiritual qualities. In some tribes, transgender males were free to marry other men or to form long-term same-sex partnerships. Although European missionaries ultimately drove these men underground, the tradition, known as ‘Two Spirit’, is still alive among native peoples. (Women also took on male roles with some of them becoming tribal chiefs or warriors)”.

que queriam - realizar “trabalhos de homens” ou viver com outras mulheres. Para outros “passar” permitiu-lhes viver com outras mulheres. Muitos não foram “detectados” até que a doença ou a morte “explodissem” sua cobertura (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 26).¹⁰⁸

No texto o Museu desconsidera as expressões de gênero inconformes destas pessoas que foram designadas como mulheres ao nascer, mas que não necessariamente se compreendiam de tal maneira ou viviam “como homens” para atingir outros objetivos que não o de existirem de acordo com a sua identidade autopercebida. Há, insisto, possibilidades de existência para além do binarismo e da cisnormatividade.

Genny Beemyn e Fausto-Sterling elucidam que existem muitas produções historiográficas *queer* que essencializam e biologizam as identidades sexuais e de gênero da mesma maneira que o Museu. Sobre isso, Beemyn explica que

Historiadores têm frequentemente ignorado ou rejeitado exemplos de expressão de gênero não normativa, especialmente entre indivíduos designados como mulheres no nascimento, que eles consideravam simplesmente buscar privilégios masculinos se vivessem como homens. Somente nos anos 1970 e 1980 a não-conformidade de gênero começou a receber uma atenção além da superficial por historiadoras lésbicas e historiadores gays que procuraram identificar e enaltecer indivíduos do passado que tiveram relações com pessoas do mesmo sexo (BEEMYN, 2014, p. 2).¹⁰⁹

Assim, percebo nos casos de “Dois Espíritos” e “Mulheres na luta [...]” essa tendência a ignorar a não normatividade e a pluralidade de identidades e expressões de gênero, o que significa, em última instância, ignorar a compreensão de que o binarismo de gênero e as concepções de homem e mulher contemporâneos provêm da cultura ocidental, branca, europeia e colonialista (LAQUEUR, 2001; FOUCAULT, 2013; WALSH, 2009). Ademais, mesmo dentro desta cultura, transgeneridade não diz respeito a mulheres que vivem como homens ou vice-versa; esta é uma ideia de caráter transfóbico e biológico-determinista que, ao meu ver, não cabe em um museu LGBTQ+.

Em “Faculdades femininas [...]”, de “Seremos Nós”, outro trecho me chamou a atenção. Ao discorrer sobre bailes românticos exclusivamente femininos do início do século XX, os autores escrevem: “Uma parceira de dança de uma noite poderia se tornar uma amiga romântica, ocorrência comum em um ambiente em que as mulheres cultivam relacionamentos

¹⁰⁸ “**Fighting Women:** Civil War soldiers, 1860s. It is estimated that more than 400 women who passed as men fought as soldiers in the Civil War. For centuries, women have passed as men in order to live the lives they wanted to - doing ‘men’s work’ or living with other women. For others passing allowed them to live with other women. Many went undetected until illness or death ‘blew’ their cover”.

¹⁰⁹ “Historians have often ignored or dismissed instances of non-normative gender expression, especially among individuals assigned female at birth, who they regarded as simply seeking male privilege if they lived as men. It was not until lesbian and gay historians in the 1970s and 1980s sought to identify and celebrate individuals from the past who had had same-sex relationships that their gender nonconformity began to receive more than cursory attention”.

amorosos entre si **na ausência de homens.**” (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 21, grifo meu). As últimas palavras fomentaram os seguintes questionamentos: por que o Museu descreveu todos os relacionamentos homoeróticos masculinos sem questionar suas motivações, mas em específico para este grupo de mulheres utilizou a ausência masculina como justificativa de suas relações?

Por exemplo, uma história do mesmo período da “Faculdades femininas...”, é a “Habitação Bacharel”:

“Durante a primeira metade do século XX, um grande número de homens da classe trabalhadora saiu de casa, renunciaram o casamento e mudaram-se para as grandes cidades. Lá eles frequentemente viviam em casas de hóspedes exclusivas para homens, hotéis e instituições como a YMCA, ambientes em que era relativamente fácil para casais do mesmo sexo viverem juntos sem serem ‘detectados’” (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 20).¹¹⁰

Como não temos acesso às suas fontes, nem os referenciais teórico-metodológicos estão descritos, é completamente questionável que os relacionamentos homoeróticos femininos sejam duvidáveis enquanto os relacionamentos entre homens não o sejam.

Retomando a questão dos protagonismos, (in)visibilidades e marcações, “Ser Eu na América” é o eixo no qual essa não-pluralidade torna-se mais evidente. Ao focar principalmente em trajetórias individuais daqueles que foram denominados “arquitetos da nação” pelo *National Museum LGBT*, entre 14 narrativas¹¹¹, 8 são sobre homens, cisgêneros, brancos e parte da elite de seus tempos.

No mesmo sentido, todas as pessoas que consegui identificar enquanto brancas não foram assim caracterizadas na escrita historiográfica do Museu. Somente negros e indígenas foram marcados no que condiz à raça. Assim como a cisgeneridade, a branquitude também foi

¹¹⁰“Bachelor housing: During the first half of the twentieth century, large numbers of working-class men left home, deferred marriage, and moved to major cities. There they often lived in all-male rooming houses, hotels, and institutions like the YMCA, environments in which it was relatively easy for same-sex couples to live together undetected”.

¹¹¹ 1. Michael Wigglesworth (1631 – 1705), clérigo;
 2. Alexander Hamilton (1755 – 1804), secretário do tesouro e liderança Guerra da Independência;
 3. Walt Whitman (1819 – 1892), escritor e jornalista;
 4. ‘Mulheres na luta’ – Guerra Civil, década de 1860.
 5. Susan B. Anthony (1820 – 1906), liderança do movimento sufragista;
 6. Alain Locke (1886 – 1954), filósofo;
 7. ‘Navios *Queer*’ – Fim Segunda Guerra Mundial, década de 1940. Navios nos quais os soldados homossexuais retornaram aos Estados Unidos após banimento do exército devido sua orientação sexual.
 8. Harry Hay (1912 – 2002), co-fundador da *Mattachine Society*;
 9. Aaron Copland (1900 – 1990), compositor;
 10. Frank Kameny (1925 – 2011), liderança do movimento *queer* estadunidense desde o movimento homófilo;
 11. Bayard Rustin (1912 – 1987), liderança do movimento pelos direitos civis.
 12. Harvey Milk (1930 – 1978), político, liderança do movimento LGBTQ+;
 13. John Fryer (1937 – 2003), médico psiquiatra e ativista dos direitos queer;
 14. Kate Bornstein (1948), escritora e artista trans não-binária.

tomada como “normal” e, portanto, sem necessidade de marcação. Sobre isso, retomo Haraway ao questionar: o “universal” não precisa ser localizado?

3.2 Função social da escrita historiográfica do *National Museum LGBT*: a história americana *queer*.

Com estes exemplos, é possível perceber que os ideais de diversidade e justiça social têm um caminho longo a percorrer para o Museu de fato auxiliar no combate à transfobia, à bifobia e à lesbofobia como está previsto em suas missões. Além disso, dar voz a uma comunidade LGBTQ+ heterogênea como a estadunidense pressupõe que a interseccionalidade entre gênero, raça e classe jamais seja esquecida.

O Museu mostrou estar mais próximo das estratégias de essencialização das identidades *queer*, as quais não deixam de ter potência para tensionar a heteronormatividade no que diz respeito à proposta de contemplar o desejo que hoje é tido como homossexual ao longo do tempo. Todavia, tal essencialização falha sobretudo em tensionar a cisnormatividade. Nesse sentido, pode-se dizer que faltou, na escrita historiográfica da instituição, uma efetiva historicização da generificação dos corpos, dos desejos e das identidades.

Ao elaborar uma história estadunidense, principalmente em “Ser Eu na América”, o quadro geral das narrativas torna-se aquele “dos grandes homens”, da branquitude, da masculinidade e da cisgeneridade. Acaba, assim, por corroborar, a partir do não dito, com o silenciamento das vozes feministas, das vozes transgressoras da transgeneridade e das vozes potentes des trabalhadores, negros, negras e indígenas, e de toda a gama de pertencimentos que divergem ou divergiram dos sistemas de gênero, sexo e desejo hegemônicos.

Considerações Finais – “Nós somos plurais”: identidades, potencialidades e tensionamentos na/da operação historiográfica no *National Museum LGBT*

Compreender a operação historiográfica do *National Museum LGBT* é apreender os desafios deste projeto ambicioso na possibilidade de se instituir enquanto museu, na sua pesquisa e na sua escrita da história, a qual é produto e produtora também.

O primeiro capítulo demonstra que a história dos movimentos LGBTQ+ estadunidenses é complexa, formada por frações e fraturas históricas de uma gama heterogênea des indivíduos que constituem a chamada “comunidade *queer*”. Raça e classe, como marcadores sociais inerentes à composição des sujeitos junto a gênero, nos mostram como a interseccionalidade age no tecido social complexificando as relações, que são desiguais, que são hierárquicas, que são de poder.

Assim, apesar de brancos anglo-saxões, negros, indígenas, latinos, asiáticos, burgueses, trabalhadores rurais, operários, terceirizados, *freelancers*, mulheres cisgêneras, mulheres transgêneras, homens transgêneros, homens cisgêneros, pessoas não-binárias, travestis, transviados, *dragqueens*, *dragkings*, *butches*, *femmes*, bixas, pessoas de expressão de gênero fluídas, pessoas intersexuais, pessoas de expressão de gênero binárias, pessoas monossexuais, pessoas não-monossexuais, sapatonas, viados... Enfim... Apesar de todas estas categorias marcarem e formarem pessoas que fazem parte do espectro LGBTQ+, isto não significa que o marcador da diferença de divergência da (cis)heteronormatividade nos forme como uma comunidade coesa, harmônica e desprovida de distinções de raça, classe e gênero, entre outras.

Isto é, há relações de poder imbricadas no cerne das comunidades e movimentos *queer*. Como diz a mensagem-chave que nomeia esta conclusão: “nós somos plurais”. E como diz o título desta monografia: “nós somos complexos”.

Todavia, a partir da análise, é perceptível que o Museu pretende tornar-se uma referência para a história LGBT estadunidense e, dessa maneira, para a (re)produção de uma identidade LGBT daquele país. Contudo, a heterogeneidade inerente à comunidade *queer* é um dos maiores desafios enfrentados pelo *National Museum LGBT*.

Para refletir sobre os desafios e as potencialidades do Museu em relação à(s) identidade(s) LGBTQ+, parto de Michael Pollak (1992) e Avtar Brah (2006). Com base em Brah, considero que a identificação que une pessoas LGBTQ+ se forma a partir da diferença

em relação à cisheteronormatividade. A autora elucidada que “A diferença como relação social pode ser entendida como as trajetórias históricas e contemporâneas das circunstâncias materiais e práticas culturais que produzem as condições para a construção das identidades de grupo” (BRAH, 2006, p. 363).

Um grupo, então, se forma ao compartilhar experiências de determinada diferença e utiliza suas divergências como ponto articulador da criação de uma coletividade, de uma comunidade. Ainda, Avtar Brah explica que as genealogias históricas das narrativas das diferenças são potentes para a constituição de grupos socialmente consolidados, como LGBTQ+, negros, mulheres etc. Ela explica que é nas relações de poder que essas diferenças se instituem, como já assinalado ao longo do presente trabalho, e que tais categorias da diferença surgem não somente “[...] para a designação de uma situação subordinada dentro de estruturas socioeconômicas e políticas de poder, mas também [para] sublinhar sistemas de significação e representação [...]” (BRAH, 2006, p. 363), os quais, por sua vez, constituem a formação dos sujeitos sociais.

Pollak, por sua vez, discorre sobre o papel da memória na construção de identidades sociais. O autor elucidado que a memória é um fenômeno individual e social e, enquanto coletiva, permite que até mesmo acontecimentos que não tenhamos vivido façam parte do nosso imaginário e promovam o sentimento de pertença, como se *herdássemos* memória. O autor também levanta a questão da seletividade da memória, pois essa se articula com as preocupações do momento e, como fenômeno social, é também um fenômeno política e envolve disputas. Ao elucidar a relação entre memória e identidade social, afirma:

[...] há uma ligação fenomenológica estreita entre memória e o sentimento de identidade. [...] Se assimilamos aqui identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. **Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.** (POLLAK, 1992, p. 204, grifos meus).

Dessa maneira, concebo que para se instaurar enquanto espaço de Memória e História LGBT estadunidense por excelência, produtor de uma identidade *queer* nacional, o *National Museum LGBT* enfrenta os desafios da memória e da diferença como constituintes desta identidade. Isto é, da negociação de memórias da diferença, e das diferenças no interior destas memórias em disputa dentro da própria comunidade LGBTQ+.

Ademais, tal construção passa pela própria elaboração do Outro que, aqui, seria o “Você” da mensagem-chave “Nós somos como você”, a qual, conforme vimos no capítulo terceiro, trata-se de pessoas cisheterossexuais. Contudo, esta mensagem direcionada ao “outro” expressa a concepção de que as identidades *queer*, de fato, nasceram e nascem da diferença, das margens, da divergência, do anormal. Nós somos o “Eu” enquanto “outro” numa sociedade cisheteronormativa?

Assim, concluo que é imprescindível compreender o fenômeno da constituição de identidades LGBTQ+ como constructos sociohistóricos e, da mesma maneira, a operação historiográfica no *National Museum LGBT*, levando em conta que tal instituição possui uma função social diante das dinâmicas entre sociedade, história, memória e identidade.

Assim, o *National Museum LGBT* não possui somente a intenção, mas também o efeito de (re)produção de discursos constituintes de identidade(s) *queer*. Todavia, com base nas investigações sobre as suas prática e escrita historiográficas, questionei-me: qual a possibilidade de isso acontecer fora da pluralidade e da interseccionalidade? Sobre tal ponto, Haraway defende que

Lutas a respeito do que terá vigência como explicações racionais do mundo são lutas a respeito de como ver. Os termos da visão: a questão da ciência no colonialismo; a questão da ciência no extermínio (Sofoulis, 1988); a questão da ciência no feminismo (HARAWAY, 1995, p. 28).

Seguindo esta lógica, me parece que o caráter nacionalista do Museu acabou por condicionar uma escrita historiográfica que, em muitos pontos, (re)produz o colonialismo e o machismo, por exemplo, tendo em vista o foco majoritário em trajetórias individuais de homens, brancos, cisgêneros e pertencentes às elites de seus tempos. Ademais, tomou por base uma ciência que flerta com o determinismo e com o fundacionalismo biológicos.

Repito que, após realizar uma pesquisa sobre a história do movimento *queer* estadunidense, pude assimilar o quão rica e complexa esta história é. No que condiz à complexidade, acredito que o maior desafio é a articulação entre a história dos movimentos lésbico e gay com a história da transgeneridade — da própria invenção das identidades de gênero inconformes enquanto transexuais e a genealogia do movimento transgênero proveniente disto. Apesar da lógica e dos pontos de partida serem provenientes dos discursos que mantêm o mesmo sistema, os movimentos relacionados à orientação sexual e os relacionados à identidade de gênero percorreram caminhos estritamente separados até a Rebelião Stonewall.

Em função desta compreensão da complexidade da história que o *National Museum LGBT* se propõe a produzir, questionei-me: por que tal história não aparece em sua escrita

historiográfica, mesmo que desponte na sua prática como proposta de pesquisa? Inclusive, penso que, mesmo seguindo a lógica da cultura individualista norte-americana, esta é uma história que pode ser narrada a partir do enaltecimento de personagens como Billy Tipton¹¹², Christine Jorgesen e Marsha P. Johnson¹¹³.

Contudo, é de suma importância considerar a potência do projeto na visibilidade da(s) história(s) LGBTQ+. Com pouquíssimos museus com esta temática no mundo, o *National Museum LGBT* é um projeto que promete dar grande visibilidade à história de pessoas divergentes do sistema gênero/sexo e desejo. Ao mostrar figuras de relevância nacional de uma das maiores potências mundiais, essa narrativa quebra com a naturalização da marginalização das pessoas *queer* e desestabiliza a desumanização que sofremos enquanto comunidade no mundo.

Ademais, o próprio Museu faz a autocrítica e admite no seu Planejamento Estratégico que transgêneros e bissexuais estão severamente pouco representados na coleção atual (VELVET FOUNDATION, 2016e, p. 34), o que se reflete na sua escrita historiográfica e, por último, na análise que realizei. É muito positivo que esta autocrítica tenha sido feita, principalmente porque, caso os grupos focais¹¹⁴ sejam uma prática constante ou que se repita, há a possibilidade da instituição dialogar com transgêneros e constituir narrativas historiográficas que não (re)produzam a cisnormatividade como as que foram criticadas no capítulo terceiro.

Contudo, é relevante considerar que as disputas sobre essencialismo versus desconstrucionismo também formam a comunidade *queer* em sua heterogeneidade. E, mesmo que o Museu acabe por dialogar mais com o posicionamento teórico do essencialismo, não deixa de estar de acordo com as concepções de gênero, sexo e sexualidade de muitas pessoas LGBTQ+ estadunidenses. Todavia, sabemos que tais concepções são perigosas, já que a biologização pode cair na lógica da patologização, por exemplo.

¹¹² Músico de jazz transmasculino que viveu durante o século XX (BEEMYN, 2014).

¹¹³ Citadas no primeiro capítulo.

¹¹⁴ Como explicado no capítulo 02, devido a uma maioria branca, cisgênera e masculina na equipe de criação do museu, foram constituídos grupos para discussão do seu projeto em conjunto a outras categorias participantes da comunidade *queer*, como mulheres lésbicas e bissexuais, os quais temos ciência que ocorreram.

O *National Museum LGBT* surgiu a partir do campo de possibilidades para a formação de espaços de memória LGBTQ+ que se abriu na efervescência de museus e exposições voltadas a tais grupos na primeira quinzena do século XXI, proveniente do quadro de histórias de luta por direitos e justiça *queer* tecida desde a década de 1950 nos Estados Unidos. Esta é uma história não é evolucionista, que enfrenta e enfrentou períodos de retrocesso. Uma luta que envolveu intensas batalhas e tem etapas progressistas em direção à equidade de direitos e respeito à diversidade de gênero e sexual; mas também abarca períodos de retrocesso social, político e cultural, que nos impelem a fazer ampla e constante resistência contra o avanço da violência e repressão LGBTfóbicas.

Agora enfrentamos mais uma fase de retrocessos: enquanto no Brasil a disseminação da falácia de que existe “ideologia de gênero” legitima a violência de gênero e faz crescer o índice de crimes cometidos contra LGBT’s¹¹⁵, nos Estados Unidos de Donald Trump o cenário não é muito diferente. O atual presidente da potência mundial pronunciou em outubro passado sua pretensão de revogar reconhecimento das identidades transgêneras (GREEN et al, 2018), ou seja, os direitos de transgêneros serem reconhecidos por suas identidades de gênero autopercebidas corre grave risco no “país da liberdade”, fazendo-nos questionar quem tem realmente direito à liberdade de ser quem é.

É neste cenário que, atualmente, o *National Museum LGBT* se encontra. Assim, seu lugar social enquanto espaço de resistência *queer* toma um peso maior; e a responsabilidade na produção de saberes antiLGBTfóbicos que tensionem a cisheteronormatividade igualmente toma proporções maiores.

Todavia, a potência em tornar-se um espaço de História, Memória, Verdade e Justiça LGBTQ+ contra os altos índices de suicídio, assassinatos e toda a sorte de violências que pessoas *queer* sofrem passa pelo desafio da união em prol da resistência, da constituição de uma historiografia complexa que abranja a gama heterogênea de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros binários, transgêneros não-binários, pansexuais, intersexuais, assexuais e todas/os/es que divergem da cisheteronormatividade.

¹¹⁵ Como comentado na introdução desta monografia.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Anita. **A proposta de mudança na definição de gênero do governo Trump.**

In: Nexo Jornal. 24 de outubro de 2018. Disponível em:

<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/24/A-proposta-de-mudanca-na-definicao-de-genero-do-governo-Trump>>. Último acesso em: 30/11/2018.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?**. In: GONÇALVES, M. A. et al (Orgs). Qual o valor da história hoje?. Rio de Janeiro: FGV Editora. 2012.

ALVES, Clarissa Sommer. **Reflexões sobre o ofício do historiador em arquivos a partir da construção da oficina Resistência em Arquivo: patrimônio, ditadura e direitos humanos.** Monografia (Bacharelado em História). Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.

ANDERSON-MINSHALL, Diane. **Legendary Gay Bar Owner in New Orleans Dies at 101.** In: Advocate. 19 de novembro de 2011. Disponível em: <<https://www.advocate.com/news/daily-news/2011/11/19/legendary-lesbian-bar-owner-miss-dixie-dies-101>>. Último acesso em: 30/11/2018.

ARCUS FOUNDATION. **Arcus Culture.** 2014. Disponível em: <<https://www.arcusfoundation.org/arcus-culture/>>. Último acesso em: 30/11/2018.

ASHBURN, Elizabeth. **Drag Shows: Drag Kings and Male Impersonators.** In: GLBTQ Encyclopedia. 2015. Disponível em: <http://www.glbtqarchive.com/arts/drag_kings_A.pdf>. Último acesso em: 29/11/2018.

AVERY, Dan. **Billions Of Bugs Are Having Gay Sex, A National LGBT Museum, Marriage In New Mexico: Today In Gay.** In: New Now Next. 10/2013. Disponível em: <<http://www.newnownext.com/billions-of-bugs-having-gay-sex-by-mistake-today-in-gay/10/2013/>>. Último acesso em: 29/11/2018.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. **Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero.** In: Cadernos do CEOM - Museologia Social - Ano 27, n. 41. Chapecó: Unochapecó. Dez. 2014. Pp. 175-192. Disponível em:

<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2602/1501>>.

Último acesso em: 06/11/2018.

BARROS, Juliana; et al. **Queermuseu: Os perigos da censura e do avanço conservador para a democracia.** In: Revista Cult. 13/09/2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/queermuseu-censura-avanco-conservador-democracia/>>.

Último acesso em: 29/11/2018.

BAYARD RUSTIN LGBT COALITION. **About Us.** s/d. Disponível em: <<http://bayardrustincoalition.com/mission/>>. Último acesso em: 30/11/2018.

BEEMYN, Genny. **Transgender History in the United States.** E-book. 2014. Disponível em <https://www.umass.edu/stonewall/sites/default/files/Infoforandabout/transpeople/genny_bee_myn_transgender_history_in_the_united_states.pdf>. Último acesso em: 29/11/2018.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação.** In: Cadernos Pagu. n. 26. Campinas: UNICAMP. Jan/jun. 2006. p.329-376.

BUTLER, Judith. **Sujeitos do sexo/ gênero/ desejo.** In: _____. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2015. p. 17-70.

CAPPS, Kriston. **National LGBT Museum - It's not likely, but it sure is needed.** In: Washington City Paper. 06/06/2014. Disponível em: <<http://www.washingtoncitypaper.com/news/article/13045631/national-lgbt-museum-its-not-likely-but-it-sure-is>>. Último acesso em: 29/11/2018.

CARNEIRO, Júlia Dias. **'Queermuseu', a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio.** In: BBC Brasil. 16 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>>. Último acesso em: 30/11/2018.

CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica.** In: _____. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1982. pp. 105-119.

CISION PR NEWSWIRE. **National LGBT Museum Chooses New York as Site for Museum, appoints Jennings Co-Chair.** 29/04/2015. Disponível em: <<http://www.prnewswire.com/news-releases/national-lgbt-museum-chooses-new-york-as-site-for-museum-appoints-jennings-co-chair-300071349.html>>. Último acesso em: 29/11/2018.

COOPER, Rebecca. **National LGBT Museum abandons plans for D.C., sets sights on New York.** In: Biz Journals. 19/01/2016. Disponível em: <<https://www.bizjournals.com/washington/blog/top-shelf/2016/01/national-lgbt-museum-abandons-plans-for-d-c-museum.html>>. Último acesso em: 29/11/2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo: Boitempo. 2016.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em Duelo.** In: Cadernos Pagu (17/18). Campinas: UNICAMP. 2001/02. Pp.9-79.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade do saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2013.

GOLIN, Célio. **Uma Cidade pelas Margens: quando uma exposição não é só uma exposição (por Célio Golin).** In: Sul21. 02 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2017/03/uma-cidade-pelas-margens-quando-uma-exposicao-nao-e-so-uma-exposicao-por-celio-golin/>>. Último acesso em: 30/11/2018.

GREEN, Erica; BENNER, Katia; PEAR, Robert. **Governo Trump quer excluir existência de pessoas transgênero da lei federal.** In: Folha de São Paulo. 21 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/governo-trump-quer-excluir-existencia-de-pessoas-transgenero-da-lei-federal.shtml>>. Último acesso em: 30/11/2018.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** In: Cadernos Pagu. Campinas: UNICAMP. 1995. pp. 07-41.

HATS, Bruno. **corpo-poesia.** In: Cursinho Popular Transformação; Transarau. Antologia Trans. São Paulo. 2017. p. 77-78.

HILLSTROM, Laurie Collier. **Defining Moments: The Stonewall Riots.** Detroit: Omnigraphics Inc. 2016. Cópia sem referência de páginas.

HOFFMAN, Allison. **Gay CEO on a Christian Loveseat: Fortuniture mogul Mitchell Gold eschews glitzy Democratic confabs for coffe talk with evangelicals.** In: Tablet United States. 04/09/2012. Disponível em: <<http://www.tabletmag.com/jewish-news-and-politics/110977/gay-ceo-on-a-christian-loveseat>>. Último acesso em: 29/11/2018.

HUMAN RIGHTS CAMPAIGN. **HCR Story**. 2018. Disponível em: <<https://www.hrc.org/hrc-story>>. Último acesso em: 30/11/2018.

LAQUEUR, Thomas. **Da linguagem e da carne**. In: Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. pp. 13-40.

KANE, Chris. **LGBT museum seeks to preserve our history**. In: Washington Blade. 02/10/2013. Disponível em: <<http://www.washingtonblade.com/2013/10/02/lgbt-museum-seeks-preserve-history/>>. Último acesso em: 29/11/2018.

KOSKOVICH, Gerard. **Displaying the Queer Past: Purposes, Publics and Possibilities at the GLBT History Museum**. In: QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking. East Lansing: Michigan State University Press. 2014. p. 61-78.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2007, 9ª ed.

MATZNER, Andrew. **Stonewall Riots**. In: GLBTQ Encyclopedia. 2015. Disponível em: <http://www.glbqtarchive.com/ssh/stonewall_riots_S.pdf>. Último acesso em: 29/11/2018.

MILLEN, Lainey. **LGBT MUSEUM HOLDS FUNDRAISER**. A Wider Bridge. 06/12/2013. Disponível em: <<http://awiderbridge.org/national-lgbt-museum-holds-fundraiser/>>. Último acesso em: 29/11/2018.

MOTT, Luiz; et al. **Mortes Violentas de LGBT's no Brasil – Relatório 2017**. 2018. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>>. Último acesso em: 29/11/2018.

MICHELS, Eduardo; OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Homicídios de LGBT no Brasil em 2018**. Novembro de 2018. Disponível em: <<https://homofobiamata.wordpress.com/homicidios-de-lgbt-no-brasil-em-2018/>>. Último acesso em: 29/11/2018.

MOURA, Fernanda. **Não existe “ideologia de gênero”**. [19 de outubro, 2018]. Entrevista concedida a Professores contra o escola sem partido. Disponível em: <<https://professorescontraoescolasepartido.wordpress.com/2018/10/19/nao-existe-ideologia-de-genero/>>. Último acesso em: 29/11/2018.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.8, n. 2, 2000.

O',CONNELL, Jonathan. **Gay couple Tim and Mitchell Gold behind effort to open LGBT museum in D.C.** In: Washington Post. 11/01/2013. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/entertainment/museums/gay-couple-tim-and-mitchell-gold-behind-effort-to-open-lgbt-museum-in-dc/2013/01/10/f05b7eda-5922-11e2-88d0-c4cf65c3ad15_story.html?utm_term=.29a480bce536>. Último acesso em: 29/11/2018.

OLIVEIRA, João Felipe Zini Cavalcanti de; PORTO, Tauane Caldeira. **A Transfobia e a Negação de Direitos Sociais: A Luta de Travestis e Transexuais pelo Acesso à Educação**. In: Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016. p.322-336.

Dictionary OXFORD. **Queer**. 2018. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/queer>>. Último acesso em: 30/11/2018.

PETTIS, Ruth M. **Homophile Movement, U.S.** In: GLBTQ Encyclopedia. 2015. Disponível em: <http://www.glbtqarchive.com/ssh/homophile_movement_S.pdf>. Último acesso em: 29/11/2018.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV. 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael: **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV. 1989, p. 3-15.

POP-UP MUSEUM OF QUEER HISTORY. **About**. 2018. Disponível em: <<http://www.queermuseum.com/about>>. Último acesso em: 30/11/2018.

ROMESBURG, Don. **Presenting the Queer Past - A Case for the GLBT History Museum**. Radical History Review. Durham: Duke University Press. 2014. p. 131-144.

RYAN, Hugh. **The Quest to Build a National LGBT Museum**. In: Slate. 18/10/2013. Disponível em:

<http://www.slate.com/blogs/outward/2013/10/18/national_lgbt_museum_coming_soon_to_the_national_mall.html>. Último acesso em: 29/11/2018.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SCHREIBER, Katherine. **Why Are Suicide Rates Higher Among LGBTQ Youth?**. In: Psychology Today. 12 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/intl/blog/the-truth-about-exercise-addiction/201710/why-are-suicide-rates-higher-among-lgbtq-youth>>. Último acesso em: 30/11/2018.

SILVA, Ana Celina Figueira da. **INVESTIGAÇÕES E EVOCAÇÕES DO PASSADO: O Departamento de História Nacional do Museu Julio de Castilhos (Porto Alegre-RS, 1925 1939)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2018.

SMITHSONIAN INSTITUTION. **About**. s/d. Disponível em: <<https://www.si.edu/about>>. Último acesso em: 30/11/2018.

STEINBACH, Jesse. **National LGBT Museum to Come to NYC**. In: Out Traveler. 30/04/2015. Disponível em: <<https://www.outtraveler.com/features/2015/04/30/national-lgbt-museum-come-nyc>>. Último acesso em: 29/11/2018.

STEORN, Patrik. **Queer in the museum - methodological reflections on doing queer in museum collections**. In: Lambda Nordica: Queer Methodologies. 2010. p. 119-136. Disponível em: <<http://www.lambdanordica.se/wp-content/uploads/2011/11/2010-34-Steorn-Museum.pdf>>. Último acesso em: 29/11/2018.

STONEWALL NATIONAL MUSEUM & ARCHIVES. **About**. s/d. Disponível em: <<https://www.stonewall-museum.org/about-us/>>. Último acesso em: 02/11/2018.

SUÉCIA. Swedish Exhibition Agency (Riksställningar). **MUSEUMS AND LGBTQ**. 2016. Disponível em: <<http://www.kulturradet.se/Documents/Hbtq/MUSEUMS%20AND%20LGBTQ.pdf>>. Último acesso em: 29/11/2018.

THEOPHANO, Teresa. **Butch-Femme**. In: GLBTQ Encyclopedia. 2015. Disponível em: <http://www.glbtqarchive.com/ssh/butch_femme_ssh_S.pdf>. Último acesso em: 29/11/2018.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999.

VELVET FOUNDATION. **About**. Nova York. 2016. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/about>>. Último acesso em: 29/11/2018.

VELVET FOUNDATION. **Collections**. Nova York. 2016. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/collections>>. Último acesso em: 29/11/2018.

VELVET FOUNDATION. **Collections Policy**. Nova York. 2016. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/collections-policy>>. Último acesso em: 29/11/2018.

VELVET FOUNDATION. **Preview Our Collections**. Nova York. 2016. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/preview-our-collections>>. Último acesso em: 29/11/2018.

VELVET FOUNDATION. **Strategic Planning – Here I Am**. Nova York. 2016. Disponível em: <<http://www.nationalmuseum.nyc/strategic-planning>>. Último acesso em: 29/11/2018.

ZERVIGON, Andres Mario. **Dragqueens and Female Impersonators**. In: GLBTQ Encyclopedia. 2015. Disponível em: <http://www.glbqtarchive.com/arts/drag_queens_A.pdf>. Último acesso em: 29/11/2018.

WAKIMOTO, Diana Kiyō. **“You need to know your history”: Histories and Historiography of Queer Communities in the United States with Emphasis on California**. In: Queer Community Archives in California Since 1950. Tese, Doutorado em Filosofia. School of Information Systems. Science and Engineering Faculty. Queensland University of Technology. 2012. p. 13-39.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2009. p. 12-42.

GLOSSÁRIO

A fim de elucidar alguns termos do “universo *queer*” norte-americano, segue abaixo este sucinto glossário.

Butch and Femme culture – Seria simplificador traduzir *butch* para “lésbica com expressão de gênero masculino” e *femme* para “lésbica com expressão de gênero feminina”. Observando rapidamente, estes seriam os resumos dos dois conceitos. Todavia, há uma cultura *butch/femme* na história estadunidense. Segundo Teresa Theophano (2015),

“Os conceitos de identidades *butch* e *femme* tem sido fervorosamente debatidos dentro da comunidade lésbica, ainda assim atingir um consenso do que exatamente os termos ‘*butch*’ e ‘*femme*’ significam pode ser extraordinariamente difícil” (THEOPHANO, 2015, p. 1)¹¹⁶.

A autora explica que essas denominações surgiram entre o final do século XIX e início do século XX e, entre as décadas de 1930 e 1950 se popularizaram na comunidade lésbica estadunidense. Inclusive, nos anos 1950, os casais formados por uma *butch* e uma *femme* eram os considerados “normais” dentro da comunidade lésbica daquele período. Ainda, Theophano elucida que, atualmente, esta cultura está ultrapassada e o universo das relações de mulheres com mulheres (lésbicas, bissexuais, pansexuais e polissexuais) é muito mais complexo. Muitas consideram os termos *butch* e *femme* como “rótulos” simplistas do passado, enquanto outras continuam a se identificar tendo em vista suas expressões de gênero, mas não necessariamente enquadrando as relações afetivo-sexuais que nutrem.

Crossdresser – Pessoa que se veste com roupas associadas ao gênero oposto daquele que lhe foi designado ao nascer.

Beemyn (2014) explica que há um movimento antigo de *crossdressers* nos Estados Unidos. A autora conta que em 1952, mesmo ano que Christine Jorgesen se tornou um fenômeno midiático internacional¹¹⁷, foi criada a *Transvestia: The Journal of the American Society for Equity in Dress* [Transvestia: O Jornal da Sociedade Americana por Equidade na Vestimenta], liderado por Virginia Prince, que impulsionou que muitas pessoas se aceitassem e se assumissem enquanto *crossdressers*, o que é muito significativo levando em conta que naquele período cidadãos e cidadãs eram presos(as) por não se vestirem “conforme seu gênero”.

¹¹⁶ “The concept of butch and femme identities have long been hotly debated within the lesbian community, yet even achieving a consensus as to exactly what the terms “butch” and “femme” mean can be extraordinarily difficult”.

¹¹⁷ Devido a sua transexualidade e os procedimentos que realizou em seu corpo para que ele estivesse de acordo com a sua identidade de gênero autopercebida.

Dragqueen e Dragking – *Drag* é uma performance artística que explora, principalmente, estereótipos de gênero no binário masculino/feminino – mas não se resume a isto, é uma arte que busca explorar as expressões de gênero de maneira exagerada. A arte *drag*, apesar de ser proveniente e parte da cultura *queer*, pode ser realizada por qualquer um. *Dragqueens* são aqueles/as que performam e exploram o gênero feminino; *dragkings*, performam e exploram o gênero masculino. Normalmente quem faz *Drag* cria uma personagem para interpretar.

Conforme Andres Mario Zervigon (2015) elucida,

A origem do termo “dragqueen” não é clara. Talvez venha de um xingamento/gíria de Elizabethan (ao referir-se a uma prostituta) ou talvez provenha do uso do termo aplicado a intérpretes de personagens femininos como uma consequência dos extravagantes bailes *drag* do início do século XX, precursores dos shows de drag que começaram a ser associados a bares gays e clubes noturnos no período entre-guerras (ZERVIGON, 2015, p.1).¹¹⁸

Dessa maneira, compreendemos que a arte *drag* surgiu no período entre-guerras e, por muitos anos foi discriminada, sobretudo no período McCarthy.

Atualmente, após a popularidade do *reality show* *Rupaul’s Drag Race*, ultrapassou as fronteiras estadunidenses e tornou-se uma arte internacionalmente famosa que é praticada, consumida e apreciada por pessoas do mundo inteiro.

Queer – A partir do dicionário Oxford (2018), podemos afirmar que *queer* é um termo utilizado (em países de língua inglesa) para denominar qualquer pessoa que não esteja de acordo com as normas e padrões de gênero e desejo sociais. Ou seja, toda, todo e tode aquela/e/ie que tenha orientação sexual, identidade de gênero ou expressão de gênero divergentes da cisheteronormatividade é considerado *queer* nos Estados Unidos.

O termo surgiu no século XVI, significava “perverso” e, até hoje, o primeiro significado que aparece no dicionário é “estranho, esquisito”. Era utilizado como um xingamento contra pessoas LGBTQ+, mas foi ressignificado e, hoje, é um dos termos mais potentes na luta pela liberdade, justiça e igualdade no que condiz à diversidade de gêneros e sexualidades.

Transgênero/a/e – No Brasil, o termo transgênero costuma ser utilizado estritamente para pessoas que divergem da cisnormatividade no que condiz à identidade de gênero (homens e mulheres transexuais, travestis¹¹⁹ e transgêneros não-binários¹²⁰). Todavia, nos Estados

¹¹⁸ “The origin of the phrase drag queen is unclear. It may derive from Elizabethan slang (queen referring to a strumpet) or may have come to be applied to female impersonators as a consequence of the extravagant drag balls of the earlier twentieth century, a precursor of the drag shows that became associated with gay bars and nightclubs in the period between the world wars”.

¹¹⁹ Identidade não contemplada neste trabalho, pois concerne à América Latina.

Unidos, essa palavra abrange todas as pessoas de gênero inconforme, seja na expressão ou na identidade de gênero (BEEMYN, 2014). Isso significa, que transgênero/a/e é termo guarda-chuva, que abriga *crossdressers*, *dragkings* e *dragqueens*, homens e mulheres transexuais e trans não-binárias — como *gender fluid* e *agender* [gênero fluído e agênero].

¹²⁰ E, infelizmente, ainda há disputas no que condiz à inserção de pessoas trans não-binárias dentro da transgenereidade. Isto porque existe uma lógica de pensamento cisnormativa muito forte dentro do movimento trans brasileiro, que afirma que trans é a pessoa que necessariamente vai querer realizar transformações corporais. Considero essa afirmação cisnormativa, porque ela facilmente cai na dicotomia: “cis: correto, desejável” versus “trans: errado – portanto deve ser corrigido”. Assim, a disputa se dá porque pessoas não-binárias quebram completamente com os padrões e expectativas cisnormativas binariedade, o que significa que as suas corporificações não passam necessariamente por hormonização e cirurgias.